

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
CLÁUDIA VALENTE CAVALCANTE

**JOVENS E ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS  
URBANO E VIRTUAL**

GOIÂNIA  
2010

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
CLÁUDIA VALENTE CAVALCANTE

**JOVENS E ESTRATÉGIAS EDUCATIVAS DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS  
URBANO E VIRTUAL**

Dissertação apresentada à Branca Examinadora  
do Mestrado em Educação da Pontifícia  
Universidade Católica de Goiás – PUC-Goiás  
como requisito parcial para a obtenção do título  
de Mestre em Educação, sob orientação da  
Prof<sup>a</sup>. Dra. Maria Tereza Canezin Guimarães.

GOIÂNIA  
2010

C376j Cavalcante, Cláudia Valente.  
Jovens e estratégias educativas de apropriação dos espaços urbano e virtual / Cláudia Valente Cavalcante. – 2010.

134 f.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2010.

“Orientação: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Tereza Canezin Guimarães”.

1. Jovens – comunidade virtual – estratégias educativas e simbólicas. 2. Internet – comunidade virtual – jovens. I. Guimarães, Maria Tereza Canezin. II. Título.

CDU: 316.472.4-053.6(043.3)  
316.346.32-053.6  
004.738.5

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
PROGRAMA DE PRÓ-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
CLÁUDIA VALENTE CAVALCANTE

## **JOVENS E ESTRATÉGIAS DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANO E VIRTUAL**

Dissertação defendida no Curso de Mestrado em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás para a obtenção do grau de Mestre, aprovada em 15 de setembro de 2010, pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes professores:

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Tereza Canezin Guimarães  
(Presidente/PUC Goiás)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Edna Mendonça de Oliveira Queiroz  
(Membro/UFG)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Joana Peixoto  
(Membro /PUC Goiás)

---

Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Wivian Weller  
(Membro/Unb)

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais, grande incentivadores da formação intelectual, Sr. Antônio Magalhães Cavalcante (*in memoriam*) e Sra. Cecy Valente Cavalcante e meus irmãos Jefferson, Júnior e minhas irmãs Lúcia e Cíntia; aos sobrinhos, Dimitri, Nathalia, Matheus e Enzo. E em especial, à cunhada Viviane Chalub Cury (*in memoriam*) que precocemente nos deixou.

## **AGRADECIMENTOS**

Em especial, à Professora Dr<sup>a</sup> Maria Tereza Canezin Guimarães pela formação intelectual e orientação na realização desse estudo.

Às professoras Dr<sup>a</sup>. Joana Peixoto por suas contribuições fundamentais à

Investigação, às Dr<sup>a</sup>. Edna Mendonça de Oliveira Queiroz e Dr<sup>a</sup> Wivian Weller pela participação na banca de defesa.

Aos jovens da Comunidade Jardim Novo Mundo, sujeitos dessa pesquisa, que me permitiram compartilhar suas vidas tanto real quanto virtual.

À Sra. Darcy Costa por sua orientação lingüística.

Aos membros do grupo de trabalho Agrupamentos e culturas juvenis: espaço de sociabilidade e formação: Aldimar, Maria Edimaci, Fabíola, Rosilda, Rosenilda, Lianna e Daniela.

Ao meu companheiro Marcelo Lobo pela compreensão dos intermináveis fins-de-semana de estudo.

## RESUMO

Em decorrência de mudanças resultantes dos avanços tecnológicos no mundo, novos espaços de sociabilidade e formação estão se constituindo na sociedade. No campo informacional, em especial, o ciberespaço tem proporcionado novas possibilidades de interação e de comunicação e as comunidades virtuais estão se tornando cada vez mais populares entre os jovens. Este trabalho procura entender como jovens de camadas populares lidam com a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo e quais estratégias educativas e sociais utilizam para inserção no mundo digital e no real. Com base nos referenciais de Pierre Bourdieu, considera-se que as formas de perceber e apreciar o mundo diferem conforme a posição na estrutura social dos agentes sociais, cujos gostos e estilos de vida estão ligados a sua posição no espaço social. Para efeito analítico, faz-se uso do conceito de estratégia, que se refere à capacidade de o agente participar do jogo em diferentes campos sociais e à apropriação e/ou manutenção de distintas espécies de capital. A questão norteadora é saber como os jovens utilizam estrategicamente a comunidade virtual para elevarem os seus capitais tanto cultural como social. Em que medida essas estratégias podem ser consideradas estratégias educativas e sociais? Para responder à questão, foram utilizados questionário, entrevista *online* e observação de uma comunidade virtual que permitiram apreender a dinâmica e a forma de inserção sociocultural dos jovens e as representações sociais e práticas de uso da Internet. Os participantes da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo revelaram modos distintos de ser jovem: um grupo percebe a juventude como um tempo de aproveitar a vida e outra pela ausência dessa liberdade. A escola é percebida como um fator de mobilidade e aquisição de bens simbólicos. A trajetória escolar é descontínua, assim como dos seus pais. O trabalho é tido como uma atividade realizada para sobrevivência. A religião é importante para alguns jovens que a veem como arrimo e as igrejas como espaços de sociabilidade. Por estarem fora da escola, os jovens da pesquisa tentam manter-se inseridos no mundo sociocultural por meio da Internet, adquirindo capital cultural e social por meio de estratégias educativas individuais e coletivas. A Comunidade Jardim Novo Mundo representa o bairro dos jovens pesquisados e, para eles, é espaço de resistência, de contestação da imagem negativa veiculada pelas mídias. Também é um espaço de sociabilidade, de formação e de divulgação do seu trabalho. Em geral, os jovens acessam as redes sociais em *lanhouses* do bairro, lócus em que a aprendizagem colaborativa se efetiva. A compreensão das relações existentes entre juventude, escola, família, religião, trabalho e redes sociais, permite afirmar que os jovens pesquisados da Comunidade Jardim Novo Mundo, necessariamente, constroem estratégias educativas para manterem-se no mundo sociocultural.

**Palavras-chave:** jovens, comunidade virtual, estratégias educativas e simbólicas

## ABSTRACT

Due to technological advance changes new spaces for sociability and formation are being set up in society, in particular, the cyberspace has extended new possibilities of interaction and communication as well as virtual societies are becoming more popular among youngsters. This work aims to understand how youngsters from different backgrounds deal with Jardim Novo Mundo Virtual Community and which educational and social strategies are being used in order to achieve digital and real life insertion. Based on Pierre Bourdieu references the world appreciation and perception varies according to the social position of the social agents, in which tastes and lifestyles are attached to their social space position, Strategy concept is used for analytical purposes and it refers to the agent capacity of taking action in different social fields along with ownership and maintenance of different types of capital. The main question is to know how these youngsters are taking advantage of the virtual community to raise both cultural and social capital. To what extent these strategies meet educational and social purposes? Aiming to answer this question a questionnaire, online and face to face interview and observation of a virtual community were used which have enabled apprehend the dynamics and socialcultural insertion forms of the young people and the social representations and practices of use of Internet. The Jardim Novo Mundo Virtual Community participants expose two different concepts of being young: a group perceives youth as time to enjoy life and the other group manifests the absence of such freedom. The school is perceived not only as a mobility factor, but also as a symbolic goods acquisition way. The school trajectory is discontinuous as their parents'. Work is taken as an activity carried out for survival. Religion is an important issue for some youngsters as an upholder and spaces of sociability venues. For those out of school they tried to be connected to the socialcultural environment through Internet, therefore obtaining social and cultural capital through both individual or collective strategies. The Jardim Novo Mundo Community comprises the youngsters highlighted in this research and for them it is a resistance area to challenge negative media portrait. It is also a place for sociability, formation and work presentation. Summing up, youngsters access social networks at local lanhouses where collaborative learning is effective. The comprehension of youth relations, school, family, religion, work and social networks allows us to state that these young people build up their own educational strategies to take part in the sociocultural world.

**Keywords: youngsters, virtual community, symbolic educational strategies.**



## LISTA DE SIGLAS

BBS – Bolletín Board System ( fórum eletrônico)

BDP– Bonde dos Pegadores

BIC/PIBIC – Bolsa de Iniciação Científica e Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

Cern – *Centre Européen pour Recherche Nucleaire*

Cetic – Centro de estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação

CGI – Comitê Gestor da Internet

CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

EJA – Educação de Jovens e Adultos

EUA – Estados Unidos da América

Ibase –Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDRC – *International Development Research Centre*

IP – *Internet Protocol* (protocolo de interconexões)

JNM – Jardim Novo Mundo

HTML – *Hypertext Markup Language* ( Linguagem de Marcação de Hipertexto )

HTTP – *Hipertext Transfer Protocol* (Protocolo de Transferência de Hipertexto)

MEC – Ministério da Educação e Cultura

MSN – *Microsoft System Network Messenger*

MTV – *Music Television*

MUDs – *Multi-User Dungeon*

OIT – Organização Internacional do Trabalho

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONU – Organização das Nações Unidas

PC – Personal Computer ( computador pessoal)

Pnad – Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílios

PNBL – Plano Nacional de Banda Larga

Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

PUC – Pontifícia Universidade Católica

Rais – Relação Anual Informações Sociais

RPA – *Rhythm and Poetry*

Sepin – Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás

TICs – Tecnologias de Informação e de Comunicação

TCP – *Transmission Control Protocol* (protocolo de controle de transmissão)

UFF – Universidade Federal Fluminense

URL – *Uniform Resource Locator* (localizador padrão de recursos)

WWW – *World Wide Web*

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>5</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>6</b>
<b>LISTA DE SIGLAS.....</b>	<b>7</b>
<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>9</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>SOCIEDADE INFORMACIONAL E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E</b>	
<b>COMUNICAÇÃO.....</b>	<b>24</b>
1.1 Internet como divisor de águas na sociedade em rede.....	28
1.2 Novas formas de comunicação na sociedade informacional.....	32
1.3 Noção de tempo e espaço na sociedade informacional: o ciberespaço .....	34
1.4 Comunidades virtuais: potencialização do real.....	38
1.5 Jovens e sua relação com as comunidades virtuais e redes sociais.....	42
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>JOVENS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS EM RELAÇÃO ÀS AGÊNCIAS</b>	
<b>SOCIALIZADORAS CLÁSSICAS.....</b>	<b>48</b>
2.1 Traços identificatórios dos sujeitos jovens da pesquisa.....	53
2.1.1 Jovens e arranjos familiares.....	57
2.2 Modos de ser jovem.....	59
2.2.1 Jovens e a religião.....	64
2.3 Jovens e a trajetória escolar.....	67
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>JOVENS E ESTRATÉGIAS DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANO E</b>	
<b>VIRTUAL.....</b>	<b>75</b>
3.1 Jovens e modos de apropriação do espaço urbano.....	81
3.2 Jovens e o espaço virtual: sentidos atribuídos à Comunidade Virtual Jardim Novo	
Mundo.....	93
3.2.1 Jovens e estratégias de formação.....	101
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>112</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>119</b>
<b>ANEXOS</b>	
Anexo 1– Roteiro do questionário aplicado aos jovens.....	126
Anexo 2– Roteiro de entrevista com os jovens.....	131

## INTRODUÇÃO

Este trabalho discute as estratégias educativas utilizadas por jovens de camadas populares para lidar com as condições juvenis estabelecidas pelas mudanças da sociedade contemporânea por meio do espaço virtual, mais especificamente, a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo. Os jovens que participaram deste estudo são residentes do Jardim Novo Mundo, trabalhadores ou desempregados, ex-alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA), membros da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo, vivem em condições precárias e possuem baixo capital cultural e econômico. Nessas condições, os jovens lançam mão de diversas estratégias para sua inserção no mundo social.

Estratégia, um conceito desenvolvido por Bourdieu (*apud* CANEZIN *et al.*, 2007) refere-se à capacidade de participação no jogo do qual o agente faz parte nos diferentes campos sociais, no tocante à apropriação ou à manutenção de diferentes espécies de capital. Esses capitais convertem-se simbolicamente em um conjunto de direitos oficialmente garantidos a todos. Bourdieu (*apud* NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2006) destaca quatro tipos de capital: o econômico, o cultural, o social e o simbólico. O capital econômico refere-se ao conjunto de bens econômicos, como renda, patrimônio e bens materiais. O capital cultural corresponde ao conjunto de qualificações intelectuais produzido pela escola ou transmitido pela família. O capital cultural pode existir em três formas: em estado incorporado, ligado à questão do corpo, aos modos de comportamento, de falar em público; em estado objetivo, tais como as obras de arte; e em estado institucionalizado, aquele socialmente estabelecido pelas instituições como no caso dos títulos acadêmicos. O capital social refere-se às redes de relações sociais de um grupo ou indivíduo e está ligado à rede de sociabilidade. O capital simbólico corresponde ao conjunto dos rituais ligados ao prestígio e à honra. (BONNEVITZ, 2006).

As estratégias são construídas em campos, entendidos como espaços de produção e de circulação de bens culturais e simbólicos, permeados por relações de poder expressas em conflitos, lutas, consensos entre os diversos agentes que, dispostos hierarquicamente, utilizam diferentes estratégias para apropriação e/ou domínio de bens como formas de autoridade, legitimidade e prestígio (CANEZIN, 2002a).

O objetivo geral dessa pesquisa foi investigar os jovens e os novos espaços de formação e sociabilidade na sociedade em rede, e seus objetivos específicos são analisar

os jovens e as relações sociais construídas no espaço nas comunidades virtuais e identificar as estratégias que os jovens utilizam para criarem espaços de inserção no mundo social. A proposta do trabalho consistiu em ampliar os conhecimentos sobre a juventude e as práticas de uso da Internet, levando em consideração elementos concretos das realidades dos sujeitos desta pesquisa e a sua percepção sobre o mundo em que vivem, sobretudo a sua relação com a Internet. O presente trabalho, nesse movimento investigatório, buscou apreender os elementos que constituem os diversos modos de ser jovem, ante as transformações sociotecnológicas que produzem novas maneiras de formação e sociabilidade.

O interesse pelo problema percorreu um caminho que começou, ainda de forma embrionária, no curso de graduação em Pedagogia na PUC-Goiás na condição de bolsista da Bolsa de Iniciação Científica Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (BIC-PIBIC) no Grupo de Pesquisa Juventude e Educação, cadastrado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) e vinculado ao Mestrado e Doutorado em Educação da PUC-Goiás, na linha de pesquisa Educação e Cultura. O subprojeto do referido grupo, intitulado *Agrupamentos e culturas juvenis: espaços de sociabilidade* e de formação, está vinculado ao projeto básico *O Proeja<sup>1</sup> indicando a reconfiguração do campo da Educação de Jovens e Adultos com qualificação profissional – desafios e possibilidades<sup>2</sup>*.

O subprojeto busca investigar jovens, de origem popular, em relação a redes de sociabilidade e processos de formação. Entende-se camadas populares como um conceito que compreende as práticas sociais e políticas dos agentes em movimento e organizadas em espaços heterogêneos resultantes das diversas experiências de dominação, de processos de trabalhos e culturais (CANEZIN; DUARTE, 2009). Os jovens são percebidos como agentes que se movimentam em espaços urbanos marcados por exclusão social. Esse subprojeto compreende duas fases. A primeira fase realizada entre 2007 e 2008, investigou jovens que, por razões diversas, abandonaram os estudos e os retomaram em condições familiares, econômicas e sociais bastante desfavoráveis à sua permanência no sistema de ensino. Algumas questões nortearam essa fase da

---

<sup>1</sup> Proeja – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

<sup>2</sup> O projeto tem por foco a investigação dos processos de implementação da educação profissional integrada à Educação de Jovens e Adultos (EJA), nos âmbitos do Proeja em Goiás e da rede pública de ensino no Distrito Federal. O projeto conta com três subprojetos desenvolvidos nas instituições de ensino superior: Universidade Federal de Goiás (UFG), Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-Goiás) e Universidade de Brasília (UnB).

investigação: quem são estes jovens? Para além da condição *aluno*, como esses jovens vivem a condição juvenil? As instituições sociais tradicionais, como a escola, família e religião, são referências simbólicas no processo de formação do *ser jovem*? Quais estratégias esses jovens criam e recriam para se inserirem no espaço urbano?

A segunda fase, que está em andamento, compreende os períodos de 2009 a 2011, e investiga jovens, as redes de sociabilidade e culturas juvenis. Nessa fase, já foram realizados: a) um levantamento, visando mapear os mais significativos agrupamentos juvenis presentes no território urbano escolhido; b) pesquisas qualitativas mediante estudos de casos que possibilitaram apreender a dinâmica e a forma de inserção sociocultural dos jovens, bem como as representações sociais e práticas dos agrupamentos juvenis e dos jovens em termos de pertencimento identitário. O presente trabalho de dissertação insere-se nessa fase do projeto.

Quanto ao tema juventude e às comunidades virtuais e *lanhouses*, a curiosidade em pesquisá-lo revelou-se a partir do momento em que foi percebida a presença significativa de jovens em centros de acesso pago à Internet – as *lanhouses* – nas periferias e quando a pesquisadora passou ser usuária das redes de relação social na Rede Mundial de Computadores.

Durante o processo de investigação de jovens de camadas populares, a temática tornou-se evidente. O contato com esses jovens estimulou e ampliou a curiosidade, a respeito do tema, fazendo que houvesse uma maior proximidade com a questão da relação dos jovens com as novas tecnologias. Desde essa aproximação, foi possível fazer algumas reflexões acerca de jovens de camadas populares e suas práticas de uso da Internet.

Ao longo desses anos de pesquisa, pôde-se observar o interesse dos jovens em relação à Internet e, em especial, às redes de relações sociais e sua adesão expressiva ao mais famoso *site* de relacionamento no Brasil *Orkut*. O objeto da pesquisa foi sendo construído à medida que houve aprofundamento nas teorias e concepções sobre a juventude e o contato com a pesquisa empírica.

A proposta de pesquisa exposta tem como temática principal a juventude, mais especificamente, os jovens de camadas populares e suas interfaces com as comunidades virtuais, trabalho desenvolvido com jovens da Comunidade virtual Jardim Novo Mundo, localizada no *site* de rede social *Orkut*.

## A temática

Os jovens são desafiados, sobretudo nos espaços urbanos, a construir novas formas de sociabilidade. Pela falta de opção de lazer nos bairros periféricos, é cada vez mais comum encontrá-los conectados à Internet em *lanhouses*. Nesses espaços, jovens acessam jogos, vídeos, fazem pesquisa e participam de *sites* de relacionamento e de comunidades virtuais. Atualmente, o Brasil é o primeiro país da América Latina que mais acessa *sites* de redes de sociabilidade, segundo Relevância.net<sup>3</sup> Dados dos relatórios de 2006, 2007 e 2008 do Comitê Gestor da Internet (CGI) revelam também um crescimento expressivo do uso de computadores em centro de acesso pago, as *lanhouses*.

Na Região Leste de Goiânia, esse fenômeno tem sido evidenciado de forma preponderante. Próximos a uma das escolas pesquisadas, foram encontradas onze *lanhouses*. O Governo Federal apresentou o Plano Nacional de Banda Larga (PNBL), cujos objetivos são reduzir em cerca de 70% o preço médio cobrado pelo serviço atual no país, e até 2014, pretende atender 88% da população brasileira e levar banda larga de baixo custo e alta velocidade a 4.278 municípios, localizados em 26 capitais brasileiras, incluindo o Distrito Federal. No entanto, atualmente, o acesso da população de baixa renda à Internet, ainda se dá por meio da *lanhouse* como aponta o Comitê Gestor da Internet<sup>4</sup>.

Problematizar os jovens na contemporaneidade pressupõe reconhecer que são categorias históricas e sociais. Estudos de Sposito (2005); Canezin e Queiroz (2005) constatam que as ações de intervenção do poder público e de outras instâncias da sociedade civil, no que se refere aos jovens na sociedade brasileira, ainda são pontuais, fragmentadas e, em geral, expressam concepções equivocadas a respeito deles. A realidade aponta uma problemática: quem são os jovens dos dias atuais. A condição juvenil (ABRAMO *et al.*, 2005) instiga investigações que apreendam os jovens para além dos estereótipos que, em geral, permeiam o campo educacional e os responsáveis pela formulação de políticas públicas que os concebem na perspectiva do *problema social* ou de *vulnerabilidade e risco*. Cabe ressaltar que as instituições acadêmicas

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://relevancia.tangosymangos.com/quase-70-dos-usuarios-de-Internet-do-brasil-usam-redes-sociais>>. Acesso em mar 2009.

<sup>4</sup> Disponível em; <[http://op.ceptro.br/cgi-bin/indicadores\\_cgib2009?pais=brasil&estado=go&academia=academia&age=de-35-a-44-anos&education=pos-mestrado&purpose=pesquisa-academica](http://op.ceptro.br/cgi-bin/indicadores_cgib2009?pais=brasil&estado=go&academia=academia&age=de-35-a-44-anos&education=pos-mestrado&purpose=pesquisa-academica)> Acesso em: mar 2009.

podem contribuir para produção de investigações consistentes capazes de informar acerca dos sujeitos adolescentes e jovens, que são objeto de intervenções, seja de instituições governamentais e de não governamentais. O desenvolvimento do projeto investigativo atual possibilitará subsidiar articulação entre o ensino e a extensão, referente a essa problemática.

Nas sociedades contemporâneas, novas formas de pensar, agir e comunicar estão se constituindo em um amplo movimento de avanço das tecnologias. Este processo de mudança, não linear e assíncrono, atinge de maneira diferente os diversos grupos sociais, recriando novos espaços de sociabilidade. Nesse estudo, os grupos sociais são compreendidos e classificados segundo sua posição no espaço social, conforme Bourdieu (1985), a dizer, as práticas dos distintos grupos diferem de acordo com a posição na estrutura social. Na forma de perceber e apreciar o mundo, os grupos estão inseridos em uma estrutura em que seus gostos e estilos de vida estão intrinsecamente ligados à sua posição nesse espaço. Assim, os jovens de camadas populares possuem certos *habitus* de classe que perpassam sua condição juvenil em um determinado espaço urbano. Desta forma, inúmeros fatores afetam os estilos de vida e os gostos que os jovens criam e recriam no amplo espectro das mudanças na sociedade informacional.

Os jovens de classe popular são desafiados a buscarem novas formas de sociabilidade nos espaços urbanos excludentes. Privados do acesso aos bens culturais da cidade, esses jovens, por sua capacidade criadora e inovadora, criam formas de socialização e diversão, ou a elas se adaptam, o que muitas vezes, independe das condições materiais nas quais estão inseridos. Com o advento da tecnologia e sua rápida propagação de acesso nas periferias, os jovens de camada popular estão podendo usufruir de espaços de acesso pago, as *lanhouses*, e ao mesmo tempo, navegar no espaço virtual.

Percebendo essa problemática no mundo social e tentando entender os jovens que frequentam *lanhouses* como um objeto científico e não apenas como realizando uma atividade socialmente insignificante, enveredou-se pela busca de elementos analíticos que pudessem dar cientificidade ao objeto de estudo – jovens de camadas populares e suas práticas na Internet, em especial, nas redes sociais de relacionamento. Nessa busca, optou-se por construir um objeto sem pré-noções de algo dado e acabado, rompendo com o senso comum. O objeto de estudo, como assinala Bourdieu (1989), não é construído de uma vez, trata-se de “um trabalho de fôlego, que se realiza pouco a pouco, por retoques sucessivos, [...] de correções, de emendas” (p. 27).



O percurso iniciou-se com a pergunta que dirige este trabalho: em que medida as comunidades virtuais podem ser consideradas espaços de sociabilidade e formação juvenis? Mas, para chegar a essa problemática, o caminho não se deu de forma linear e uniforme. Tortuosos e muitas vezes obscuros, os caminhos, ao longo do processo de investigação, foram sendo construídos e se revelando aos olhos do investigador. Como afirma Bourdieu (1989), a pesquisa não é linear, pois fazer sem saber completamente o que se faz, é dar-se uma chance de descobrir no que se faz algo que não se esperava.

Em primeiro lugar, tentou-se entender a categoria juventude na sua multiplicidade e complexidade, compreendendo-a como um conjunto de jovens que ocupam posições distintas no espaço social, com olhares diferentes para o mundo baseados em seus diferentes capitais, e como esses jovens acessam e se apropriam das tecnologias.

Instigada por essas indagações, outras questões apresentaram-se: como esses jovens frequentam as *lanhouses* de seus bairros, a pergunta passou a centralizar-se nos processos de sociabilidade nas *lanhouses*, se é que há sociabilidade juvenil naqueles espaços. Com visitas regulares, o foco desta pesquisa estendeu-se para a compreensão de como os jovens de camada popular acessavam a Internet enquanto permaneciam nas *lanhouses* por horas. A partir de então, foram investigadas suas práticas de uso da Internet e outra questão veio à tona: por que esses jovens acessam determinados *sites* e participam desses jogos? Foi nesse momento em que houve a compreensão da complexidade do objeto. Segundo Bourdieu (1992), a construção do objeto dá-se lenta e constantemente na prática investigativa. A problemática pode mudar de direção, as hipóteses podem ser redefinidas, e as opções metodológicas podem diversificar-se, como ocorreu neste trabalho.

Como, então, compreender os jovens que buscam inserção no mundo digital em uma sociedade em que o acesso é desigual e entender como as comunidades virtuais são tidas como espaços de sociabilidade e formação juvenil? Como esses jovens percebem e se apropriam dos *sites* de relacionamento que tanto os seduzem?

Essas perguntas tornaram-se instigantes do ponto de vista empírico e teórico e levaram a estudos que tratam da juventude e das tecnologias de informação e comunicação e a buscar entender os jovens da Região Leste de Goiânia, mais especificamente do Jardim Novo Mundo, membros da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo, localizada no *Orkut*. Neste estudo, afirma-se como possibilidade de hipótese que as novas tecnologias de informação e comunicação, sobretudo a Internet e

as redes sociais de relacionamento, constituem-se como potencializadores de novos tipos de sociabilidade *online* e *offline* e formação juvenis e atuam como lugares de afirmação de cultura e identidade juvenis.

A categoria juventude, neste trabalho, é entendida na sua pluralidade e como uma construção sócio-histórica, como apontam Abramo (2005), Canezin (2005), Sposito (2005), Pais (2006), Dayrell (2005), embora, no senso comum a juventude seja compreendida como um estado de transição da infância para a vida adulta, ou como um estado de espírito. Os discursos, muitas vezes preconceituosos sobre a juventude, são frequentemente repletos de representações sociais construídas histórica e socialmente cujas associações mais comuns são o presentismo, a violência, a transgressão, a irresponsabilidade, ou mesmo, o ócio e o tempo de curtição. São representações sociais que criam estereótipos e obscurecem a compreensão da sociedade em relação aos jovens. O escopo deste trabalho, com base nos estudos dos autores citados e a investigação sobre os jovens entrevistados, leva a refletir que o processo de formação do jovem se dá de forma alinear, heterogênea, individual e coletivamente.

Refletindo e analisando as trajetórias de cada jovem entrevistado, percebeu-se que existem condições juvenis diferenciadas, embora eles compartilhem o mesmo espaço social e de certa maneira dividem sentimentos de pertencimento ao lugar ao qual pertencem no espaço virtual, que também segue a lógica da hierarquização e classificação proposta nos estudos sobre o espaço social de Bourdieu (1985). Essas diferenças para além dos capitais cultural, social e econômico acumulados, perpassam também questões de gênero, raça e etnia. Esse ponto de partida para a reflexão sobre as juventudes conduz ao pensamento relacional no processo investigativo em que o objeto de estudo se encontra num conjunto de relações.

### **Percurso metodológico: desenho investigativo**

O caminho seguido pelo pesquisador para abordar a realidade pode dar-se de diferentes maneiras. O percurso depende muito mais de como o objeto vai se construindo do que um planejamento rígido de aproximação da realidade. Deve-se tratar o objeto com o rigor científico, utilizando diversas técnicas e adequadas ao problema e às condições de emprego, mas com extrema vigilância (BOURDIEU, 1989).

A fim de realizar essa investigação, foi realizada pesquisa bibliográfica em dois eixos temáticos: nos campos da juventude e da sociedade informacional. Também, foi

feita pesquisa etnográfica digital, com aplicação de questionários para identificação socioeconômica e da trajetória escolar dos jovens, além de entrevistas semiestruturadas, gravadas e *online*, utilizando Microsoft System Network Messenger (MSN)<sup>5</sup>.

A pesquisa foi desenvolvida em duas etapas. Na primeira, entre 2008 e 2009, foi selecionada uma comunidade virtual dentre as nove existentes no *Orkut* sobre a Região Leste e o bairro Jardim Novo Mundo. Foi escolhida a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo (JNM) por ter maior número de membros, 2.315, e predominância de jovens. Durante esse tempo, foram feitos registros sobre a dinâmica da comunidade e observação de alguns membros jovens possíveis de serem entrevistados.

Na segunda etapa, em 2009 e 2010, houve a seleção desses jovens com base em quatro critérios: serem moradores ou trabalhadores do Bairro Jardim Novo Mundo, membros da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo, ex-alunos da EJA e trabalhadores. Para o emprego do primeiro critério, foi feita a seleção do bairro na Região Leste de Goiânia, por tratar-se de um local que o grupo de pesquisa investiga, e em virtude de sua extensão também. O Jardim Novo mundo é o segundo maior bairro de Goiânia e possui condições materiais precárias. Para o segundo critério, foi feita uma busca *online* das comunidades virtuais no *Orkut* representativas da região pesquisada.

Dentre as nove encontradas, a Comunidade Jardim Novo Mundo apresentou-se como a mais representativa em termos de número de membros e pela dinamicidade dos seus participantes. Nessa etapa, foi realizada observação *online* da referida comunidade. Para o terceiro e o quarto critérios, foi aplicado um questionário com perguntas fechadas e abertas para identificar os sujeitos da pesquisa. Dezesseis jovens responderam ao questionário. A aplicação foi feita nas residências dos jovens e em uma *lanhouse* por eles freqüentada. O uso do questionário possibilitou a coleta de dados socioeconômicos da família do jovem, sua trajetória escolar e de trabalho, resultados que subsidiaram a montagem do perfil dos entrevistados.

Dos jovens que responderam ao questionário, dez deles, cinco do gênero masculino e cinco do gênero feminino, foram selecionados por atenderem os critérios estabelecidos. As entrevistas foram de duas naturezas. Com alguns jovens, foi utilizada a entrevista gravada, pelo fato de não utilizarem com frequência o MSN. Com outros jovens, cuja prática de uso do MSN é diária e constante, foi realizada entrevista *online*.

---

<sup>5</sup> Normalmente usada para designar o mais famoso programa de conversação instantânea, MSN significa Microsoft Network. A sigla, no entanto, não se refere só ao famoso programa (Messenger), mas também a uma série de iniciativas da companhia na [Internet](#), dentre elas um portal de conteúdo e [entretenimento](#). Disponível em: <<http://www.oragoo.net/o-que-significa-msn/>>. Acesso em: 10 maio 2010.

As gravações face a face foram transcritas, e ambas foram utilizadas para análise das falas, percepções e citações de depoimentos dos entrevistados.

Durante a entrevista, a atitude do pesquisador era de colocar-se no lugar do outro teoricamente, a fim de perceber de que lugar aquele jovem está falando e evitar interferências de seus valores na seleção e no encaminhamento do problema estudado. Goldenberg (2007) assinala a importância da tarefa do pesquisador em reconhecer o *bias*<sup>6</sup> para prevenir sua interferência nas conclusões. É preciso objetivação, ou seja, o esforço controlado de conter a subjetivação. “Não é possível realizá-lo plenamente, mas é essencial conservar-se esta meta, para não fazer do objeto construído um objeto inventado”, afirma Goldenberg (2007, p. 45).

No início da abordagem, foram esclarecidos os procedimentos da técnica, no tocante ao sigilo, à capacidade de escuta, de respeito à fala dos outros. Entretanto, foi mantido o sigilo da origem da pesquisadora aluna de curso de mestrado, visto que várias tentativas de aproximação com os membros da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo pelo *Orkut* não foram bem-sucedidas, em razão da pesquisadora não ser reconhecida legitimamente como membro daquela comunidade virtual. Ao contrário do que se pensa, que a comunicação na Internet se dá de forma fácil e imediata, no processo de investigação percebeu-se a dificuldade de estabelecer contato com os jovens membros da comunidade virtual com o objetivo de conhecê-los e entrevistá-los. Suspeitosos, faziam visitas ao perfil da pesquisadora, vasculhavam suas fotos e mensagens, mas permaneciam silenciosos, não respondendo ao seu pedido. A solução foi tentar uma aproximação *in loco*. Para tanto, foi feita uma pergunta para a comunidade virtual querendo saber qual era a *lanhouse* mais frequentada pelos jovens do Jardim Novo Mundo. Um jovem respondeu a questão, dando o nome da *lanhouse*. A busca feita na Internet mostrou que ela é conhecida na região por ter organizado campeonatos de jogos *online*, atualmente proibidos pelo Ministério Público de Goiás.

A aproximação aos jovens deu-se de forma face a face por intermédio de um jovem que trabalha na *lanhouse* e que também é membro da Comunidade Jardim Novo Mundo. Nesse local foram feitas observações sobre as relações que os jovens mantêm com os demais nesses espaços e o conteúdo acessado. Percebeu-se que jovens utilizavam mais as redes de relacionamento que outros aplicativos da Internet, o que redobrou o interesse pela questão.

---

<sup>6</sup> Termo da língua inglesa que significa desvio, tendência.

Após as entrevistas, foram selecionados oito jovens para este estudo<sup>7</sup>. Com base nas transcrições das entrevistas, foi realizada a análise sobre esses jovens, sua condição material de vida, suas representações sobre o bairro na comunidade virtual, a relação com o bairro, o sentido do trabalho para eles, a importância da escola, e em relação às práticas da Internet. Foi desenvolvido então uma matriz de comparação de falas dos jovens, a fim de analisar a sua prática cotidiana e a Internet, o referencial teórico sobre a juventude e sua relação com os modos de comunicação, sociabilidade e formação na sociedade em rede.

### **Jardim Novo Mundo: o bairro dos jovens pesquisados**

O bairro pesquisado, Jardim Novo Mundo, encontra-se na Região Leste de Goiânia, uma das cinco regiões do município. Para a caracterização do bairro, foi feito um estudo sobre a região que culminou em um relatório denominado *Perfil da juventude goianiense*<sup>8</sup>, que contribuiu para estabelecer uma caracterização dos jovens no município<sup>9</sup>. Esses dados revelam que 48,1% dos jovens da região estão trabalhando, 27,6% estão desempregados e 54,4% contribuem parcial ou integralmente para a renda familiar. Os jovens que trabalham, os que estão desempregados e os que estão buscando o primeiro emprego – situações diferenciadas constitutivas da inserção do jovem no mundo do trabalho – atingem 90,7% dos entrevistados entre 15 e 24 anos. O levantamento também revela a precariedade como os jovens são inseridos no mundo do trabalho. Dentre os que estão trabalhando, apenas 35,6% têm os direitos trabalhistas garantidos por possuírem carteira de trabalho assinada, 68,2% têm um rendimento mensal de até dois salários mínimos e 28% trabalham acima de oito horas diárias.

O grau de escolaridade dos jovens entrevistados apresenta uma inadequação à faixa etária, pois 33,2% dos jovens de 15 a 24 anos declaram ter cursado até a oitava

---

<sup>7</sup> Embora tenha sido feitas dez entrevista forma selecionados oito jovens em razão da qualidade dos dados.

<sup>8</sup> Pesquisa realizada de maio a novembro de 2001, por solicitação da Prefeitura de Goiânia, sendo coordenada pelos seguintes pesquisadores: Edna M. O. de Queiroz, Elza Guedes Chaves, Marcelo Gomes Ribeiro e Nilva Lopes Mariano. O instrumento de coleta utilizado baseou-se em questionário desenvolvido pela Fundação Perseu Abramo, de São Paulo-SP, em pesquisa similar.

<sup>9</sup> Pelo fato de ser a capital do estado de Goiás, Goiânia polariza a região metropolitana. Além disso, localiza-se no centro do país e constitui cidade-entreponto das várias regiões do estado. A cidade expandiu-se em seus setenta anos de existência, alterando substancialmente o projeto urbanístico inicialmente proposto. Originalmente, previa-se a construção de um espaço urbano para a população de 50 mil habitantes; atualmente, a cidade abriga 1.093.007 habitantes, segundo o censo do IBGE de 2000, uma extensão territorial de 789,7 km<sup>2</sup>. Desse total, 21,98% encontram-se na faixa etária de 15 a 24 anos, totalizando 240.265 jovens.

série do ensino fundamental e 34,8%, o nível médio incompleto (os jovens de 15 a 19 anos representam 40% do universo estudado). Apenas 1,2% dos entrevistados até 24 anos têm curso superior completo e 11% cursam a graduação.

Dentre os jovens que estudam, 43,7% estão no período noturno, representando, em especial, aqueles que necessitam conciliar trabalho e estudo. A prioridade que os jovens acabam conferindo ao trabalho é percebida pelo significativo índice de entrevistados (31,3%) que declaram ter parado de estudar para trabalhar. Dos entrevistados, os que não estão estudando representam mais de um terço do universo pesquisado (36,1% dos jovens), o que revela uma situação desfavorável, considerando a faixa etária de 15 a 24 anos.

A Região Leste da cidade é caracterizada pelo instrumento Mapa da Exclusão/Inclusão Social de Goiânia<sup>10</sup> por índices que informam a precariedade das condições de vida da população. A região é composta por 42 bairros com uma população total de 107.164 habitantes, dos quais aproximadamente 23% se encontram na faixa de idade de 15 a 24 anos. Tendo como representatividade um dos maiores distritos que compõem a Região Leste - distrito da Vila Pedroso - pode-se considerar que 10,38 % dos chefes de família não têm rendimentos, enquanto apenas 0,28 % respectivamente, possuem renda superior a 20 salários mínimos. A faixa salarial predominante deste distrito se encontra entre dois a três salários mínimos.

Em relação aos indicadores de desenvolvimento humano, o distrito apresenta um dos piores desempenhos relativos à longevidade e escolaridade, tendo, por exemplo, 40% de crianças não alfabetizadas, apenas 3,6% dos chefes de família com doze anos de estudos e 15% dos chefes de família não são alfabetizados ou têm menos de um ano de estudo. No distrito em questão, cerca de 20% dos chefes de família são mulheres, que não estão alfabetizadas, e mais de 10% dos chefes de família, não possuem renda. No tocante ao acesso aos serviços públicos de saúde ou educação, o distrito apresenta um dos piores desempenhos referentes a esses indicadores. Desta forma, o que se pode perceber, é que há um significativo quadro de exclusão social da população da Região Leste de Goiânia

Dentre algumas instituições governamentais e não governamentais que atuam no atendimento à população da região, encontra-se a Escola de Formação da Juventude da

---

<sup>10</sup> Mapa da Exclusão/Inclusão: uma cartografia social da cidade, a partir dos seus territórios intraurbanos, buscando identificar o movimento da exclusão/inclusão social com base nos dados censitários do IBGE Censo 2000, bem como nas informações produzidas pela administração local, em suas diferentes políticas setoriais.

Pontifícia Universidade Católica de Goiás, que tem como objetivo contribuir para a formação de jovens com base em experiências de educação popular acumuladas pela instituição. Também, essa instituição desenvolve na região o projeto *Protagonismo juvenil: uma alternativa para a inclusão produtiva*.

### **A sociedade em rede e novas formas de sociabilidade e formação juvenil**

Ao tratar de juventudes na contemporaneidade, pressupõe-se reconhecê-la como uma categoria construída histórica e socialmente, cujos sujeitos não são entidades genéricas, tampouco abstratas, mas sujeitos de direitos que estabelecem relações sociais, políticas e culturais.

Os estudos de Sposito (2005), Canezin, e Queiroz (2005) apontam alguns equívocos conceituais provocados pela incompreensão quanto à categoria juventude referente às ações de intervenção do poder público e de outras instâncias da sociedade civil. Em geral, os jovens são entendidos como um grupo homogêneo, para o qual se utilizam de estereótipos, ou então, como um problema social, ou de vulnerabilidade (ABRAMO, 2005). Investigar jovens para além das agências socializadoras, como a escola, a família, a igreja significa adentrar *diferentes* agrupamentos juvenis e suas culturas, que geralmente são ignorados por essas mesmas instituições.

A movimentação dos jovens no espaço urbano ganha visibilidade social quando eles, sobretudo em bairros pobres, lançam mão de estratégias de sobrevivência, e manutenção no mundo social. Nesse processo, eles se constituem individual e coletivamente. Compreender o universo juvenil, sua cultura, é poder entendê-los como sujeitos para além da condição de aluno, de filho ou das relações que eles constroem fora das instituições clássicas.

Como o foco deste trabalho é sociabilidade e formação juvenis em uma pesquisa de pós-graduação em educação, sua importância revela-se pelas indagações que ocorrem com a reflexão sobre os espaços informais de aprendizagem coletiva e colaborativa que os jovens estabelecem em espaços como as *lanhouses* e comunidades virtuais.

Como Sposito (2005) afirma, há necessidade de investigar as relações dos jovens com as instituições socializadoras clássicas na sociedade brasileira, como a escola, por exemplo. Uma questão que persiste no cotidiano de quem ensina é compreender como as diferentes culturas juvenis e os jovens se fazem presentes na escola. Outras indagações emergem dela: como a escola e seus agentes efetivamente se relacionam com as novas

formas de manifestação das culturas juvenis e da cultura contemporânea? Os diferentes agrupamentos juvenis ou juventudes expressam culturas juvenis perpassadas pela forma de acesso aos bens culturais, pelo recorte de classe social, *habitus* e estilo de vida, de gênero, etnia, vivência cultural e grupal; de que forma esses jovens se expressam segundo essas condições?

Os espaços de sociabilidade e formação alargaram-se na sociedade contemporânea. Não somente a escola é detentora e maior transmissora de conhecimento. Na sociedade informacional, a informação está presente nos meios de comunicação, nas mídias, e em especial, na Internet, meio de fácil acesso aos bens culturais da humanidade. Portanto, vale perguntar: quais culturas são produzidas nesse espaço virtual? Como os jovens se relacionam com essas novas maneiras de lidar com a informação, com a produção de conhecimento, com as relações estabelecidas *online*? Com tanto acesso, como os jovens dos dias atuais, relacionam-se com a escola e o trabalho? Como eles pensam a respeito da escola e o trabalho?

Então, para entender essa problemática, é necessário compreender os jovens que utilizam as redes sociais e Internet. Assim, é tarefa de quem pesquisa no campo das ciências humanas e educação compreender a mudança no comportamento do jovem em relação ao conhecimento e ao trabalho, sobretudo jovens de bairros periféricos que praticamente são autodidatas no uso do computador e Internet e os utilizam especialmente nas *lanhouses*.

Com o propósito de analisar e ampliar o debate sobre a condição juvenil em Goiânia e a relação desses jovens com a Internet fez-se um recorte da Região Leste, com o estudo de jovens do Jardim Novo Mundo que são membros da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo.

A ordem em que os eixos temáticos estão apresentados neste trabalho permite a articulação entre os vários aspectos da sociedade informacional e a juventude, constituindo um ponto de reflexão sobre a condição juvenil e a relação com as novas formas de sociabilidade e a formação na sociedade em rede. O trabalho não pretende esgotar a temática, pois é um tema bastante recente e pouco abordado e muitos aspectos serão deixados de lado, embora futuros pesquisadores possam dar continuidade ao trabalho.

No primeiro capítulo, discute-se a formação da sociedade informacional e os modos de ser, agir e sentir em um mundo tomado pelas novas tecnologias e como os jovens apropriam-se dessas tecnologias criando novas formas de sociabilidade, formação e cultura juvenis por meio das redes de relacionamento virtuais: como as comunidades virtuais, tais



como o *Orkut*. Nesse capítulo, faz-se referências a autores que discutem a temática sociedade informacional que apresentam contribuições sobre a importância da técnica na produção de modos de pensar, agir e sentir em uma sociedade contemporânea, altamente tecnológica, em especial na vida dos jovens.

O segundo capítulo apresenta a discussão de estudos recentes produzidos sobre as concepções de juventude à luz de várias teorias e dados empíricos sobre os sentidos atribuídos aos modos de ser jovem, à religião e à escola.

No terceiro capítulo, são abordados a relação do jovem com o espaço urbano, com a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo e os sentidos que atribuem ao trabalho e às formas de socialização no espaço virtual.

Em síntese, este estudo desenvolvido procura colaborar para a compreensão do modo de os jovens de camadas populares vivenciarem sua condição juvenil em uma sociedade tecnológica e o entendimento de como esses jovens apreendem novos tipos de formação e sociabilidade no espaço virtual como estratégia de aumento de capital cultural e social.

## CAPÍTULO I

# SOCIEDADE INFORMACIONAL E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

De que maneira as transformações sociotécnicas produzem efeitos nos atuais modos de pensar, agir, sentir e se relacionar dos indivíduos é o objeto de discussão neste trabalho. Para tanto, faz-se necessário compreender essas mudanças no tempo, no espaço e nos sentidos que os grupos atribuem a essas transformações.

O fim do século XX foi marcado pela forte presença de técnicas ligadas à informação que estabelecem um elo com as demais, unindo-as e assegurando uma presença planetária do novo sistema técnico.

Essas transformações são resultantes do processo da internacionalização da economia mundial que se deu prioritariamente com a revolução da informática e a descentralização territorial dos processos produtivos a partir dos anos 1980. As drásticas mudanças nas últimas décadas têm provocado questionamentos acerca da presença intensa das tecnologias de informação e de comunicação na sociedade e seus efeitos nas relações sociais.

Entendida como o ápice do capitalismo, a globalização é o resultado das ações que asseguram a emergência de um mercado dito global, responsável pelo essencial dos processos políticos altamente eficazes. A sociedade global caracteriza-se arranjo de uma combinação sobretudo entre a unicidade técnica, a convergência dos momentos e a cognoscibilidade do planeta (SANTOS, 2007). A globalização institui-se na sociedade como o estágio avançado da internacionalização do capital, ampliando-se em *sistema-mundo* de todos os lugares e de todos os indivíduos.

Esse conjunto de novas possibilidades concretas altera equilíbrios preexistentes e procura impor sua lei. Com a unificação do planeta, a Terra torna-se um só e único lugar e se assiste a um câmbio para *totalidade-terra* (SANTOS, 2007). Trata-se de uma nova fase da história humana. A globalização, assim, constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea.

Esse movimento planetário é extenso, mas não chega a abranger todas as culturas e sociedades. Os países centrais estão no bojo dessa revolução ao passo que os

periféricos, a passos lentos, sentem a presença da globalização. O movimento não é uniforme e esse grau de inserção diverge conforme o continente e os países em razão do seu desenvolvimento econômico e político.

Com a mundialização<sup>11</sup>, os sistemas técnicos atuais, em que pese a distribuição geográfica desigual e seu uso social hierarquizado, tornaram-se os únicos, superpondo-se aos sistemas técnicos precedentes, utilizados pela economia, cultura e política hegemônicas. Trata-se, de um dado crucial no processo de globalização, que não lograria sem essa unicidade (SANTOS, 1994). A economia encontra-se tão mundializada que as sociedades<sup>12</sup>, de maneira mais ou menos explícita, adotam um modelo técnico único, sobrepondo-se à multiplicidade de recursos naturais e humanos. Para Santos (1994):

é nessas condições que a mundialização do planeta unifica a natureza. Suas diversas frações são postas ao alcance dos mais diversos capitais, que as individualizam, hierarquizando-as segundo lógicas com escalas diversas. A uma escala mundial corresponde uma lógica mundial que nesse nível guia os investimentos, a circulação das riquezas, a distribuição das mercadorias. Cada lugar, porém, é ponto de encontro de lógicas que trabalham em diferentes escalas, reveladoras de níveis diversos, e às vezes contrastantes, na busca da eficácia e do lucro, no uso das tecnologias do capital e do trabalho. Assim se redefinem os lugares: como ponto de encontro de interesses longínquos e próximos, mundiais e locais, manifestados segundo uma gama de classificações que está se ampliando e mudando (p. 7).

Mas, a técnica por si só não produz efeitos na sociedade; é o sujeito que se apropria dela, posição contrário às deterministas, para quem a técnica manipula a ação do sujeito. A tecnologia supõe a ação do sujeito sobre o objeto, isto é, há uma intencionalidade subjetiva, portanto, a técnica não é neutra, nem boa, nem ruim, mas permeada por intencionalidade e depende das forças produtivas que a sustentam.

<sup>11</sup> No texto *Tecnologia e Inovação*, para fins de circulação interna do Programa de Pós-graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, da professora doutora. Joana Peixoto, discute a diferença entre os termos globalização e mundialização. Para a autora (2007), “a globalização seria a concentração e o controle da informação nas mãos de empresas transnacionais, o que significa um totalitarismo e uma concentração do poder. E a mundialização significaria a socialização destes recursos para toda a humanidade. Via de regra, a distinção se refere à globalização como o processo econômico e à mundialização como fenômenos sociais. Globalização define o processo no qual os mesmos princípios de economia de mercado são aplicados em todo o planeta. Mas essa expressão leva em conta apenas o prisma econômico de um movimento muito mais complexo. Daí surgiu o conceito de mundialização, termo que tenta explorar a diversidade e a singularidade dos diferentes processos de globalização existentes em todas as áreas de atividade”(p.6).

<sup>12</sup> Ao fazer um recorte na história da humanidade, cada grupo construía seu espaço de vida conforme as técnicas que desenvolvia e que utilizava para a sua sobrevivência. Em razão das técnicas e o modo de organizar a produção, a vida social e o espaço se organizavam também. Em constante processo de mudança, esse modelo foi substituído, embora não dizimado completamente, por atividades relacionadas ao comércio, modificando assim a organização da sociedade.

A base material orienta, reordena a sociedade em termos de relações sociais, bem como reestrutura as relações de poder existentes e a vida dos agentes (CASTELLS, 2007). A racionalidade dos sistemas técnicos provoca mudanças tanto socioeconômicas quanto nas práticas culturais. Para Milton Santos (1994), a técnica é condicionada pelas relações históricas, sociais, econômicas e culturais peculiares de um tempo.

O surgimento de um novo conjunto de técnicas não necessariamente provoca o desaparecimento das outras existentes. Atualmente, as técnicas da informação, por meio da cibernética, informática e eletrônica, permitem a unicidade das técnicas, isto é, as distintas técnicas passam a comunicar-se entre si. Ademais, o uso do tempo em todos os lugares, bem como a sua convergência, asseguram a simultaneidade das ações, cujo resultado é a do sentimento da presença dessas tecnologias em todas as áreas do planeta em uma direção centralizada pelo mundo econômico e financeiro das empresas transnacionais e do sistema financeiro internacional. Segundo Santos (2007),

o casamento entre a ciência e a técnica é a base do período atual, a tecnociência cujo uso é condicionado pelo mercado. Essas condições materiais que nos cercam são a base da produção econômica, dos transportes e das comunicações. Ao mesmo tempo, essas condições afetam diretamente a produção de novas relações sociais entre países, classes e pessoas. (p. 65)

Essas mudanças têm efeitos visíveis, sobretudo, na relação entre tecnologia e formas de comunicação e sociabilidade. As formas de comunicação anteriores não desaparecem; é a mistura de várias formas de comunicação. Tanto a velha e saudosa carta quanto os telefones fixos e celulares convivem com os mais avançados meios de comunicação mediados pelo computador. São *skypes, webcams, e-mails, scraps, chats, messengers*, uma infinidade de possibilidades comunicativas. O momento se caracteriza pela multiplicidade de formas clássicas e atuais de socialização, informação e comunicação. Os signos representam a comunicação, e a linguagem aparece nas suas mais diversas formas – hipertextos, imagens, sons fazem dessa nova era um momento das multilinguagens e hipervelocidades. Novos ritmos são impostos pela aceleração contemporânea das mensagens instantâneas e da transmissão da informação. O deslocamento dos corpos e o movimento de ideias são a novidade dessa época que se fez com uso de novos materiais, novas formas de energia, consumo exacerbado e crescimento exponencial do número de objetos e do arsenal de palavras, como explica Santos (1994). O efeito das mudanças, provocadas sobretudo pelo acesso imediato à informação, produz sentimentos fugazes de consumo impulsivo e irresponsável e fugacidade das relações:

esse efêmero não é uma criação exclusiva da velocidade, mas de outra vertigem, trazida com o império da imagem e a forma como, através da engenharia das comunicações, ao serviço da mídia, ela é engendrada, um arranjo deliberadamente destinado a impedir que se imponha a ideia de duração e a lógica da sucessão (SANTOS, 1994, p. 13).

Outra característica do impacto das TICs é o princípio unitário do mundo atual, da sociedade mundial, em que os espaços e tempos são globais. O espaço torna-se único à medida que os lugares se globalizam. O mundo é revelado em qualquer lugar, uma vez que todos os lugares estão interconectados e suscetíveis à comunicação simultânea e integrada. A ciência, a tecnologia e a informação são a base técnica da vida social atual. De um lado, há um novo sistema técnico hegemônico, e, de outro, um novo sistema social também hegemônico, cujo ápice é ocupado pelas instituições supranacionais, empresas multinacionais e Estados, que comandam objetos mundializados e relações sociais mundializadas. O resultado, no que toca ao espaço, é a criação do que se chama de meio técnico-científico e a imposição de novo sistema da natureza (SANTOS, 1994).

Todo esse processo de mudança sociotécnica é o alicerce da sociedade em rede, definida por Castells (2007), como uma sociedade globalizada cujo centro está no uso da informação e do conhecimento. Caracterizada como informacional, global e em rede, a economia da sociedade depende essencialmente da geração, produção e aplicação com eficiência da informação baseada em conhecimento. Suas principais atividades produtivas, de consumo e circulação são organizadas em escala global e estão interconectadas globalmente em interação nas redes empresariais. Castells (2007) expõe,

É informacional porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É global porque as principais atividades produtivas, o consumo e circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos. É rede porque, nas novas condições históricas, a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em rede global de interação entre redes empresariais (p. 119).

O mesmo explica que o processo está em via de expansão em dimensões notáveis, em razão da capacidade de cunhar uma interface entre várias tecnologias por meio de uma linguagem digital comum. A atividade humana, a cultura e a economia, estas sendo mudadas pelo novo paradigma tecnológico, criando novos modos de interação com o uso das tecnologias de informação e comunicação pelos sujeitos.

Na sociedade em rede, o modo de produção refere-se à forma como é distribuído o produto do trabalho, como a apropriação e o uso do excedente são feitos. Outra particularidade dessa sociedade é o modo de desenvolvimento informacional, que é determinado pelo elemento principal para a produtividade – a produção da informação<sup>13</sup>.

A convergência de várias tecnologias, como a microeletrônica, computação, telecomunicações/rádiodifusão, optoeletrônica, forma a base material de suporte dos processos e funções dominantes da sociedade informacional. Castells (2007) denomina espaços de fluxos a organização material das práticas sociais de tempos compartilhados que funcionam por meio de fluxos. No entendimento do autor, fluxos são

seqüências intencionais, repetitivas e programáveis de intercâmbio e interação entre posições fisicamente desarticuladas, mantidas por atores sociais nas estruturas econômicas, política e simbólica da sociedade (p.437).

Assim, o espaço de fluxo domina e molda a nova organização social da sociedade em rede.

A chamada sociedade em rede caracteriza-se pela globalização das atividades econômicas decisivas e sua organização em redes. A flexibilidade e a instabilidade do trabalho, bem como sua individualização, também compõem o cenário dessa sociedade. Ademais, com a cultura da *virtualidade real*, o espaço e o tempo ganham novas dimensões, em uma configuração no qual o espaço é de fluxos, e o tempo, atemporal. Com essas condições objetivas, o sujeito produz modos de ser, sentir e agir peculiares a essa época de grandes transformações.

Em síntese, no que se refere à sociedade global, considera-se que não apenas a existência de um novo sistema de técnicas, mas também o resultado das ações assegura a emergência de um mercado global, cuja distribuição geográfica se dá desigualmente com seu uso hierarquizado (SANTOS, 2007). Esta mesma sociedade traz um modo de desenvolvimento informacional, que é determinado pelo principal elemento para a produtividade, a informação (CASTELLS, 2007).

### **1.1 Internet como divisor de águas da sociedade em rede**

A revolução da microeletrônica, a potencialização do computador e, acima de tudo, a invenção da rede mundial de computadores<sup>14</sup> são fundamentais para a

---

<sup>13</sup> Outrora predominaram os modos de desenvolvimento agrário e industrial.

<sup>14</sup> Surgidos nos países anglo-saxões, como a Inglaterra e os Estados Unidos no período posterior à Segunda Guerra Mundial, os computadores foram criados inicialmente para uso militar e tiveram somente

compreensão da sociedade em rede, que se organiza com o uso de tecnologias e influencia as relações sociais dos sujeitos.

O microprocessador possibilitou a difusão das novas tecnologias de informação, acelerando o desenvolvimento do paradigma tecnológico com o crescimento da produção da robótica. Contudo, somente no começo dos anos 1970, as novas tecnologias difundiram-se vastamente ao ser inventado o microprocessador com um único *chip*. Com esse avanço, começou a disputa pela capacidade de integração cada vez maior de circuitos contidos em apenas um *chip*.

Essas mudanças, com base nas transformações ocorridas no modo de geração de energia, sobretudo nas tecnologias de geração, processamento e transmissão da informação geraram um novo paradigma sociotécnico. As macromudanças aconteceram especialmente na microengenharia – eletrônica e informação –, durante a Segunda Guerra Mundial, e, no período seguinte deram-se as principais descobertas tecnológicas em eletrônica, a descoberta do primeiro computador programável e o transistor, fonte da microeletrônica, o verdadeiro cerne da revolução tecnológica.

Para além de um processador de dados, o computador tornou-se um aliado das funções cognitivas e sociais do homem, promovendo a extensão da memória no armazenamento quase ilimitado de informações em *bites* e a criação e o prolongamento de redes de sociabilidades pela *Internet*. O avanço da capacidade dos *chips* nas duas últimas décadas dos anos 1990 mudou decisivamente a era dos computadores cuja consequência, deu com a possibilidade de aumento de memória e de recursos de processamento,

ao transformar o processamento e o armazenamento de dados centralizados em um sistema compartilhado e interativo de computadores em rede. Não foi apenas todo o sistema de tecnologia que mudou, mas também suas interações sociais e organizacionais (CASTELLS, 2007, p.80).

---

a sua primeira versão comercial em 1951. A comercialização dessas primeiras versões foi desenvolvida pela *Apple Computers* em 1976, o que logo levou a IBM a reagir, lançando o computador pessoal (PC) na Califórnia, EUA, que se tornou o nome genérico dos microcomputadores. O desenvolvimento de *software* para PCs nos anos 1970 foi condição fundamental na difusão dos micros. Tecnicamente, o computador caracteriza-se por uma montagem de unidades que proporciona o uso da informação no tocante ao processamento, transmissão e memória de forma digital. A relação entre qualidade e acessibilidade diferencia a fase atual da anterior em termos sociotécnicos. Houve um salto qualitativo na difusão maciça das TICs nos setores privados comerciais e domiciliares, assim como sua acessibilidade, tanto técnicos quanto de baixo custo, e ao mesmo tempo, com qualidade cada vez melhor (CASTELLS, 2007).

A capacidade de desenvolvimento de redes possibilitou os avanços das telecomunicações<sup>15</sup> (criação de nós – roteadores e comutadores eletrônicos – e novas tecnologias de transmissão) e a integração de computadores em rede nos anos 1970, e ao mesmo tempo, o aumento da capacidade de computação e de novos dispositivos da microeletrônica.

A capacidade de transmissão avançou consideravelmente quando foi criado um protocolo de comunicação que pudesse ser usado em todos os tipos de redes que possibilitasse aos computadores conversar com os outros. A divisão do protocolo em duas partes – servidor-a-servidor – *Transmission Control Protocol* (TCP) – protocolo de controle de transmissão e o protocolo de interconexões – *Internet Protocol* – (IP) –, tornou-se o padrão de comunicação entre computadores nos EUA, em 1980. A Europa tentou impor outro protocolo de comunicação, que, no entanto, não prevaleceu. A característica de flexibilidade permitiu a adoção de uma estrutura de camadas múltiplas de *links* entre redes de computadores, demonstrando capacidade de adaptação a vários sistemas de comunicação com uma diversidade de códigos. Desde então, os computadores estão aptos a decodificar os pacotes de dados em alta velocidade, por meio da Internet. Além do protocolo TCP/IP, foi introduzido o Unix, sistema operacional, que estabelece a ponte de acesso de um computador ao outro. No Brasil, os primeiros embriões de rede surgiram em 1988 e ligavam universidades do país a instituições similares nos EUA. No mesmo ano, o Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) começou a testar o AlterNex<sup>16</sup>, o primeiro serviço brasileiro de Internet não acadêmica e não governamental. Inicialmente, o AlterNex era restrito aos membros do Ibase e associados e, só em 1992, foi aberto ao público.

Outro aparelho importante para a difusão da informação foi o modem<sup>17</sup> em 1978. No ano seguinte, o protocolo *Xmodem* foi divulgado gratuitamente, a fim de espalhar ao máximo essa capacidade de comunicação.<sup>18</sup> A sua difusão na sociedade em geral ocorreu apenas na década de 1990. O *Centre Européen pour Recherche Nucleaire*

---

<sup>15</sup> A optoeletrônica e a tecnologia da transmissão por pacotes digitais promoveram a capacidade das linhas de transmissão, como o caso das redes de banda larga integradas. Um conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados pelo TCP/IP (é um conjunto de protocolos de comunicação entre computadores em rede), à *Internet*, surgida como resultado de pesquisas militares durante o período da Guerra Fria, permitiu o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados.

<sup>16</sup> Foi o primeiro provedor a permitir o acesso das pessoas físicas à *Internet*, a partir de 1992.

<sup>17</sup> Criado por dois estudantes de Chicago em 1978, quando tentavam descobrir como transferir dados de um computador a outro pelo telefone.

<sup>18</sup> No final da década de 1980, milhões de pessoas já estavam usando as comunicações computadorizadas em redes cooperativas ou comerciais (*Bulletin Board Systems*- BBS – um tipo de fórum eletrônico).



(Cern), localizado em Genebra, com o trabalho de pesquisadores inventou um novo aplicativo o *World Wide Web* (www), a teia mundial que organiza o teor dos sítios da Internet por informação, tornando mais fácil a sua busca. Outra criação foi o hipertexto, um formato para os documentos HTML<sup>19</sup> – linguagem de marcação de hipertexto, um protocolo de transferência desse hipertexto (HTTP)<sup>20</sup> para orientar a comunicação entre programas navegadores e servidores de WWW e, por fim, surgiu um formato padronizado de endereços, o localizador uniforme de endereço (URL).<sup>21</sup>

A Internet é considerada a sustentação da comunicação global, pois liga a maior parte das redes. Atualmente, há milhões de usuários espalhados no mundo, e o *ranking* é liderado pelos EUA, seguidos por Japão e Alemanha. O Ibope/NetRatings de 2008 revelou que o Brasil já conta com 41.565 milhões de usuários de Internet e o brasileiro é o quarto internauta residencial que mais navega dentre os 11 países pesquisados – Os Estados Unidos da América, Japão, França, Alemanha, Reino Unido, França, Itália, Espanha, Austrália, Suíça e Suécia, segundo os dados do Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic)<sup>22</sup>.

A técnica na atualidade tem possibilitado o contato com informação instantânea, sincrônica e simultânea. Fato inédito, visto que gerações anteriores não passaram por essas experiências. Deve-se lembrar, também, que esse processo não é acessível a todas sociedades e é controlado por grandes empresas de informação. Contudo, é preciso considerar que há um processo de expansão do acesso, sua gratuidade em vários centros de informática, seja por meio de organizações não governamentais ou por projetos governamentais de centros de democratização da informática.<sup>23</sup>

Diante dessa realidade, pode-se afirmar que a Internet não é apenas uma tecnologia. Ela organiza a sociedade em rede,

é o coração de um novo paradigma sociotécnico, que constitui na realidade a base material de nossas vidas e de nossas formas de relação, de trabalho e de comunicação. O que a Internet faz é processar a virtualidade e transformá-la

---

<sup>19</sup> Termo original na língua inglesa – *Hypertext Markup Language*

<sup>20</sup> Termo Original na língua inglesa – *Hypertext Transfer Protocol*

<sup>21</sup> Termo Original na língua inglesa – *Uniform Resource Locator* Esse mesmo centro distribuiu gratuitamente esse *software* pela Internet, e os primeiros sítios foram criados por centros de pesquisa científica espalhados pelo mundo. O primeiro navegador confiável foi lançado em 1994 pela *Netscape*, e se chamava *Netscape Navigator*.

<sup>22</sup> Disponível em: < <http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-06.htm>>. Acesso em 20 jan. 2009.

<sup>23</sup> Nos dias atuais, tanto as camadas mais elitizadas quanto as populares têm acesso. Indicam pesquisas do Comitê Gestor da Internet de 2008, que 47% dos usuários de Internet utilizam-na em centros pagos – as *lanhouses*, enquanto 43%, o acesso é feito em domicílio Os relatórios dessa pesquisa estão disponíveis em: < <http://hal.ceptro.br/cgi-bin/indicadores-cgibr-2008?pais=brasil&estado=go&academia=academia&age=de-35-a-44-anos&education=pos-mestrado&purpose=pesquisa-academica>>. Acesso em 15 jan. 2009.

em nossa realidade, constituindo a sociedade em rede, que é a sociedade em que vivemos (CASTELLS, 2007, p. 4).

Observa-se que há uma possibilidade cada vez maior de modelar as informações e conteúdos da Internet às características e necessidades de cada usuário. Diferentemente da TV, cuja programação é rígida em conteúdo e horário, a Internet é flexível e variada, o que faz que haja maior adesão e popularização. Ademais, as ferramentas para a interação personalizada do usuário estão cada vez mais disponíveis na rede e podem ser acessadas em qualquer parte do mundo, basta que o usuário tenha alguns recursos necessários para usufruir dessa tecnologia: um computador, a conexão e os *softwares* adequados. A Internet é vista como algo essencial na vida na sociedade em rede. Como diz Castells (2003):

se a tecnologia da informação é hoje o que a eletricidade foi na Era Industrial, em nossa época a Internet poderia ser equiparada tanto a uma rede elétrica quanto motor elétrico, em razão de sua capacidade de distribuir a força da informação por todo o domínio da atividade humana (p. 7).

Assim, o avanço da capacidade do computador e a invenção da rede mundial de computadores possibilitaram o desenvolvimento de novas tecnologias de informação e de comunicação que têm produzido novas formas de sociabilidade, comunicação e interação. A Internet tornou-se o coração de um novo paradigma sociotécnico que constitui a base material da sociedade em rede, transformando os modos de relacionamento, trabalho e comunicação (CASTELLS, 2007).

## **1.2 Novas formas de comunicação na sociedade informacional**

A comunicação entre os sujeitos é historicamente determinada pelo modo de desenvolvimento social. Na sociedade em rede, em que a informação é fonte de riqueza, a cultura e as forças produtivas produzem e são marcadas por novas formas de interação, controle e transformação social difusas nas relações e no espaço social.

A linguagem, como instrumento mediador da comunicação humana, é codificada e decodificada em *bites* e transmitida mediante fibra ótica por meio da Internet, proporcionando e criando modos de comunicação e interação até então não vividas. “A Internet transforma o modo como nos comunicamos, nossas vidas são profundamente afetadas por essa nova tecnologia de comunicação”, afirma Castells (2007, p.10). Instituições, empresas privadas e públicas, escolas, espaços culturais apropriam-se dessa

tecnologia, experimentam-na e a usam de acordo com suas finalidades.

Como convergência de várias outras tecnologias e técnicas, a rede mundial de computadores tem providenciado uma comunicação que engloba tanto características assíncronas das velhas cartas quanto a sincronia do tempo e instantaneidade da telefonia. A passagem do *mass media* para formas individualizadas de produção, difusão e armazenamento de informação é entendida por Lemos (2004) como revolução digital. A circulação de informações obedece a uma multiplicidade do rizoma (todos-todos), a dizer, as TICs proporcionam uma comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos, lógica contrária à hierarquia da árvore (um-todos).

No modelo todos-todos, a circulação de informação é descentralizada e universal.

o tipo de comunicação que se estabelece interagida pelas novas tecnologias se dá de forma individualizada, personalizada e bidirecional em tempo real, causando mudanças estruturais na produção e distribuição da informação, tanto em jornais, televisões, rádios e revistas quanto ao setor de entretenimento como o cinema e a música. Na linha evolutiva das vias de comunicação há a passagem do modelo informal de comunicação de massa, para o modelo de redes de comunicação informatizadas. O primeiro modelo estabelece uma relação direta entre o homem e o mundo, enquanto o segundo a comunicação informacional constitui o reconhecimento do pertencimento a uma comunidade e sua eficiência situa-se no plano simbólico (LEMOS, 2008, p. 79).

O processo comunicativo da teoria da comunicação clássica segue a lógica da transmissão da informação nos moldes clássicos, em que o emissor envia uma mensagem ao receptor, sendo a mensagem o referente mais importante nesse processo. O único contratempo que pode surgir são os ruídos que eventualmente prejudicam a comunicação. A subjetividade dos interlocutores é descartada de análise. A comunicação nas redes sociais permite uma maior interação. A Internet propõe uma descentralização da mensagem e também do emissor. As possibilidades de estabelecer diálogos múltiplos são maiores na comunicação mediada pelo computador. Tanto a comunicação um-um, um-todos e todos-todos podem acontecer simultaneamente. Nesse sentido, a tecnologia dá um salto quantitativo e qualitativo também no processo comunicativo.

Na sociedade em rede, a comunicação é mais complexa em virtude da multiplicidade de interação. As redes digitais constituem

uma estrutura comunicativa de livre circulação de mensagens, agora não mais editada por um centro, mas disseminada de forma transversal e vertical, aleatória e associativa. A nova racionalidade dos sistemas informatizados age

sobre um homem que não mais recebe informações homogêneas de um centro *editor-coletor-distribuidor*, mas de forma caótica, multidirecional, entrópica, coletiva e, ao mesmo tempo, personalizada (LEMOS, 2008, p. 79-80).

Passa então a vigorar na sociedade em rede uma gigantesca quantidade de informações e os interagentes arbitrariamente podem escolher os que lhes interessam. Assim, diversas maneiras de comunicação e interação entre os agentes podem coexistir no ciberespaço (CASTELLS, 2007).

A possibilidade de uma comunicação do tipo rizomática, uma comunicação bidirecional entre grupos e indivíduos são novas formas de sociabilidade e de vínculos associativos e comunitários (LEMOS, 2008) que surgem em virtude da sociedade informacional. No ciberespaço, novos tipos de sociabilidade potencializam-se com as tecnologias convergentes na Internet – as comunidades virtuais e as redes sociais de relacionamento.

Em suma, novas formas de comunicação e interação favorecem relações em que receptor e emissor são coadjuvantes (CASTELLS, 2007), e novos espaço de sociabilidade criam-se com a convergência dessas tecnologias (LEMOS, 2008).

### **1.3 Noção de tempo e espaço na sociedade informacional: o ciberespaço**

Novas formas de comunicação integradas e expandidas têm proporcionado a vivência de sociabilidades mais complexas e flexíveis mediadas pelas TICs. No ciberespaço, entendido como um lugar em que a informação, a comunicação e o espaço virtual co-existem, e possibilitam aos seus interlocutores formas de comunicação diferentes daquelas propostas pelas mídias tradicionais. O ciberespaço é o espaço característico da sociedade informacional em que ocorrem essas sociabilidades. Ele não é neutro, mas repleto de valores e intenções controlados pela ação humana.

Tido por Lemos (2008) como um espaço simbólico, em que as comunidades virtuais se constituem, o ciberespaço é, ao mesmo tempo, ambiente simulado, de realidade virtual, como o conjunto de redes de computadores, interligadas ou não, em todo o planeta. Denominando-o ciberespaço ou simplesmente rede, Lévy (1999) entende ser ele uma infraestrutura material da comunicação digital, mas que engloba também o

universo oceânico de informações que abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo.

Espaço de representação das relações sociais na rede de computadores e simulação, o ciberespaço possibilita a configuração espacial em que os objetos concretos e as ações se dispõem de um novo modo. Trata-se de um espaço de trocas simbólicas, do imaginário, de produção cultural, de conhecimento, de relações sociais, enfim, de uma gama de novas comunicações e interações.

O ciberespaço é o resultado de uma rede técnica e de novas relações sociais, um produto das relações de forças produtivas do sistema capitalista. Sua acessibilidade é possível pela combinação e articulação de condições materiais e humanas: o computador, a rede mundial de computadores (a Internet), a telecomunicação, os acessórios do computador, o software, e lógico, os agentes que operam esses componentes conforme a sua intencionalidade e necessidade.

O ciberespaço encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos – comunicação assíncrona – que permite diversos modos de comunicação. A noção de tempo e espaço são reconfigurados na lógica do mundo virtual: o primeiro pela instantaneidade e o segundo pela desmaterialização do espaço. De acordo com Santos (2007),

há uma confluência dos momentos como resposta àquilo que, do ponto de vista da física, chama-se de tempo real, do ponto de vista histórico, será chamado de interdependência e solidariedade do acontecer. Do ponto de vista físico, a percepção do tempo real não só quer dizer que a hora dos relógios é a mesma coisa, mas que podemos usar esses relógios múltiplos de maneira uniforme. O tempo real também autoriza usar o mesmo momento a partir de múltiplos lugares; e todos os lugares a partir de um só deles. E, em ambos os casos, de forma concatenada e eficaz (p. 29).

Indissociáveis, espaço real e ciberespaço constituem a sociedade em rede: um não exclui o outro, e tampouco um sobressai, pois ambos se complementam. Um potencializa o outro com o objetivo de ampliação dos lugares físicos de acesso ao ciberespaço e da crescente demanda do ciberespaço em detrimento cada vez maior o número de conexões e usuários. Embora estejam em lugares diferentes, pessoas ligadas em redes interagem com outros indivíduos que estão em outro espaço geográfico. Não se trata apenas de imagens, sons e informação, mas também da materialidade da sociedade informacional, característica dessa nova configuração da modernidade.

O ciberespaço é um espaço de disseminação e produção não apenas de uma cultura hegemônica, pois as mais diversas expressões culturais, as relações de poder estão presentes nesse ambiente assim como no espaço material. Países em que as redes de comunicação são mais avançadas e o acesso mais democratizado tendem a produzir maior informação, e ao mesmo tempo fazem prevalecer sua língua na rede como algo hegemônico. De um lado, há uma língua dominante na Internet, como o caso do inglês, e, de outro, línguas periféricas que pouco a pouco ganham notoriedade, ainda que timidamente. Como a língua inglesa é dominante na Internet, as possibilidades de ampliação do capital cultural em relação à esta língua se expandem também à medida em que as pessoas navegam no ciberespaço. Atualmente, grande parte dos jovens domina os jargões do inglês técnico para praticar jogos eletrônicos e participar das redes sociais de relacionamento.

Historicamente, as culturas foram formadas com base no compartilhamento do espaço e tempo sob certas condições objetivas e materiais de existência. No paradigma informacional, a cultura da virtualidade real é entendida como um sistema em que a realidade objetiva está sucumbida por um ambiente virtual de imagens, sons, de símbolos diversos e surge com a supressão do lugar e na intemporalidade do tempo. Todos os tempos e todas as expressões de espaço misturam-se no mesmo *site*, portanto é possível que a comunicação seja realizada sem uma sequência lógica de tempo e um lugar fixo, o controle é feito pela motivação entre os agentes da interação. Nesse sentido, a virtualidade, nada mais é, que a própria realidade uma vez que está na estrutura de sistemas simbólicos intemporais desprovidos de lugar que interferem nos modos de pensar, agir e sentir o mundo (LEVY, 1996).

Na sociedade em rede, o tempo e espaço são questionados quanto a uma possível extinção dos conceitos, em razão do cenário tecnológico acelerado que nele se apresenta atualmente. As TICs, dos *media* eletrônicos instauram uma velocidade que tem provocado novas formas de vivenciar e experienciar o tempo. Trata-se de um tempo instantâneo das relações sociais, cujo resultado é a alteração do sentido cultural do tempo e espaço construído até então. Nessa perspectiva,

quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam *não-presentes*, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde. No entanto, a virtualização lhes fez tomar a tangente. Recortam o espaço

clássico apenas aqui e ali, escapando seus lugares comuns ‘realistas’: ubiqüidade, simultaneidade, distribuição irradiada ou massivamente paralela ((LÉVY, 1996, p. 21).

Contrariamente ao pensamento corrente que postula o suprimento do espaço pelo tempo, o espaço material organiza o tempo, como assinala Castells (2007, p. 490), “estruturando a temporalidade em perspectivas diferentes e até contraditórias de acordo com a dinâmica socioespacial”. Conforme assinala Haesbaert (1997) *apud* Haesbert (2006), o que existe atualmente

é mais do que sob a *desterritorialização*, o mundo vive hoje sob o domínio de novas formas de territorialização, como os territórios-rede, e da combinação de uma multiplicidade de territórios que permite falar na vivência de uma *multiterritorialidade*, a possibilidade, que sempre existiu, mas nunca nos níveis atuais (especialmente com a *compressão espaço-tempo*), de experimentar simultânea ou sucessivamente diferentes territórios (e territorialidades), reconstruindo constantemente o(a)s nosso(a)s (p. 21).<sup>24</sup>

Se, então, esse espaço material organiza o tempo, não se pode negar que também esse tempo sincrônico real das TICs provoca a formação de um espaço virtual, que por sua vez, proporciona o fortalecimento do espaço material já existente e a constituição de redes sociais no espaço virtual. Nessa perspectiva, a materialidade apenas no tempo e no espaço, são categorias interligadas e interdependentes, ligadas a aspectos de sua coexistência e mutação.

Longe de ser um espaço homogêneo, destituído de conflitos e relações de poder, o espaço virtual é, segundo Lévy (2001), um adensamento de contatos em escala planetária. Entende-se planetarização como

o retraimento do espaço onde a extensão e o adensamento das redes de transportes e de comunicação se manifestam por um processo de interconexão geral que implica um retraimento do espaço prático e, no mesmo movimento, uma aproximação dos humanos e um alargamento de suas perspectivas (p. 41).

No complexo e extenso mundo virtual, a informação, a imagem e o som convergem para a formação do espaço de fluxo, entendido por Castells (2007) como uma organização material das práticas sociais de tempo compartilhado, e que, na visão de Lévy (1996) constitui o próprio espaço e não apenas o espaço de fluxo.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://tercud.ulusofona.pt/GeoForum/Ficheiros/23GeoForum.pdf>> Acesso em: 20 mar. 2010. Palestra proferida pelo autor na Universidade Federal Fluminense (UFF), Rio de Janeiro.

A desenfreada aceleração tecnológica do final do século XX procurou alterar essa concepção materialista do espaço, com base *em uma queima do espaço e da experiência de um tempo em intensificação*. É o que Harvey (2007) chama de compressão espaço-temporal. A velocidade dos *media* eletrônicos instaura uma nova forma de experimentar o tempo, substituindo a noção de tempo-duração por tempo-velocidade e instantaneidade das relações sociais. O tempo advindo das novas tecnologias eletrônico-comunicacionais é marcado pela presentificação, ou seja, pela interatividade *online*, fato constatado nas tecnologias de telepresença em tempo real que alteram o sentido cultural de tempo e espaço.

Contrário a essa ideia, Santos (1994) diz que indubitavelmente há um tempo universal, um tempo despótico, instrumento de medida hegemônico, que comanda o tempo dos outros, responsável por temporalidades hierárquicas, conflitantes e convergentes. Nesse sentido, todos os tempos são globais, mas não há um tempo mundial. Para o autor, “o espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares” (SANTOS, 1994, p. 19).

Sintetizando, o ciberespaço, como espaço simbólico não neutro e permeado de valores e intenções é característico da sociedade em rede em que o tempo e o espaço configuram novas formas de comunicação e interação mediadas pelas TICs.

#### **1.4 Comunidades virtuais: potencialização do real**

Com essa dinâmica, surgem comunidades que são diferentes daquelas propostas originalmente pela sociologia clássica, segundo o qual no conceito de comunidade destaca-se primordialmente a questão da territorialidade e os sentimentos de pertencimento ou sentimento coletivo de *nós*, o que propicia a fixação de teias de comunicação desde os tempos remotos. Contudo, essa concepção tem sido reconfigurada pelas mudanças ocorridas na dinâmica da sociedade sobretudo pela comunicação mediada por computadores. A nova ordem propõe modos simultâneos ou sucessivos de experimentar os diferentes territórios. Essa experiência influencia diretamente a reconstrução dos próprios territórios. Os multiterritórios compõem a nova ordem, segundo Haesbeerg (2006). O território deixa de ser físico e passa a ser



simbólico à medida que os indivíduos se agregam em torno de conteúdos em comum e dão sentido ao novo território. Contrariamente à ideia de “*desaparecimento dos territórios com o simples debilitamento da mediação espacial nas relações sociais*” (HAESBAERT *apud* HAESBAERT, 2006, p. 25), há, no entanto, uma intensificação da territorialização

no sentido de uma multiterritorialidade, um processo concomitante de destruição e construção de territórios mesclando diferentes modalidades territoriais (como os “territórios-zona” e os “territórios-rede”), em múltiplas escalas e novas formas de articulação territorial ( HAESBAERT, 2006, p. 32).

A comunidade virtual, de acordo com Rheingold (*apud* CASTELLS, 2007, p. 443), é como uma

rede eletrônica autodefinida de comunicações interativas e organizadas ao redor de interesses ou fins em comum, embora às vezes a comunicação se torne a própria meta. Tais comunidades podem ser relativamente formalizadas [...] ou formadas espontaneamente por redes sociais que se conectam à rede para enviar e receber mensagens no padrão de horário escolhido ( com atraso ou em tempo real)

É importante lembrar que nem todos os autores concordam que as comunidades virtuais são realmente comunidades, pois há casos de usuários tornarem-se membros de uma certa comunidade em virtude de adesão eletrônica por puro impulso, sem ter com ela afinidade ou vínculo afetivo. Contudo, vale a pena ressaltar que o ciberespaço, as comunidades, as redes sociais possibilitam a aproximação pessoas que se localizam em espaços e tempos diferentes: “seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção.” (LÉVY, 1996, p. 21). Formadas espontaneamente por redes sociais, organizadas conforme interesses ou fins em comum, as comunidades virtuais estabelecem-se pela motivação e impulso segundo as escolhas dos usuários.

A comunidade simbólica, virtual, não necessariamente substitui a comunidade localizada geograficamente. Ao contrário, ela pode manifestar-se localmente, no espaço urbano. Os elementos das comunidades virtuais apropriam-se de objetos culturais da realidade objetiva produzindo simbolicamente um pedaço do local acessível mundialmente. Conforme Nicalaci-da-Costa (2005a),

a criação desses ambientes de encontro coletivos subverteu os parâmetros de comunicação à distância, pois inaugurou uma era em que os contatos

interpessoais podiam ser travados virtualmente (geralmente por escrito). Enquanto que antes (na era do telefone) as interações virtuais eram restritas a uma rede de conhecimentos “reais”(ou seja, travados no mundo físico), o escopo das interações virtuais na Internet foi ampliado dramaticamente. Passou a interagir, individualmente ou em grupo na medida em que os novos ambientes permitiam a comunicação “muitos-muitos” com conhecidos e desconhecidos geograficamente próximos ou distantes. Essa possibilidade imediatamente levou estranhos a identificarem afinidades comuns, e conseqüentemente, a estabelecerem relacionamentos virtuais nos quais essas afinidades eram exploradas a medio ou longo prazo. Para tanto, as comunicações rapidamente migravam do ambiente “muitos-muitos” para ambientes “um-um” (como os ambientes privados das salas de bate-papo, ou das trocas de mensagem do ICQ, Messenger e outros programas semelhantes (p. 53-54).

Como são realizadas entre dois usuários ou mais, a comunicação e a sociabilidade podem ser caracterizadas como uma rede social, de laços fracos ou fortes dependendo do grau de interação social que se estabelece entre seus usuários.

Recuero (2009) define laço como a efetiva conexão entre aqueles que estão envolvidos nas interações e cujo resultado é a sedimentação das relações estabelecidas entre os agentes. Os laços podem ser fracos ou fortes, embora sua definição varie conforme contextos particulares. Laços fracos são geralmente mantidos com pouca frequência, isto é, são conexões não íntimas. Já os laços fortes combinam intimidade, autos-revelação e reciprocidade de serviços.

Independentemente de ser fraco ou forte, o laço é uma característica das relações estabelecidas nas redes sociais na Internet, e pesa mais na comunidade virtual a maneira com que os usuários fazem as suas escolhas com base na espontaneidade, motivação e impulso segundo as suas afinidades. A principal motivação dos seus usuários nas comunidades virtuais é o interesse particular e o desejo, e as interações entre os pares são feitas pelo computador, pela Internet. Sem esses elementos fundantes da lógica da sociedade em rede não poderiam existir as comunidades virtuais.

As comunidades virtuais são um fenômeno que atinge vários países e grupos sociais de formas diferentes e desiguais. Uma pesquisa realizada por Livra-Panels<sup>25</sup> no mês de setembro de 2007, em que 60 mil pessoas foram entrevistadas *online*, em oito países da América Latina, revelou que, diferentemente dos Estados Unidos da América e Europa, a América Latina mostra um uso diversificado das redes sociais. O Brasil destaca-se pelo uso elevado de participação das redes sociais (69%), ao passo que México e Argentina contam com 37% e 21%, respectivamente. As principais redes

---

<sup>25</sup> Disponível em: <http://blog.livrapanels.com/index.php/2007/11/26/almost-70-of-brazilian-internet-users-use-social-networking-sites/> >. Acesso em: 4 mar. 2009.

sociais usadas pelos latino-americanos são o *Orkut* e *MSN Spaces*, e o Brasil lidera com 79% o uso do *Orkut* seguido pelo *MSN* (41%) e *MySpace* (15%). Os entrevistados disseram que o que mais os atrai nesses *sites* é a possibilidade de compartilhar e ver fotos de amigos, fazer novos amigos e manter contato com amigos, e buscar encontros românticos casuais.

O

*Orkut*<sup>26</sup>, com sede nos EUA<sup>27</sup>, é uma ferramenta de relacionamento e ao mesmo tempo de entretenimento, cuja navegação é fácil, o que possibilita o uso por pessoas com pouco conhecimento de informática. Embora inicialmente os EUA fossem o alvo principal, o Brasil e a Índia têm o número maior de usuários.

Funcionalmente, a plataforma *Orkut* é bastante simples em comparação com as outras. Os usuários cadastrados no *Orkut* registram um perfil que contém desde informações básicas de acesso (obrigatórias) até informações secundárias (opcionais). O perfil está dividido em três partes: pessoal, social e profissional. O usuário pode falar de suas características sociais como gostos, livros preferidos, músicas, programas de TV, filmes, um pouco de si mesmo entre outros; profissionais: como atividade exercida com informações sobre seu grau de instrução e carreira; e por fim, pessoais: com o perfil do indivíduo, de forma a facilitar as relações interpessoais, assim como informações de características físicas, a respeito de pessoa com quem ela gostaria de se relacionar, ou até namorar/casar.

Além do perfil, o associado também tem o serviço de postagem de fotos, de vídeos, *scraps* e mensagens, eventos, fóruns, enquetes, amigos, comunidades a que se pode filiar conforme o seu grau de interesse e afinidade, e *scrap chats*, sistema de busca e sala de bate-papo.

O *Orkut* não foi a primeira rede de relacionamento virtual. Surgidos nos Estados Unidos em 1979, mas que se popularizou em 1990, a sala de bate papo (*chats*), fóruns, *Multi-User Dungeon* (MUDs) tornaram-se atraentes por reunir pessoas de todas as partes do planeta que interagem simultaneamente. No Brasil, o interesse pelos MUDs cresceu à proporção que a Internet ganhava espaço nas universidades. Atualmente, o foco

---

<sup>26</sup> Para participar do *Orkut* era necessário um convite de alguém que fosse membro dessa associação, mas desde 2006, esse critério de inserção foi abolido, e seus usuários podem criar contas sem uma indicação. O *Orkut* está constantemente sendo melhorado para facilitar o manuseio. Só no ano de 2008 foram realizadas 48 mudanças técnicas, o mesmo número desde o seu surgimento em 2004, até 2007, o que indica a preocupação dos profissionais da computação e programação em oferecer uma plataforma com maiores atrativos e entretenimento para seus usuários.

<sup>27</sup> Atualmente a sede do *Orkut* é nos EUA, mas há uma possibilidade de transferência para o Google Brasil em virtude do número expressivo de usuários. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>>. Acesso: 5 mar. 2009.

desviou-se das salas de bate-papo e se concentram em aspectos ligados à sociabilidade como os *MSN*, *Yahoo Messenger*, *Google Talk*, além de *blogs*, *fotologs*, *Orkut*, *Facebook*, *Hi5*, *MySpace*, entre outros (AMARAL; DUARTE, 2008).

O Brasil, nos dias atuais, é o primeiro país da América Latina dentre os que mais acessam sites de redes de sociabilidade, segundo Relevância.net<sup>28</sup>. Dados dos relatórios de 2006, 2007 e 2008 do Comitê Gestor da Internet<sup>29</sup> revelam também um crescimento expressivo do uso de computadores em centro de acesso pago, as *lanhouses*.

Assim, pode-se dizer que as comunidades virtuais surgem com a sociedade em rede, possuem características próprias, e os laços estabelecidos entre os membros da comunidade dão-se mais por interesse do que pela territorialidade, no entanto, ainda permanece.

### **1.5 Jovens e sua relação com as comunidades virtuais e redes sociais**

As TICs estão cada vez mais presentes na vida dos jovens em virtude das necessidades criadas pelo mercado e das demandas sociais, em um contexto marcado pela massificação do acesso. Elas “são cada vez mais acessíveis, móveis, mas é importante reconhecer que elas não são neutras” (PEIXOTO, 2008, p. 31). Por ser um objeto técnico repleto de valores, e de intencionalidade, a sua difusão nos mais diversos espaços urbanos não garante uma acessibilidade igual, e tampouco as formas de apropriação são similares. Por tratar-se de um campo conflituoso, como afirma essa autora, a expressão culturas digitais é mais adequada para expressar seu caráter múltiplo e em constante movimento. Ainda que haja uma cultura digital, “os indivíduos desta geração não têm acesso igual à rede, nem à informação e não possuem as mesmas

---

<sup>28</sup> Disponível em: <<http://relevancia.tangosymangos.com/quase-70-dos-usuarios-de-internet-do-brasil-usam-redes-sociais/>> Acesso em: 2 maio 2009.

<sup>29</sup> O uso de *lanhouses* subiu de 30% em 2006 para 49% em 2007, passando à frente do acesso em domicílios que se manteve estável em 40%. A pesquisa também mostra que quanto menor a renda da população, maior é a utilização das *lanhouses*. Usuários que ganham até um salário mínimo (78%), utilizam a rede em centros públicos de acesso pago; esse número cai para 67% para os que ganham de um a dois salários; 55% para os que ganham entre dois e três salários mínimos; 42% para os de renda entre três e cinco salários mínimos; e apenas 30% de usuários tem renda superior a cinco salários mínimos. O nível de escolaridade desses usuários é baixo: 64% são estudantes do nível fundamental e 53% do nível médio e, os de ensino superior esse percentual cai para 27%. (Comitê Gestor da Internet no Brasil, localizado no site <<http://www.cgi.br/>>).

capacidades e os mesmos conhecimentos para tratar esta informação” (PEIXOTO, 2008, p. 31). Na mesma direção, Lustuik (2009) assinala:

A internacionalização da cultura jovem é um processo desigual e multidimensional que envolve contradições, resistências e forças equivalentes. Existe uma crescente relação assimétrica entre as culturas jovens em diferentes partes do mundo, dando origem a um certo paradoxo. O uso de computadores e o acesso à internet ganharam popularidade entre os jovens em muitas partes do mundo, e tais tecnologias podem facilitar um lugar social global para eles e proporcionar um contato direto que ultrapassa as fronteiras nacionais. Entretanto, o computador e o acesso à web são a fonte de maior divisão cultural, tanto entre os diferentes países (ricos versus menos ricos) como também dentro de cada país (jovens urbanos ou suburbanos com mais educação e mais saudáveis em contraste com os jovens menos educados, mas pobres e de áreas rurais (p. 356-357).

“O acesso crescente às tecnologias de produção digitais oferece possibilidades significativas, bem como coloca novos desafios”, afirma Buckingham (2002, p.258). Contrariando as previsões de que a Internet seria utilizada basicamente para questões de busca de informações, consciência sobre o mundo e maior produtividade, na realidade atual, o seu principal uso deve-se a razões sociais, e

ainda que os adultos frequentemente lamentem este uso “improdutivo” de um tempo precioso on-line, é importante lembrar que lidar com as relações sociais e brincar com estilos de autoexpressão, quando os jovens compreendem que eles são, é tão funcional em nível de desenvolvimento quanto divertido (STERN; WILLIS, 2009, p. 258).

Stern; Willis (2009) e Buckingham (2002) apresentam desafios e preocupações relacionados ao uso das TICs e os jovens. O primeiro desafio refere-se, sobretudo, às escolas. Há uma probabilidade de alunos cada vez mais chegarem à sala de aula com experiência no mundo digital que muitas vezes o próprio professor desconhece e, portanto, não valoriza. A qualidade da acessibilidade é também reconhecida como um fator preocupante. O acesso a essa tecnologia não é igualmente distribuído, e pode haver uma polarização crescente, neste aspecto, entre os *ricos em mídia* e os *pobres em mídias*. (BUCKINGHAM, 2002). Nos Estados Unidos da América, a maioria dos jovens usa o computador em casa, em segundo plano na escola, em bibliotecas e centros comunitários. Quanto ao acesso à Internet existem diferenças marcantes de acordo com a etnia e a classe social: 13% dos jovens que não utilizam a internet são afroamericanos provenientes de famílias de baixa renda. Os jovens brancos de pais com maior grau de educação e famílias cuja renda é mais alta tem maior possibilidade prováveis de terem acesso à Internet em casa.

Na América do Sul, uma pesquisa realizada em 2009<sup>30</sup> apresenta resultados similares quanto aos maiores usuários de Internet. O Brasil está entre os países pesquisados com maior uso das TICs e, sobretudo, no uso da Internet. Em primeiro lugar, aparecem os jovens argentinos (35,7%), e em segundo lugar, brasileiros (33,2%) e uruguaios (33,2%). Os principais usos da Internet entre os jovens brasileiros são os de modo instrumental e/ou utilitário e para comunicação interpessoal, 38% e 37%, respectivamente. Há uma relação entre escolaridade e uso da Internet: quanto maior a escolaridade, maior é o uso instrumental e/ou utilitário da rede. As jovens são as que preferem utilizar a comunicação interpessoal.

A apropriação dos conteúdos veiculados na Internet é outro fator preocupante para a sociedade. A livre exposição de conteúdos inapropriados que circulam e aos quais os jovens podem ser expostos é desafiador. Segundo Stern e Willis (2009) os predadores *online* estão presentes na rede. A sala de bate papo é o local mais comum. Atualmente essas salas estão sendo trocadas por mensagens instantâneas, uma mídia mais controlável que incorpora capacidades de bloqueios, das quais os jovens usuários têm domínio, conforme o relatório da pesquisa Segurança dos jovens na Internet (*Youth Internet Savety Survey*). Outros estudos, como o de Gross *et al* (2002) citados por Stern e Willis (2009), revelam também que a “maioria dos jovens simplesmente não está interessada em desenvolver relacionamentos *online* com estranhos. Eles raramente mantêm relações *online* que não coexistem no mundo *offline*” (p.266).

As preocupações dos estudos sobre o uso dos adolescentes e jovens fazem da Internet são justificadas pelo alto tempo que eles gastam utilizando-a. Mesmo com essas preocupações adultocentristas, os jovens desse estudo, por outro lado, dizem gostar da Internet porque atende aos seus interesses, a quase todos os seus desejos e necessidades, além das suas possibilidades de busca rápida, disponibilidade de 24 horas por dia e o fato de que os usuários podem navegar anonimamente e de qualquer lugar. Nos grupos de estudo sobre os jovens sul-americanos, a maioria dos pesquisados (84%) diz que se sente *por dentro* do mundo das novas tecnologias e acredita firmemente na tecnologia e nas oportunidades geradas, pois trata-se de uma ferramenta que facilita o intercâmbio e serve para desenvolver seus interesses. (LEÓN, 2009). A Internet é considerada como *amiga* pelos jovens que a desejam e a buscam (MAMEDE-NEVES, 2006), ao passo que

---

<sup>30</sup> A pesquisa “Juventudes Sul-Americanas: diálogos para a construção da democracia regional”, iniciada em 2008, é uma continuidade de outros dois projetos de pesquisa sobre juventude, coordenados pelo Ibase e pelo Pólis, com apoio da organização canadense *International Development Research Centre* (IDRC).

os adultos a veem como algo desconhecido, uma experiência perigosa, não confiável. Nesse sentido, “o acesso à web é especialmente valioso para os jovens que não possuem uma renda suficiente para comprar revistas e produtos da mídia que retratam e referem-se aos seus interesses” (STERN; WILLIS, 2009, p. 260).

Se, de um lado, surgem desafios e preocupações, de outro a *web* oferece oportunidades mais singulares de propiciar aos jovens a possibilidade de publicação de seus próprios trabalhos de criação para um grande público *online*. Historicamente, os jovens tiveram acesso a poucos fóruns para tornarem visíveis seus pensamentos e criações para um público em geral. “A Internet pode realmente auxiliar a facilitar a autorreflexão, a experimentação da identidade e a autoexposição de forma saudável”, afirmam Stern e Willis (2009, p. 262). Eles criam *blogs*, trabalham em páginas da *web*, publicam ilustrações, histórias ou vídeos *online* ou fazem releituras e reescritas de conteúdos *online*. Os jovens atualmente têm maior autonomia para fazer e dizer o que desejam do que já tiveram historicamente. É claro que esse tipo de liberdade é justamente o que preocupa muitos adultos, como assinala Buckingham (2002), não é o que a Internet está fazendo com eles, é o que os jovens estão fazendo com a Internet

A MTV Networks e a Microsoft (2007)<sup>31</sup> revelam que, embora os jovens de todo o mundo tenham mostrado que usam celulares e a Internet com grande frequência, apenas 20% deles (sobretudo brasileiros, chineses e indianos) disseram que *amam* tecnologia. Os jovens não percebem a *tecnologia* como algo independente, mas como parte de suas vidas. Não gostam apenas de enviar torpedos ou *e-mails* por si só, o que eles apreciam é comunicar-se com seus amigos o tempo todo. Um dos responsáveis pela pesquisa citada, Andrew Davidson, afirma que a maneira pela qual cada tecnologia é adotada e adaptada em todo o mundo depende tanto de fatores culturais e sociais locais quanto da própria tecnologia, isto é, a cultura interfere na forma de apropriação das tecnologias.

Em razão de sua presença em várias esferas da atividade humana, as TICs têm uma importância na construção do universo simbólico dos jovens, visto que permite o estabelecimento de redes simbólicas de acordos (MAMEDE-NEVES, 2006). Conforme Buckingham (2002),

---

<sup>31</sup> Pesquisa realizada em 2007, em que se avaliou o papel da tecnologia na vida de 18 mil jovens de 8 a 24 anos em 16 países. Foram ouvidos jovens que têm acesso fácil à Internet, telefones celulares e a pelo menos dois outros aparelhos eletrônicos. Disponível em: <<http://advertising.microsoft.com/uk/msnmtv-circuits-of-cool-social-networks>>. Acesso em:: 13 maio 2008.

a Internet pode promover um novo meio de alcançar públicos que transcendem as comunidades locais; contudo, mais uma vez, é necessário estender e igualar o acesso, não só à tecnologia, mas também às competências necessárias para usá-la criativa e efetivamente (p. 259).

“Cronistas compulsivos de si mesmos” ou “geração em contato constante” (STERN; WILLIS, 2009), os jovens percorrem caminhos desconhecidos no ciberespaço quando movem o *mouse*, fazem descobertas nos *sites* de busca, como exercício de autonomia (MAMEDE-NEVES, 2006). Movidos pela curiosidade de experimentar algo novo, mergulham no ciberespaço frequentando ambientes de encontros, construindo relacionamentos virtuais, e mantendo os antigos. Análogos aos espaços materiais, os encontros, desencontros, paixões, decepções, revelações íntimas são acobertadas por apelidos, por um perfil *fake*, por mentiras, solidariedade, indiferença, dentre outros ingredientes preexistentes na sociabilidade tradicional face a face (NICOLACI-DACOSTA, 2005a). Entendidos como um complemento, os relacionamentos na rede, são considerados uma potencialização aos reais e não um substituto deles.

A Internet também se comporta como um símbolo das máscaras que ocultam e protegem, promovem conviências e preservam conveniências (PAIS, 2007). Para o autor,

não há melhor representação do que aquela que é simulada com a maior das naturalidades. O *eu social*, actuado em diferentes cenários da vida cotidiana, recorre frequentemente aos artifícios da representação, a máscaras mais ou menos dissimuladas que garantam uma boa actuação nos relacionamentos cotidianos. (p.1)

Mamede-Neves (2006) corrobora com a opinião de Pais (2007) e afirma que a máscara é

mediadora de duas forças, não esconde, mas revela o que oculta, mostra o que deseja, escancara o ruim choca o outro, se impõe pela extravagância, pela irreverência. A máscara não é uma modalidade do *self* universal e, deste modo, a personalidade do portador, em geral, não é modificada. Mas, por outro lado, a escolha da máscara sob a qual se esconde revela traços latentes de quem a usa. [...] Com a máscara, [...] o jovem quebra os parâmetros do instituído. Dá vezes a muitas vezes (p. 188-189).

A máscara cotidiana oculta e protege, promove conviências e as salvaguarda. Mas o avesso dessa máscara é uma outra máscara que mostra a essência das pessoas ordinariamente mascaradas. Não por acaso, o termo personalidade provém do grego



*persona* cujo significado é precisamente o de máscara. Nessa ordem de ideias, as pessoas mudam de máscara de acordo com as circunstâncias (PAIS, 2008).

Os jovens como agentes diversificam suas maneiras de comunicação e interação por meio de linguagens corporais e verbais múltiplas: pela arte, música, moda, tecnologias. Todas elas expressam de alguma maneira o tipo de jovem por meio de adereços, de vestimenta ou de marcas no corpo ou de tecnologias que utilizam.

A Internet tornou-se para certos segmentos de jovens um dos espaços mais preponderantes de manifestação de sociabilidade juvenil, por meio das redes de relacionamento. Cada qual constrói o seu perfil nas comunidades virtuais e redes de relacionamento usando ícones, fontes e cores que os diferenciam dos demais, criando formas diferenciadas de identificação.

As práticas sociais da Internet mudam conforme a familiarização do jovem ao objeto. Há pouco, os jovens baixavam música, textos e *softwares*. Era a lógica do *download*, e o jovem comportava-se como consumidor. Atualmente, *sites* como *Youtube*, *Wikipidea*, *Yahoo respond*, entre outros, encorajam seus usuários, sobretudo os jovens, a postarem seus vídeos, textos e emitirem opiniões. É a lógica do *upload*. Mais do que meros compiladores de arquivos, os jovens atualmente produzem cada vez mais com maior autonomia de textos e vídeos e os postam na Internet.

A sociabilidade no ciberespaço permite a participação ativa em diferentes redes de sociais com base em novas formas de interagir com o tempo e espaço. Um novo espaço vivido como produto das relações sociais mediatizadas pela sociedade informacional, segundo Silva e Tancman (1999) leva a pensar em formas de pertencimento destituídas da materialidade dos lugares, diferentes das habitualmente conhecidas. Na rede, o lugar é uma representação e não necessariamente um lugar existente, mas localizado eletronicamente no ciberespaço.

Sintetizando, os jovens apropriaram-se das TICs nas condições materiais e subjetivas a em que estão inseridos. Longe de ser uma apropriação homogênea, as formas de adaptação e adesão diferem-se nos grupos sociais. Novos modos de pensar, agir e sentir surgem em razão da flexibilidade e mobilidade das TICs que proporcionam formas de perceber e sentir o tempo e o espaço. Os jovens, nesse processo, são tanto produto quanto produtores de uma nova cultura que surge com base nas características da sociedade em rede. Desde a sua implementação, a comunicação mediada pelas TICs possibilitou aos usuários da Internet serem produtores de cultura e não meramente receptores de informação.

## CAPÍTULO II

### **JOVENS E AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS<sup>32</sup> EM RELAÇÃO ÀS AGÊNCIAS SOCIALIZADORAS CLÁSSICAS**

O presente capítulo discute o conceito de juventude como uma categoria sociológica construída historicamente e suas representações acerca das agências socializadoras clássicas. Os jovens são considerados agentes sociais que, atuantes em suas relações sociais, desenvolvem práticas sociais diversas que orientam o tempo no espaço urbano no qual estão inseridos.

Os jovens são analisados como agentes sociais na perspectiva sociológica de Bourdieu (*apud* Canezin *et al.*, 2007), que enfatiza as posições que esses agentes ocupam no espaço social e seus discursos que expressam interpretações do mundo vivido com base em um lugar determinado. O conceito de estratégia é usado como referência analítica. As estratégias referem-se ao sentido prático da capacidade de os agentes participarem do jogo em diferentes campos sociais, o que é fundamental para a compreensão da teoria de campos, pois as estratégias dos jogadores dependem do volume do seu capital, bem como de sua estrutura. A finalidade do jogo é conservar e/ou acumular o máximo de capital, respeitando regras estabelecidas. Permeados por relações de poder, conflitos e consensos entre os agentes, diversas estratégias são utilizadas para apropriação e/ou domínio desses bens como formas de autoridade, legitimidade e prestígio (CANEZIN *et al.*, 2007).

A situação dos jovens na contemporaneidade tem conclamado estudos que desvelem as diferentes formas de ser jovem, sobretudo no que tange os jovens de camadas populares, muitas vezes tratados com base em preconceitos fundados em concepções estereotipadas sobre a juventude de bairros periféricos. Os estudos de Canezin *et al.* (2008) discutem as relações entre jovens, educação e cultura em tempos de transformações socioeconômico-culturais nas sociedades contemporâneas e apresentam novos desafios tanto aos jovens quanto às agências socializadoras e

---

<sup>32</sup> Neste projeto, o sentido dado à noção de representação apoia-se, sobretudo, em Henri Lefebvre (1983) que recusa a dicotomia entre o que está fora e exterior (como coisa) e as representações contemporâneas que também provêm de dentro e são contemporâneas à constituição do sujeito, tanto na história de cada indivíduo quanto na gênese do individual na escala social. Desse modo, as representações “não são nem falsas nem verdadeiras mas, ao mesmo tempo, falsas e verdadeiras: verdadeiras como respostas a problemas ‘reais’ e falsas na medida em que dissimulam objetivos ‘reais’” (LEFEBVRE, 1983, p. 55).

educativas clássicas, instituídas pelo papel de produzir a formação das novas gerações. Os estudos desses autores tentam apreender os universos socioculturais juvenis, na sua diversidade diante as condições materiais e simbólicas vividas nos agrupamentos, nas classes sociais, no leque diverso da religião, da etnia, do gênero e no regionalismo. Compreende-se que “[...] os jovens são orientados por um conjunto de elementos materiais e imateriais, códigos, símbolos, sistemas de representações sociais que expressam estilos de viver diferenciados das gerações anteriores” (CANEZIN, 2008, p.7)

A questão geracional está presente nos estudos sobre a juventude, é apenas uma palavra, como já definira Bourdieu (1983) em seus estudos sociológicos sobre a temática. Como as divisões entre as idades são arbitrárias, ser jovem ou ser velho é uma questão relacional: “somos sempre o jovem ou velho de alguém” (BOURDIEU, 1983, p. 113). Com esta afirmativa, o sociólogo francês simplesmente lembra que a juventude e a velhice são categorias construídas socialmente na luta entre jovens e velhos, e a relação entre idade social e idade biológica são muito complexas e ultrapassam as pré noções próprias do senso comum acerca dos jovens.

Reguillo (2003) chama a atenção para um aspecto consensual entre os estudiosos da juventude ao dizer que os jovens não representam uma categoria unívoca, homogênea, pelo contrário, a categoria expressa heterogeneidade, pluralidade na medida em que estão relacionados aos movimentos sócio-históricos de cada sociedade. Assim a autora se expressa:

a juventude é uma categoria construída culturalmente, não se trata de uma “essência” e, em tal sentido, a mutabilidade dos critérios que fixam os limites e os comportamentos do juvenil, está necessariamente vinculada a contextos sócio-históricos, produto das relações de força de uma determinada sociedade (REGUILLO, 2003, p. 104).

A faixa etária é um dos critérios que delimita a juventude, em geral, utilizado em diferentes países e por diversos organismos de pesquisa como ponto de partida para classificar os jovens. Conforme Leon (2009a), na América Latina, as variações são enormes. Há países como El Salvador que considera o início da juventude ainda na segunda infância, entre 7 e 18 anos e outros países que consideram o fim da juventude tardiamente, como Costa Rica e Argentina, com uma variação entre 12 e 35 anos e 14 e 30 anos, respectivamente. No Brasil, em geral, o critério adotado situa-se entre 15 e 24

anos, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) e das Nações Unidas (ONU), entre 15 e 29 anos, no âmbito das políticas públicas no Brasil.

Novaes (2006) sinaliza a importância de reconhecer que, ainda que os jovens tenham idades iguais, eles vivem juventudes desiguais, pois são sujeitos localizados em espaços sociais diversos que interferem subjetivamente em seus modos de pensar, agir e sentir. Abramo (1994) diz ainda que a faixa etária é o sinalizador mais geral e usual de fixação da categoria, entretanto, a noção de juventude é cultural e socialmente variável, pois

a definição de tempo, de duração, dos conteúdos e significados sociais desses processos se modifica de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através de suas divisões internas. Além disso, é somente em algumas formações sociais que a juventude se configura como um período destacado, ou seja, aparece como uma categoria com visibilidade social (p. 1).

Falar em juventude no singular não abrange a diversidade e a complexidade do fenômeno nas sociedades contemporâneas. A juventude, consensualmente entendida na sua pluralidade por diferentes autores, constitui uma categoria cujos sentidos divergem conforme as condições de classes sociais, culturais, de gênero, territoriais, dentre outras. Utilizar o termo juventudes supõe considerar dimensões formativas do sujeito na sua singularidade de ser jovem e não apenas uma passagem ou transição de vida e nesse sentido, a juventude assume importância em si mesmo. Os modos de ser jovem apresentam especificidades que não se reduzem um único modo de ser jovem nas camadas populares, mas que se traduzem em uma diversidade (DAYRELL, 2003).

Para autores latino-americanos, como Islas (2009), juventude é um conceito que emerge na disputa que se realiza em diferentes campos do conhecimento das ciências humanas. A psicologia enfatiza seu enfoque biológico, caracterizando-a como um estágio da vida, uma mudança de hormônios que, por conseguinte, são provocadores e constituintes de crise na adolescência. A pedagogia por muito tempo, focalizou sua atenção e estudos nas crianças, mais do que em adolescentes, e apenas recentemente os seus olhos voltaram-se para o juvenil. Outros subcampos das ciências sociais, por sua vez, tratam o juvenil como um segmento da população com características próprias conforme os espaços sociais em que se encontram. Os jovens "modificam-se e se diversificam historicamente como produto das transformações da própria sociedade e de suas instituições" (ISLAS, 2009, p. 18).

Há uma confusão conceitual entre o que vem ser a adolescência e a juventude. Estes termos, frequentemente usados como sinônimos, pertencem a campos de estudo diferentes. A adolescência, no campo da psicologia evolutiva, refere-se a uma fase de crescimento, ao começo da capacidade reprodutiva, e também está associada às mudanças qualitativas na estrutura do pensamento e ao momento em que se iniciam os processos de construção identitária e societária em grupos ou individualmente. (LEON, 2009a). Por sua vez, segundo o mesmo autor, os estudos sociológicos concentram seus esforços em compreender a juventude segundo duas perspectivas: a corrente geracional e a classista. A primeira abordagem percebe a juventude como uma fase da vida e das continuidades e descontinuidades dos valores intergeracionais, e se baseia nas teorias da socialização e das gerações. Para essa corrente, os indivíduos experimentam o seu mundo, as suas circunstâncias e os seus problemas como sujeitos de uma determinada geração. Por outro lado, a corrente classista enfoca seus estudos na desigualdade social. As culturas juvenis são culturas de classes, isto é, produto das relações antagônicas de classe. Essa corrente compreende a cultura juvenil como cultura de resistência, com conteúdo político. As diferenças juvenis de hábitos linguísticos, vestimentas, adereços são diferenças que perpassam a condição de classe dos jovens e não uma diferença entre eles, independentemente da classe social. Assim, do ponto de vista sociológico, a categoria juventude situa-se num *terreno movediço* (PAIS, 1993), de difícil configuração.

Produtores de cultura e não meramente consumidores, ou puros apreciadores dos prazeres da cultura, os jovens constroem novas redes de sociabilidade e identidades juvenis conforme duas perspectivas (PAIS, 2006). Uma delas efetiva-se por meio de socializações que a prescrevem, que fazem que os jovens se adaptem às culturas prescritivas (a escola, a família, a Igreja), e outra, pelo viés das suas expressividades cotidianas (em outros espaços não clássicos de socialização). Nesses espaços diversificados, os jovens produzem suas próprias culturas de afirmação de seu estilo de vida, de sua subjetividade. Pais (2006) assinala:

A ideia que ponho em discussão é a seguinte: nos tradicionais *estatutos de passagem* da adolescência para a vida adulta os jovens adaptavam-se a *formas prescritivas* que tornavam rígidas as modalidades de passagem de uma a outra fase de vida. Diríamos, então, que essas transições ocorriam predominantemente em *espaços estriados*. No entanto, entre muitos jovens, as transições encontram-se atualmente sujeitas às culturas *performativas* que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os cotidianos juvenis. Ou seja, as culturas juvenis são vincadamente *performativas* porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe (p.7).

A reprodução da trajetória dos pais e a experimentação são dois modelos explicativos para as culturas juvenis, segundo Barbosa e Araujo (2009), que citam Hersent (2004). No primeiro caso, o de reprodução da trajetória dos pais, o casamento, o ingresso no mercado de trabalho, a responsabilidade pessoal são antecipados. A segunda lógica está mais voltada para a movimentação dos jovens nos espaços de lazer, sociabilidade e experimentação cultural que permite a configuração das identidades pessoais e sociais. Essa experimentação relaciona-se com instituições e circunstâncias específicas que podem ser vividas nos espaços urbanos informais ou em campos institucionais formalizados.

Deve-se observar a juventude como uma etapa da vida com suas limitações e oportunidades e não somente como um período de moratória e preparação para a vida adulta (LEON, 2009a). A moratória social, o presentismo ou moratória vital e o tempo livre são conceitos frequentemente associados aos jovens. Margulis e Urresti (1996) definem a moratória social como um prazo concedido a certa classe de jovens, que lhes permite gozar de uma menor exigência enquanto completam sua instrução e alcançam sua maturidade social. Barbosa e Araújo (2009) concordam com essa ideia quando apontam a juventude como um momento de tempo suspenso: “um adiamento da vida verdadeira, que é a vida adulta, mas ao mesmo tempo, é quando se vivenciam de forma especial os laços sociais e afetivos e se desenvolvem elementos da própria personalidade e da autoexpressão (p. 229). Nessa concepção, a passagem para a vida adulta demora mais, em razão da não entrada precoce no mercado de trabalho, como usualmente acontece com os jovens de camadas mais pobres que adquirem responsabilidades mais cedo, como a inserção no mundo do trabalho para colaborar com o sustento da família, como acontece muitas vezes.

O presentismo é recorrente na associação dos jovens à sensação do aqui e agora, do aproveitar ao máximo, e frequentemente ligado à sensação de imortalidade, pois eles chegam a correr riscos por causa dos impulsos de desafiar o novo e destemermos limites. Viver intensamente é o que os jovens buscam e se arriscam ao cometerem extravagâncias ou excessos. O tempo livre para desfrutar e gozar dos benefícios da juventude também é presente nos discursos. Associado ao lazer e diversão, os jovens são associados ao ócio e à irresponsabilidade. Esses discursos presentes na sociedade nada mais refletem que as representações sociais construídas culturalmente sobre a juventude que, muitas vezes, estão associados a juízo de valores e preconceitos.

As pesquisas tendem a segregar as instituições dos jovens produtores de cultura. Reguillo (2003) critica a dicotomização entre as duas dimensões, isto é, como se uma não repercutisse sobre a outra. Os jovens das culturas performativas estão impregnados dos valores das culturas prescritivas ou sofrem a ausência desses valores.

Investigar jovens na sua condição juvenil (ABRAMO, 2005) instiga apreendê-los para além dos estereótipos que, em geral, permeiam o campo educacional e os responsáveis pela formulação de políticas públicas que os concebem na perspectiva do *problema social* ou da *vulnerabilidade e risco*. Nessa direção, é necessário investigar os diferentes agrupamentos juvenis e suas culturas que, comumente, não adentram os *muros escolares*. O fato das culturas e dos agrupamentos juvenis ganharem visibilidade social significa que jovens, nos diferentes espaços, procuram descobrir as estratégias de que necessitam para se movimentarem no mundo social e, nesse processo, se constituírem individual e coletivamente.

No Brasil, nos últimos dez anos, a temática juventude tem ganhado destaque tanto no meio acadêmico quanto nas mídias, nas agendas governamentais e não governamentais em virtude da visibilidade crescente dos jovens nos meios de comunicação, ora vítimas da violência ora protagonistas de problemas sociais, desemprego, drogas, gravidez precoce, dentre outros (NOVAES, 2006). Há estudos que também evidenciam os jovens na cultura, nos movimentos de *hip hop*, *rap*, *break*, etc. Muito recentemente, investigações voltam-se para as relações que os jovens mantêm com as TIC e suas apropriações. Até pouco tempo, as tecnologias eram basicamente utilizadas por jovens da classe média e alta, em domicílio. Com a penetração das tecnologias nos bairros mais populares, sobretudo por meio das *lanhouses*, os jovens da periferia estão acessando, em quantidade, o ciberespaço.

Destarte, a juventude é uma categoria em permanente construção social e histórica, variando no tempo, na mesma sociedade e segundo diversos efeitos globais dos fenômenos econômicos, sociais e culturais.

## **2.1 Traços identificatórios dos sujeitos jovens da pesquisa**

De acordo com os dados coletados, os oito jovens pesquisados são residentes no Jardim Novo Mundo e participam da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo, bairro

da Região Leste de Goiânia, sendo cinco jovens do gênero masculino e três do feminino e ex-alunos da EJA. Alguns são tratados por codinomes que muitos utilizam na rede mundial de computadores, e outros nomes foram modificados para manter preservada a identidade. Todos mantêm uma ligação com o bairro, e mesmo que alguns deles não residam ali, têm familiares no bairro. Naturais da Região Metropolitana de Goiânia, cinco moram no Jardim Novo Mundo, dois em bairros vizinhos, e um deles Karoc, mudou-se para um bairro em outra região da cidade.

Este trabalho não pretende traçar um estereótipo dos jovens, tampouco homogeneizar suas falas. O estudo pretende discutir a pluralidade juvenil no grupo social. Malako, Vikoto, Fran, Chaulin, Gales, Docim, Kate e Karoc<sup>33</sup> são jovens que se distinguem pelos estilos de vida, pela vestimenta, adereços e a relação que mantêm com o corpo, mas ao mesmo tempo têm uma história de vida marcada pelas condições do grupo social ao qual estão inseridos. Os dados coletados no processo de investigação, que tem como referência a questão *quem é esse jovem*, expressam uma diversidade de perfis.

Malako<sup>34</sup> é um *rapper*<sup>35</sup> e se veste como tal. Com um gingado no andar, como se acompanhasse inconscientemente o ritmo de uma canção, usa calças e camiseta larguíssimas que escondem um corpo forte e robusto. Na cabeça, uma bandana cobre parcialmente a testa, e um brinco modesto passa quase despercebido. Malako, 22 anos, negro, é natural de Goiânia, mora com cinco membros da família, incluindo os pais. Mecânico de carros de *kart*, ajuda o sustento da família. O pai, migrante de Minas Gerais, possui ensino fundamental incompleto e é funcionário público. A mãe, nascida na capital goiana, concluiu o ensino fundamental e trabalha como bordadeira.

Vikoto, articulado e agitado, adota um estilo *skatista*. Correntes no pescoço, *piercings* no rosto, alargador nas orelhas, veste bermudas largas, abaixo da cintura e camiseta sem mangas, mostrando a definição de um corpo ágil e franzino, típico de quem pratica *skate*. Aos 19 anos, trabalha na *lanhouse* mais frequentada pelos jovens do bairro. Filho de pais separados há dois anos, mora apenas com a mãe. Assumiu desde a separação dos pais a função de provedor da família, e, embora receba um salário

<sup>33</sup> As entrevistas com Malako, Vikoto, Gales, Docim e Karoc foram realizadas *online* por meio do MSN, e Fran, Chaulin e Kate foram face a face. A ortografia do texto original foi mantida.

<sup>34</sup> Segundo o dicionário informal, malaco é uma palavra, na gíria do rap e do *hip hop*, que significa um sujeito esperto, cheio de manhas e desconfiado de tudo que vive na favela e é fã de *hip hop*, *rap* e ritmos da periferia e tem um jeito de vestir-se peculiar: bermudas largas, moleton com capuz, tênis enormes e correntes de prata no pescoço. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/buscar.php?palavra=malaco>>. Acesso em: 12 abril 2010.

<sup>35</sup> O termo *rapper* é original da língua inglesa que significa aquele que canta *rap* (estilo musical) cujo significado é dizer, falar, cantar ou contar um conto.



mínimo, ajuda o sustento da casa. A mãe trabalha em uma pamonharia, e o pai é caminhoneiro. Ambos têm ensino fundamental incompleto. Sua única irmã mora no interior do estado.

Fran nasceu em Senador Canedo, mas migrou com toda família para o Jardim Novo Mundo há quinze anos, quando os pais estavam em busca de melhores oportunidades de emprego. Sua mãe logrou licenciar-se em História e atualmente leciona em uma escola estadual, na própria região. O pai, com ensino fundamental incompleto, trabalha como autônomo em uma barraquinha de roupas, em um camelódromo no centro de Goiânia. Fran mora com os irmãos, primos e pais; no total cinco pessoas dividem a casa, e quatro colaboram com o pagamento das despesas. Quem mais participa é a mãe, pois tem emprego fixo, logo em seguida, o pai. O jovem, de 23 anos, está desempregado, mas trabalha na banca da família. Fran trabalha desde os 14 anos de idade. Ele diz que “já fez de tudo”: “*eu já trabalhei em farmácia, em fábrica e motoqueiro fazendo entrega*”. Hoje em dia trabalha nove horas diárias, mas teve época em que chegou a trabalhar doze horas por dia. O trabalho sempre esteve presente na vida desse jovem e reconhece o valor do trabalho: “*Pra mim é tudo né, fonte de renda. Se a gente não trabalhar, não tem como a gente viver*”. A sua relação com o trabalho tem um caráter positivo, pois acredita que sempre será melhor: “*Espero que melhore, né, que seja melhor do que o último.*”

Docim, corruptela de docinho, como é identificada no mundo virtual, é uma jovem branca de 21 anos que adora esportes. O apelido advém de uma personagem de um *desenho animado* estadunidense As meninas superpoderosas<sup>36</sup>. Cabelos longos e vermelhos, estatura baixa e um corpo atlético em virtude de sua dedicação aos esportes como, o *muay tay*, a jovem assemelha-se à personagem que adotou como referência no *Orkut*, Docim: sempre na defensiva, em uma situação de perigo é a primeira a raciocinar e também a primeira a atacar. No corpo saudável, há *piercings* no nariz e uma tatuagem da sua super heroína, adereços que marcam sua identidade. É como uma garota de coragem que Docim se expressa, uma jovem cheia de energia e atitude, que desde cedo teve que enfrentar as dificuldades colocadas por sua condição de vida. Pai

---

<sup>36</sup> São três garotas de desenho animado. Docinho sempre está na defensiva. Diante de qualquer situação de perigo, é a primeira a raciocinar, e também a atacar. Ela não pensa duas vezes antes de um golpe. É o tipo de menina que pode ser chamada de *garota de coragem*. Quase sempre está de mau humor e faz o que pode para ocultar seu lado terno e feminino. Para pouco lhe servem as palavras, pois Docinho se expressa através de suas ações. Disponível em: <<http://www.entretendo.com/as-meninas-superpoderosas-geracao-z-o-novo-desenho-do-cartoon-network/>>. Acesso em: em 12 de abr. 2010.

falecido, ajuda a sustentar a mãe e os dois irmãos, trabalhando oito horas diárias como auxiliar administrativo em um armazém de decoração.

Chaulin é um jovem branco, solteiro, de 22 anos. De aparência tímida, mas comunicativo, adota um estilo limpo: os cabelos são estrategicamente penteados com gel e realçados por luzes nas pontas para dar uma aparência de modernidade, e a indumentária, roupas básicas e óculos escuros espelhados dão-lhe um ar futurístico. O jovem mora com a mãe e três irmãos em um bairro vizinho ao Jardim Novo Mundo. Mas nem sempre foi assim, quando pequeno morava com a avó: *“Eu desde pequeno eu fui criado com a minha avó, dos cinco anos ate os dezesseis”*. A irmã de dezenove anos tem uma filha e mora em outra casa. Os pais de Chaulin estão separados. O pai mora no Jardim Novo Mundo, tem ensino fundamental completo e trabalha como farmacêutico. A mãe não concluiu o ensino fundamental, está desempregada, mas antes trabalhava como vendedora autônoma. Atualmente Chaulin está fazendo um bico, presta um favor a um amigo substituindo-o durante as férias, em uma *lanhouse*. Não é primeira vez que realiza esse tipo de trabalho, já por dois anos em outras lanhouses na região e gosta bastante da atividade:

*É um trabalho bom que eu já tenho ciência, porque eu já trabalhei em várias outras lanhouses na Vila Pedroso. Eu tenho muita experiência nessa área. Eu gosto, é uma área muito boa, que você aprende quando você tá ensinando. A área de informática hoje se você souber trabalhar hoje, se você souber pensar sobre isso também, é uma maneira de angariar dinheiro de uma maneira correta.*

Dentre os agrupamentos de que participa, Chaulin destaca as comunidades virtuais, a associação de bairro e a comunidade de jovens da Igreja Videira, atividade que realiza todos os fins de semana: *“Eu comecei a frequentar a Videira, e eu estou gostando. Tô frequentando um mês e meio. Eu tô frequentando o encontro dos 4 mil e estou achando legal”*. Anteriormente, quanto morava com a avó, o jovem era católico: *“Eu fui criado em berço católico”*.

Gales, 22 anos, é um jovem pardo e órfão de pais desde 2003, quando o pai faleceu de infarto e a mãe, de infecção hospitalar depois de ter sido operada de câncer no estômago: *“Meu pai morreu no mês dos pais e minha mãe, em setembro perto do seu aniversário. Todos foram em 2003”*. O pai era vigilante noturno, e a mãe empregada doméstica. Ambos não chegaram a concluir o ensino fundamental. Morando em um barracão no fundo da casa de uma tia, vive sozinho desde que perdeu os pais, quando

tinha dezesseis anos de idade. Trabalha para bancar seu próprio sustento, em um supermercado no centro da cidade. São nove horas diárias de rotina de trabalho. Tem carteira assinada e ganha um pouco menos de dois salários mínimos. Antes dos quatorze anos de idade já trabalhava.

Kate começou a trabalhar com quatorze anos de idade. Começou a namorar um rapaz aos doze anos e aos quinze, engravidou e se tornou mãe aos dezesseis. A jovem negra, atualmente com 19 anos, não poupa doçura e alegria ao expressar-se. De estatura alta, chama a atenção por sua beleza, exuberante e saudável, típico de uma jovem que já foi dançarina de um grupo de axé. Sua moradia é um barracão localizado nos fundos de uma casa, e ela divide seu espaço com mais oito pessoas. Há dois anos mudou-se para o Jardim Novo Mundo por questões financeiras. No começo, estranhou a mudança, mas logo a aceitou: *“Eu tô aqui, e é o único lugar que temos condição de ficar, então tipo que tá normal”*. O pai é motorista, e a mãe é dona-de-casa. Ambos não terminaram o ensino fundamental. Quatro pessoas ajudam o sustento da casa, mas o maior provedor continua sendo o pai. Atualmente Kate está em busca de um novo emprego. Já trabalhou como operadora de *telemarketing* em *call centers* e em uma empresa de telefonia.

Karoc é uma jovem de dezenove anos que viveu no Jardim Novo Mundo, mas que há um ano mora no Jardim América. Os laços com o bairro é mantido pelas amizades e pela família, avó, tios e primos que ainda moram no bairro. Apesar da distância entre os bairros, Karoc visita sua avó todos os dias. A jovem é filha de um corretor de imóveis e de uma vendedora. Ambos possuem ensino médio completo. Em uma casa modesta e simples, Karoc mora com os pais e irmãos, seis pessoas no total, e três ajudam as despesas da casa. Atualmente ela não contribui para o sustento da casa, porque está desempregada. A sua trajetória no trabalho começou cedo, aos quatorze anos de idade no Programa Pró-cerrado<sup>37</sup>. Seu último emprego foi em uma casa lotérica, com carteira assinada, e ganhava um pouco mais de um salário mínimo trabalhando seis horas diárias. Está em busca de emprego no momento, mas também gostaria de voltar a estudar, pois está afastada da escola há dois anos.

### **2.1.1 Jovens e arranjos familiares**

A agência familiar, para Bourdieu (2004), é uma convenção social construída ao longo da história de diferentes sociedades e cuja função educativa consiste em inculcar continuamente, pela ação pedagógica, valores e sentimentos de modo a integrá-los à

---

<sup>37</sup> Programa governamental que visa empregar jovens de quatorze a dezessete anos de idade que estejam frequentando a escola regular.

lógica do grupo social à qual pertencem. A coesão e a integração familiar são mantidas por meio de um conjunto de trocas simbólicas entre seus membros.

Os arranjos familiares dos jovens pesquisados são diversos. Quatro jovens moram com os pais e irmãos, três com a mãe e irmãos, e apenas um mora sozinho, porque é órfão de pais. Os jovens Vikoto, Chaulin, Docim e Gales, desprovidos da figura do pai, em razão de morte ou separação do casal, faz que eles assumam a posição de maior provedor da família. E também aqueles que têm pai em casa, muitas vezes desempenham essa função por causa da má remuneração e instabilidade de emprego do pai, como no caso de Fran. A família, na concepção de Bourdieu (2004,) tem papel fundamental na manutenção da ordem social, assim como na reprodução biológica e da estrutura do espaço social. A figura do pai é um forte mecanismo de poder concreto e simbólico cuja autoridade é necessária à manutenção e reprodução desse espaço. À medida que a figura paterna é fragilizada pelas condições de existência de famílias de camadas populares, os jovens assumem o papel de provedor.

Outro aspecto evidenciado é o baixo nível de escolaridade dos pais. Todos têm educação básica incompleta, exceto a mãe de Fran que tem licenciatura em História. A história de escolarização dos pais é reproduzida na vida escolar dos jovens desta pesquisa. Eles também não chegaram a concluir o ensino médio, com exceção de Kate, o que evidencia a posição que esses jovens ocupam no espaço das classes sociais. Essa posição é definida por critérios de diferenciação no espaço social por razões culturais, isto é, o volume de capital cultural de que os agentes dos grupos ou classes dispõem. A hierarquia simbólica reforça as divisões sociais e as estruturas de dominação à medida que é utilizada para classificar os indivíduos conforme o bem cultural que possuem e restringe a mobilidade social dos indivíduos (NOGUEIRA, 2006). Ainda, para Bourdieu (1998), a dinâmica da família processa-se da seguinte forma: “cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos profundamente interiorizados” (p.41).

A cadeia de eventos da história de vida desses jovens é marcada por uma reprodução das hierarquias do campo. Para Bourdieu (1985), as distinções entre os grupos sociais decorrem das posses de capital econômico e de capital cultural. Os sujeitos ocupam espaços próximos quanto mais similar for a quantidade e a espécie de capitais que detiverem. Por outro lado, os agentes situam-se mais distantes no campo social quanto mais desigual for o volume e o tipo de capitais. Pode-se dizer, então, que o capital econômico e cultural geram internalizações de disposições – *habitus* – que diferenciam os espaços ocupados pelos homens.

Os dados de identificação dos jovens sugerem uma relação entre as precárias condições materiais da família e a precocidade de idade de ingresso no mercado de trabalho, aos quatorze anos. Os oito jovens pesquisados ajudam o sustento com sua renda. Se não o fazem, é devido à condição de desempregado no momento da pesquisa. A entrada precoce no mercado de trabalho leva esses jovens a trocarem de turno na escola e, muitas vezes, conciliar trabalho diurno e escola noturna faz que se ausentem ou até abandonem as salas de aulas. Esse movimento produz sentidos no modo de os jovens perceberem a juventude traduzindo a posição dos jovens no espaço social. Os jovens transitam conforme a posição ocupada nos diferentes espaços sociais. Esta afirmativa tem pertinência quando se toma como referência o espaço urbano em termos da estrutura social na qual os agentes estão inseridos no espaço social. Bourdieu (1985) compreende a sociedade como uma representação de um espaço de várias dimensões, construído com base nos princípios de diferenciação ou distribuição e constituído por uma série de propriedades ativas. O espaço social pode ser descrito como um campo de forças, permeado por relações de poder, e que mantém sempre diferentes condições relacionais.

## 2.2 Modos de ser jovem

Os jovens pesquisados, ao falarem sobre a juventude, apresentam diferenciadas representações. Como diz Novaes (2006), as diferentes juventudes vivem juventudes distintas. Algumas representações do modo de ser jovem estão ligadas ao presentismo, isto é, aproveitar intensamente o momento, o agora na companhia do grupo, ainda ao tempo livre, que, associado ao lazer, não é o mesmo para todos.

Compreender o modo de ser jovem nos tempos atuais passa pelo entendimento dos diversos fatores estruturais, dentre eles, as culturas prescritivas, tal como a família, a escola, o trabalho, e as culturas espontâneas de lazer e cultura, sobretudo, nos agrupamentos juvenis. Abramo (2005) explica que a condição juvenil está vinculada aos sentidos atribuídos aos jovens conforme o olhar das distintas sociedades. Segunda a autora:

o modo como uma sociedade constitui e atribui significado a esse momento do ciclo da vida, que alcança uma abrangência maior, referida a uma dimensão histórica geracional, revela o modo como tal condição é vivida a partir dos diversos recortes referidos às diferenças sociais, classe, gênero, etnia (p.42).

Malako sente-se jovem quando joga futebol e sai com os amigos para beber. Ser jovem, para ele, “*é ser feliz, ser independente*”. Já para Vikoto, a situação é diferente.

Ele não se sente jovem por causa das responsabilidades que adquiriu com a separação dos pais e pela jornada de treze horas diárias de trabalho de segunda a sábado, na *lanhouse*. Ele declara que se sentia mais jovem era quando era *skatista* e jogava futebol: “*Não tinha que trabalhar, só estudos. Meus pais dava.*” Atualmente, já não anda mais de *skate*, nem joga futebol: “*Minha vida agora é so trabalho, namorada, casa, igreja e a lanhouse. Nao me sinto jovem aqui não pelo contrario*”. Ele sente falta desse tempo de lazer, mas se conforma: “*Sinto falta um pouco, mais tenho minhas obrigacoes a fazer, por exemplo, trabalho*”.

Fran é um jovem que não apresenta marcas do grupo de que participa. É discreto no modo de vestir-se e andar. Somente torna evidente do agrupamento a qual participa quando o seu time joga, o verde e branco, cores do uniforme da torcida organizada Força Jovem Goiás, tomam conta do seu visual. Em todas as partidas do time, ele está presente na torcida esmeraldina. Fanático por esportes, mas especialmente por futebol, esse jovem critica as condições de lazer do bairro:

*aqui falta um campo de futebol, uma quadra poliesportiva pra população, num tem. O que eles fizeram não dá pra gente usar. Eles num feis do jeito que devia fazer. Feis de qualquer jeito lá e largou. É a única coisa que eu não gosto daqui, um lazer pro jovem. Hoje em dia o jovem quer saber só de Internet, né.*

O futebol não é a única atividade que o faz sentir jovem. Ele também gosta de *surf*ar na Internet, participar de jogos eletrônicos na *lanhouse* e viajar nos finais de semana com os amigos.

A identificação com os esportes faz Docim sentir-se jovem: “*Jah fis 4 anos de capoera e 2 anos de judô, mais o melhor e muay thai . Sempre gostei [de esportes] e não vo para*”. Assim como a sua super heroína, Docim é dotada de coragem, no seu perfil na comunidade virtual afirma gostar de “*skate, tatto, adrenalina, aventura, patyys e moto*”. Outra paixão é expressa pela adesão à torcida organizada do Goiás, a esmeraldina. Suas fotos na comunidade virtual revelam sua fixação pelo esporte. Vestindo a camisa do “*timão do coração*”, é frequentadora assídua aos jogos no Estádio Serra Dourada. Seja em companhia dos amigos ou do namorado, torcedor do Goiás, não perde uma partida: “*sempre naum perco jogo nem um mesmo se o goias tiver perdendo né*”.

Chaulin gosta de visitar amigos e familiares, ir ao cinema, usar o computador, participar de eventos musicais e jogar futebol nas suas horas de lazer. No seu perfil do *Orkut* diz que adora “*axé rok fank hiphop dence forro sertanejas romanticas dentre outras*”. Entretanto, o que mais o identifica como jovem é quando desperta cedo e faz sua diária caminhada matinal:

*Eu caminho oito, dez kms todo dia. Eu ando ,corro, eu vou trabalhar. O meio de transporte é o P2 [sai a pé]. saio daqui de casa, vou pra lanhouse do meu primo, volto. Pra casa do meu pai no Jardim Novo Mundo, eu vou a pé. Eu até tenho dinheiro pra ir, mas eu vou a pé. Só se eu tiver muito cansado eu vou de ônibus. E pra economizar também.*

Afirma com veemência sentir-se jovem: “*Eu me sinto jovem com certeza*”.

O movimento do corpo é importante para Gales. Pratica *parkour*<sup>38</sup> e dança. A preocupação com a forma física é exibida em fotos que, expõem no *Orkut*, o corpo atlético e definido e a manobras radicais praticadas em um esporte favorito, o *parkour*, atividade que o faz se sentir jovem, além da visita de amigos e familiares e festas de som automotivo. Essas atividades, em geral, são realizadas com grupo mais de cinco jovens. Quando perguntado se ele se sente jovem, logo associa esse sentimento ao esporte: “*Presiso de praticar esporte ou agir como jovem basta se sentir jovem. Saber sempre sair da rotina na hora certa. Nao se preucupar com poca coisa*”.

A música na vida de Kate tem um significado relevante. Ela começou a dançar e montou e, aos quinze anos, ela e mais cinco jovens formaram o *100% Sensual*, grupo de axé que se apresentava em clubes e participava de competições, e era formado por duas ruivas, duas loiras e duas morenas, jovens que se conheceram no próprio bairro. Entretanto, com a gravidez, ela parou de dançar:

*Era eu e mais cinco: 100% Sensual. Aí a gente ia em concurso em clube, igual o Ferreira Pacheco, porque tinha esses concursos de axé. Aí geralmente tinha as eliminações, tinha o nosso uniforme bonitinho, direitinho. Era muito bom, a gente fazia a nossa coreografia e tudo mais. Aí a gente sentava e discutia. Aí logo que eu comecei a empolgar, entrosar, eu conheci o pai da minha filha, aí eu engravidei e aí eu tive que pará de dançar. Aí acabou, né.*

Com o sonho interrompido por uma gravidez não planejada, Kate viu-se diante de uma nova etapa da vida: uma jovem com responsabilidade de adulto. Com nostalgia, lembra-se da época em que se sentia jovem:

---

<sup>38</sup> Parkour [percurso] é uma atividade física difícil de ser categorizada. Não é um esporte radical, mas uma arte ou disciplina que assemelha à auto-defesa nas artes marciais. De acordo com o seu fundador David Belle, o espírito no *parkour* é guiado, em parte, a superar todos os obstáculos encontrados no caminho como se o atleta estivesse em uma emergência. A pessoa deve mover-se de tal maneira, com movimentos, que possam ajudá-lo a ganhar maior vantagem possível sobre alguém ou alguma coisa, quer escapando do obstáculo ou enfrentando-o. Assim, se houver um confronto hostil com alguém, as opções são conversar, lutar ou esquivar-se. Como as artes marciais são uma forma de treinamento para a luta, *parkour* é uma forma de treinamento para a fuga. Em razão da dificuldade em categorizá-la, os praticantes o definem por ele mesmo: “*Parkour é parkour*”. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Parkour>>. Acesso em: 1º abr. 2010.

*Nossa, era muito bom, a gente se reunia segunda quarta e sexta, aí a gente repassava os passos no sábado e no domingo que era o concurso. Aí a gente comprava os tecidos, tinha costureira, a gente mandava fazer [a roupa], era muito bom. Era um tempo que eu era feliz e não sabia.*

Karoc é uma jovem de olhos amendoados e grandes, com cabelos castanhos que cobrem seus ombros. Séria, não distribui sorrisos gratuitamente, embora um dos traços marcantes da jovem seja justamente o sorriso largo que toma conta de um rosto do qual emana vitalidade. Mesmo com tanta beleza, Karoc é uma jovem simples e reservada. Nos fins de semana, gosta de ir a barzinhos, dançar e participar de eventos musicais, como as *raves*<sup>39</sup> com “suas melhores amigas”, deixa claro. Além da balada, ir ao *shopping* e ver uma partida de futebol, como fazia com seu ex-namorado, Fran, que participa da torcida organizada esmeraldina, estão na lista de programação dessa jovem.

Embora façam parte do mesmo grupo social, esses jovens têm compreensões diferentes sobre o que significa ser jovem. Malako relaciona o modo de ser jovem com a liberdade e a felicidade, discurso frequente nas práticas de consumo veiculadas pela mídia, mas pode-se inferir também que é bastante utilizada por *rappers*<sup>40</sup>, que pregam a liberdade de expressão com denúncias das mazelas do espaço vivido por meio da música. Para Dayrell (2001), os jovens do *rap* e do *funk*, na sua maioria, reelaboram as imagens correntes sobre a juventude, criando modos próprios de ser jovem, sempre mediados pelo estilo. “Num contexto de transformações socioculturais mais amplo pelo qual passa o Brasil, parecem surgir novos lugares no mundo juvenil quase sempre articulados ao mundo da cultura”, assinala o autor (p. 246). Malako, por exemplo, expressa seu modo de ser jovem, por meio da cultura espontânea criada nos agrupamentos juvenis, prioritariamente. Os jovens, sobretudo os de camadas populares, em que o direito à juventude é negado, atribuem sentido de vivência aos estilos juvenis. Dayrell (2001) confirma: “o *rap* e o *funk* constituem um espaço e um tempo nos quais podem afirmar a experiência da condição juvenil. É por meio desses estilos que constroem determinados modos de ser jovem, e nesta construção colocam em questão as imagens ou um certo ‘modelo’ de juventude” (p. 241).

Vikoto, por sua vez, tem uma experiência de ser jovem marcada pela obrigação de assumir o papel de principal provedor de casa. Já se sentiu mais jovem quando

<sup>39</sup> *Rave* é um tipo de [festa](#) que acontece em [sítios](#) (longe dos centros urbanos) ou galpões, com [música eletrônica](#). É um evento de longa duração, normalmente acima de 12 horas, onde [DJs](#) e artistas plásticos, visuais e performáticos apresentam seus trabalhos, interagindo, dessa forma, com o público. O termo “rave” foi originalmente usado por caribenhos de [Londres](#) em 1960 para denominar sua festa local. Em meados da década de 80, o termo começou a ser usado para descrever uma cultura que cresceu do movimento “acid house” de [Chicago](#) e evoluiu no [Reino Unido](#). Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Rave>>. Acesso em: 20 ago. 2010.

<sup>40</sup> Cantor de *rap*



realizava atividades próprias da juventude: sair, andar de *skate* e, especialmente, não precisar ajudar nas despesas de casa. A juventude interrompida pela necessidade fez que a fase adulta chegasse mais cedo, uma situação típica de jovens de camadas populares. Consta-se que essa dualidade dos modos de ser jovem está ligada às representações acerca da juventude ora como uma fase transitória da vida, uma passagem para a vida adulta, mediada pela inserção precoce no mundo do trabalho, e ou referente a outras representações calcadas, no presentismo, em aproveitar a vida.

Abramo (2005) aponta que para os filhos das camadas médias e burguesas, a transição para a vida adulta dá-se de forma diferenciada. Na sociedade burguesa, a concepção de juventude caracteriza-se como um tempo prolongado para a preparação aos estudos superiores em virtude da diversificação e da complexidade do trabalho na sociedade ocidental capitalista. Jovens de camadas médias e burguesas entram tardiamente ao mercado de trabalho pela dedicação mais prolongada aos estudos, privilégio típico desse grupo social.

Fran, Gales, Chaulin e Docim relacionam o sentir-se jovem com a atividade física. O movimento livre do corpo nos distintos espaços é fundamental na vida desses jovens. A concepção de liberdade atrelada à vitalidade de um corpo saudável traduz representações de juventude para esses jovens que se preocupam com a aparência física. Trata-se do primeiro atributo visível aos olhos do outro e também uma maneira de serem percebidos no grupo.

Montenegro (2008) aborda a relação distinta que a burguesia e a pequena burguesia mantêm com o corpo. Para além das roupas e acessórios, por meio da moda, esses grupos sociais buscam distância em relação a outras camadas sociais no tocante à estética. Para a autora, “a beleza corporal se torna uma forma de distinção social, na medida em que quanto mais o indivíduo tem capital econômico, mais tem condições de se aproximar do que está de acordo com o pré-estabelecido socialmente” (p.130). Em vez de frequentar as academias de ginástica como o fazem a burguesia e a pequena burguesia, os jovens pesquisados estão nos espaços públicos: nas quadras do bairro, nas praças, nos campos de futebol improvisados, nas calçadas estragadas. Adotam o espaço urbano e dele se apropriam para a vivência da liberdade e expressão do corpo. Os jovens pesquisados buscam formas alternativas para manterem a aparência saudável por meio de esportes praticados ao ar livre, como o futebol, o *parkour* e a caminhada.

Não se trata somente de um tributo ao corpo cultuado, pois a forma de associar-se a grupos é importante para Fran e Malako. O futebol é uma atividade física, mas ao mesmo tempo, um momento de encontro com outros jovens. A participação na torcida organizada tanto para Fran, que faz parte da esmeraldina, e Malako, que fez parte do

tigrão, torcida do Vila Nova Esporte Clube, é uma forma de sociabilidade para além das culturas prescritivas, como afirma Pais (2006). A identificação com grupos espontâneos é uma forma de viver a condição juvenil para além das instituições socializadoras.

Kate e Malako gostam de estar com os amigos no bar, a música é fundamental para eles, e mesmo que apreciem estilos diferenciados, o pagode e o rap, respectivamente, eles *curtem* o som na companhia dos amigos, em grupos. Segundo Dayrell (2004), “o mundo da cultura aparece como um espaço privilegiado de práticas, representações, símbolos e rituais, no qual os jovens buscam demarcar uma identidade juvenil” (p.5). Na tentativa de busca de sentido para a existência individual, o jovem procura romper com tudo aquilo que o prende ao mundo infantil, procurando outros referenciais para a construção da sua identidade fora da família. É um momento próprio de experimentações, de descoberta e teste das próprias potencialidades, de demandas de autonomia que se efetivam no exercício de escolhas. Nesse processo, a turma de amigos parece cumprir um papel fundamental. É com ela que os jovens fazem programas,

‘trocam idéias’, buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um ‘nós’ distintivo [...] Desde então, os grupos tendem a funcionar como uma referência para a escolha dos amigos, bem como das formas de ocupação do tempo livre. Nessa escolha não podemos nos esquecer de que o espaço do bairro é um dos que mais influem nas possibilidades e limitações que condicionam o encontro dos amigos e a construção das redes pessoais, bem como as opções de lazer. Se a turma de amigos é uma escolha, esta é realizada inicialmente de acordo com as possibilidades que existem no ‘pedaço’ (DAYRELL, 2004, p. 12).

Os espaços públicos são espaços sociais, não apenas funcionais, como diz Dayrell (2004), de interações afetivas e simbólicas, repletos de sentido. Pais (*apud* Dayrell, 1993, p.96) afirma que “as culturas juvenis, para além de serem socialmente construídas, têm também uma configuração espacial”, estão localizadas no espaço em formas agrupadas. Pode-se dizer, portanto, que “compreender a juventude como uma complexidade variável, que se distingue por suas maneiras de existirem nos diferentes tempos e espaços sociais” (CARRANO, 2000, p.12) é uma maneira adequada de compreender a heterogeneidade das realidades juvenis, em que estabelecem maneiras distintas de viver a condição juvenil na sociedade contemporânea.

### **2.2.1 Jovens e religião**

A religião, para Vikoto, Chaulin e Gales, é importante e são participantes ativos das atividades realizadas nas igrejas que frequentam. Vikoto é evangélico de berço e faz

parte da Igreja Fonte da Vida há dois anos. A sua mãe o levava sempre à igreja quando criança ainda, o que se tornou um hábito que cultivava aos domingos com sua namorada, que é católica, mas que não se importa acompanhá-lo à sua igreja: *“Fui nascido e criado na igreja DEUS E AMOR . Apos os 15, 16 anos acho que sai dela e fui para CMA - Centro Mundial da Adoração, Bairro Conjunto Fabiana. Estou frequentando a fonte da vida em frente o campo do Goiás”*

A religião é também um suporte para esse jovem:

*to passando meio que por uma fase ruim de relacionamento e igreja mais to tomando jeito. Minha namorada gosta mais de uma festa, mas vai junto. Minha mae e evangelica roxa .A igreja ajuda qualquer um basta vc ter fé .Vou porque me sinto bem na igreja . (Vou) todos fds [fim-de-semana].”*

Chaulin é também evangélico, embora há dois meses, apenas. Anteriormente, era católico, mas atualmente frequenta a Videira da Vila Pedroso:

*Eu desde pequeno, eu fui criado com a minha avó dos cinco anos ate os dezesseis . Eu fui criado em berço católico. Só que eu não gosto de discutir muito religião, eu agora sou evangélico. Eu to indo, tem células terça, quarta e sexta. Eu vou nos três dias e tem culto na Videira no domingo às 5h30min que é um culto pra jovens. E das 19h30min que é um culto pros adultos. Quando eu posso e não tenho nada pra fazer eu também participo dele. Eu to tentando seguir uma vida correta. Eu tô com 23 anos de idade, graças a Deus, eu nunca fui assim de envolver com drogas. Já fumei maconha, já bebi. Droga que é droga, aquelas pesadas, não. Graças a Deus, eu venho de família humilde, e desde pequeno fui educado a seguir o padrão deles. Então, eu nunca mexi com drogas pesadas, graças a Deus não. Em todo lugar rola droga, vai da pessoa do cara, vai do seu pensamento. Tem que escolher as suas amizades também, né, com quem você anda.*

Gales frequenta a Paróquia Novo Mundo há dez anos, e quando sua mãe era viva, ela o levava. A sua relação com a Igreja é forte. Participa de retiros e do grupo musical de jovens, mas tem as suas críticas ao falar da instituição:

*Bem eu tenho uma visao diferente para a religião. bem eu vejo assim existe um forsa maior que nos uni sempre quando nos presisamos de ajuda. Vamos nos diser que possa ser um deus,*

*mais eu nao vejo ele so assim, uma grade e mentira. Ela foi feita mais para o que os governo ou os reis podeseem ter hum controle sobre as pessoas.*

Os três jovens apresentam histórias diversas em relação à religião. Vikoto e Gales mantêm a tradição religiosa da família, entretanto, Gales é mais crítico em relação à instituição a que pertence. Vikoto percebe a sua religião como uma salvação para seus problemas pessoais, e ambos estão ajustados à lógica da transferência intergeracional (NOVAES, 2004). Chaulin é um terceiro tipo de jovem que, em decorrência de problemas circunstanciais, começou a frequentar a igreja evangélica, e a mudança de religião veio justamente dar-lhe um suporte para as angústias e temores do jovem, que se preocupa com a violência e drogas no bairro.

Percebe-se que a relação que os três jovens estabelecem entre a religião e o apoio emocional e psicológico é marcante. A importância da religião para esses jovens deve-se à falta de suporte que, muitas vezes, não encontram na família, muito menos na escola e no Estado. A igreja, como espaço de sociabilidade, ora aparece como um lugar de encontro de jovens, ora como um lugar de fruição em virtude de sua condição de exclusão dos bens culturais da cidade. A crença na religiosidade somente é apresentada por Gales, ao afirmar que há uma força maior que une as pessoas quando elas precisam de ajuda. Os outros dois jovens percebe a igreja como um lugar de arrimo.

A pluralidade religiosa é um aspecto das sociedades contemporâneas. A oferta de religiões é grande e cada vez mais sedutora. Segundo Novaes (2004),

*estamos vivendo uma inédita conjugação entre ‘ventos secularizantes’ e ‘espírito de época’. [...] No que diz respeito ao campo religioso, velhos e novos fundamentalismos passaram a conviver com a emergência de um mundo religioso plural em que cresce a presença de grupos e indivíduos cuja adesão religiosa permite rearranjos provisórios entre crenças e ritos sem fidelidades institucionais. [...] Em um contexto de para ‘além das identidades institucionais’, para os jovens de hoje se oferecem igrejas e grupos de várias tradições religiosas. Para eles também existem possibilidades de combinar elementos de diferentes espiritualidades em uma síntese ‘pessoal e intransferível’ e assim se abrem novas possibilidades sincréticas (p.6).*

Os jovens estão buscando as instituições religiosas, pois elas ainda oferecendo grupos e espaços para jovens, a fim de agregá-los socialmente, produzindo identidades e formando grupos para atuarem na sociedade civil (NOVAES, 2004). Assim, a religião aparece para esses jovens como espaço de socialização e de agregação social.

### 2.3 Jovens e trajetória escolar

Os dados evidenciam que todos os jovens participantes da pesquisa estudaram em turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) e apenas um concluiu o ensino médio. Essa informação é importante para a pesquisa que propõe investigar a relação dos jovens com a manutenção ou aumento de capital cultural, social e simbólico por meio das comunidades virtuais e suas estratégias educativas. Afinal, o fato de não estarem estudando e passarem uma média de quatro horas diárias na Internet, e jovens homens ficam mais conectados à Internet que as jovens mulheres, permite indagar o que esses jovens estão acessando, como lidam com o conteúdo apresentado e o que fazem com essas informações. Por essa razão, os demais dados relativos aos jovens do Jardim Novo Mundo foram analisados levando em consideração a sua escolaridade. Ademais, foi pertinente levantar a condição sua socioeconômica, assim como a história de vida de cada um, a importância da escola e do trabalho em relação ao seu futuro e as formas de apropriação das redes sociais de relacionamento, em especial, as comunidades virtuais do *Orkut*.

A escola, conforme Bourdieu (1998) aponta nos seus estudos, tem mais contribuído para exclusão de crianças e jovens de camadas populares do mundo cultural do que para nele incluí-las. Sendo ou não conscientes dessa realidade, os jovens pesquisados ainda depositam a crença na escola como meio de melhoria de condição de vida tanto material quanto cultural, ainda que seja na escola pública e noturna. Canezin, Chaves e Queiroz (2002) assinalam que há uma inadequação dos cursos noturnos para esses jovens, bem como políticas educacionais limitadas à democratização do seu acesso à escola. Ainda as autoras discutem a ligação dessa realidade e as transformações no sistema produtivo, em virtude de inovações tecnológicas e novas formas de relações impostas pelo mundo do trabalho, baseados em uma racionalidade exacerbada da reestruturação produtiva.

Malako está longe da escola há três anos, e cursou até o primeiro ano do ensino médio. Sua última tentativa de retorno aos estudos foi em uma turma da EJA, mas desistiu no primeiro dia de aula: “*fui lá só um dia*”, porque ficou com “*preguiça de voltar*”. Embora longe dos estudos, Malako pretende voltar quando “*criar brilho na*

*kara [cara]*<sup>41</sup> e reconhece a importância da escola como “*futuro das pessoas*”. Percebe-se no discurso desse jovem que ele assume a culpa do seu próprio fracasso, e ao mesmo tempo percebe o valor da escola como fator de transformação da realidade para um futuro melhor, promissor.

Vikoto concluiu o primeiro ano do ensino médio e prestou o Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos (Encceja)<sup>42</sup>, realizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), para obter o certificado do ensino médio. Está esperando o resultado para que possa prestar o exame vestibular e cursar uma faculdade. “*Se deus quiser eu passar, começo fazer faculdade logo*”. Seu sonho é graduar-se em Gastronomia. Essa opção deu-se pela paixão pela cozinha e também por influência do cunhado que trabalha como *chef* em um restaurante em Londres. Pode-se inferir que Vikoto aprendeu as regras do jogo de dar conta ou controlar os desafios do tempo e das não oportunidades. A fim de encurtar a distância entre a realidade e o sonho, optou pelo Provão, sabendo das condições nada favoráveis de conciliação entre o trabalho e o estudo, que aprendeu com a própria experiência. São treze horas de trabalho diário ininterrupto, de segunda-feira a sábado.

O trabalho precoce arrancou Fran da sala de aula. Conjugiar trabalho e escola na vida desse jovem não foi uma tarefa bem sucedida. Ele abandonou os estudos há sete anos quando cursava o segundo ano no ensino noturno. “*Eu parei de estudar há sete anos. por causa do trabalho. Não tinha como, né, trabalhava muito e não tinha como estudar. Estudei até o segundo ano*”. A ambição de finalizar o ensino médio e entrar em uma faculdade está presente, mas as condições não ajudam: “*Eu gostaria né, mas falta tempo. eu gostaria de formar em Educação Física. É porque eu gosto de esportes*”. O percurso desse jovem na escola foi tortuoso. Estudou em várias escolas:

*A escola aqui do Novo Mundo é difícil, é precária a situação, então eu acho que muitas pessoas estudam no centro. Eu mesmo estudei só um ano nos colégios do Novo Mundo. Eu estudei no Edson. Daí eu fui pro centro estudar no Jose Carlos de Almeida. Eu estudei lá ate o segundo ano. Da sétima até o segundo.*

---

<sup>41</sup> As entrevistas com os jovens foram realizadas face a face e online, pelo MSN. A ortografia do texto original escrito foi mantida.

<sup>42</sup> Segundo o site do MEC, disponível em <[http://encceja.inep.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=16&Itemid=17](http://encceja.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=16&Itemid=17)>, o esse exame tem como principal objetivo avaliar as habilidades e competências básicas de jovens e adultos que não tiveram oportunidade de acesso à escolaridade regular na idade apropriada. Entretanto, ele não contempla outras habilidades e competências que a escola regular avalia, portanto, apresenta debilidades na sua forma de avaliar.

Quando perguntado se a escola valoriza o jovem, Fran logo responde; *“Depende da pessoa que está administrando. Quem tá lá na frente do colégio, às vezes valoriza, mas têm umas pessoas que não importa muito não”*. A fala desse jovem remete à estratégia escolar que ele utilizou para sair-se bem no campo da educação. Buscou a escola com melhor reputação de ensino para poder estudar. Essa estratégia está ligada ao movimento dos jogadores no campo que devem saber as regras para se movimentarem. Ainda que consciente das regras e escolhendo as melhores escolas para estudar e melhor se qualificar, isso não foi suficiente para garantir-lhe a permanência na escola. Fatores de condições materiais pesam nas decisões dos jovens no tocante ao futuro escolar. A escolha é dura, e muitas vezes, as perspectivas de futuro do jovem não são atendidas.

A trajetória escolar de Docim caminha em sentido contrário aos poderes sobre-humanos da sua heroína. Essa jovem não concluiu os seus estudos em virtude das obrigações que a sua condição social lhe exige. Tentou conciliar trabalho de dia e estudo à noite, mas seu objetivo não foi alcançado. Parou de estudar no terceiro ano do ensino médio por causa do trabalho e do horário. Trabalhar para sobreviver é a sua situação, que mesmo não incorporada por sua personagem pode amenizar o terror do *monstro* da própria da realidade do seu grupo social. Mas nem por isso, o sonho desvaneceu-se. Fantasia e realidade confundem-se provocando um sentimento de urgência na realização de um futuro melhor: *“Vo volta e termina. Tenho que termina urgente. Esse ano eu parei pq [porque] aconteceu muita coisa que me atrapalho d++ [demais]”*. Com um discurso esvaziado de imediatismo e presentismo, característicos da juventude, Docim pensa além do seu tempo na situação de jovem, pensa nas implicações que a presença da escola pode ter na vida das pessoas. Determinada, ela afirma que a escola é *“o meu futuro, minha velhise, meu conforto, siquiniifica [significa] tudo, progredindo vensendo [vencendo] meus objetivos*. Para a jovem, seu maior sonho é cursar Enfermagem ou Arquitetura e trabalhar na área para tentar mudar suas condições de existência: *“fazer uma faculdade trabalhar na área que tenho vontade compra minha casa”*.

Chaulin cursou até o oitavo ano. Escolheu estudar em um colégio do Jardim Novo Mundo, embora morasse em outro setor porque seu pai morava naquele bairro e também porque já era conhecido da escola: *“Eu tinha optado por lá, porque eu já*

*conhecia o colégio, já conhecia a diretoria, os professores, conhecia já todo mundo, já tinha amizade também, aí eu optei ficar por lá*". Ele diz que na escola gosta mais dos professores e o de que menos gosta é das aulas de Inglês. Em virtude da precária condição familiar, já parou de estudar quatro vezes para ajudar o sustento da família. O trabalho apareceu cedo na vida desse jovem, desde quando tinha quatorze anos de idade. Chaulin relata:

*Aí eu parei de estudar por motivo do trabalho né, porque eu queria ter acabado o segundo grau, mas como a minha mãe é mãe solteira e mais quatro irmãos pra cuidar, e ela não trabalha também, aí a coisa aperta. Se eu não ajudar em casa, a conta chega e não tem por onde pagar. Por isso, a minha decisão de ir pro trabalho é pra ajudar a minha mãe. Se eu tivesse de onde tirar e não tivesse tanto sufoco, eu preferiria o estudo, continuar o estudo.*

Ainda que não esteja na escola, ele tem planos de retornar aos estudos, pois pensa no futuro: *"No ano que vem, com fé em Deus, eu vou começar a estudar, fazer o supletivo, terminar o segundo grau e prestar um concurso pra alguma coisa"*. Ele deseja estudar Ciências da Computação, pois já está familiarizado com a informática, desde que começou a trabalhar em uma *lanhouse* e descobriu o mundo virtual.

A escola, para Gales, tem uma trajetória marcada por interrupções. Ex- aluno da EJA, parou no primeiro ano do ensino médio há três anos e não é a primeira vez que abandona os estudos. Por várias vezes afastou-se da escola embora tivesse tentado conciliar escola e trabalho, por reconhecer o valor dos estudos na vida do jovem: *"Uma grande ajuda para o jovem[é] aprender educação e o conhesimento da vida"*. Também reconhece que sem os estudos as chances de vencer na vida ficam mais longínquas: *"O mais difisio que sen estudo vc nao e nada na vida"*. Ainda que longe da escola, o jovem afirma que gosta dela, e acima de tudo das amizades. Por outro lado, ressalta que menos gosta é *"di alguns professores que as veses nao saben dar aula"*. Percebe-se na fala desse jovem, que ele valoriza a formação escolar por fator importante no futuro dele, mas, a metodologia usada pelos professores não o motiva. Se a escola trabalha prioritariamente com o ensino de conteúdos, e se esses conteúdos não são ministrados de forma interessante depois de um árduo dia de trabalho, como então fazer que esses alunos permaneçam em sala de aula? Bourdieu (*apud* NOGUEIRA, 2006) ao tratar dos conteúdos curriculares, dos métodos pedagógicos e da avaliação escolar,



afirma serem eles selecionados como conhecimentos, valores e interesses das classes dominantes, e não podem ser compreendidos fora do sistema mais vasto das diferenciações sociais.

Nesse sentido, os jovens são desmotivados para continuarem na escola e sofrem com a hierarquia das disciplinas. Segundo Bourdieu citado por Nogueira (2006), as que localizam no topo são mais abstratas e teóricas e exigem certas habilidades não escolares que só podem ser adquiridas fora da escola, ou seja, no seio da família, sobretudo, o uso da língua, que é uma distinção forte entre os grupos dominantes e dominados, e que é percebida claramente nas falas dos jovens pesquisados. O domínio da língua padrão é uma forma de maior exclusão entre as pessoas e, em se tratando do ingresso no mundo do trabalho no qual se localizam os melhores postos, leva vantagem quem conhece as normas e os registros da língua padrão.

Karoc já estudou em mais de oito escolas. A sua última parada foi em uma turma de EJA, quando há dois anos abandonou o segundo ano do ensino médio. Ela demonstra interesse em voltar: *“Quero fazer o supletivo, eu tenho que voltar porque preciso e tenho vontade”*. As suas interrupções estão ligadas ao fato de ter que trabalhar para sustentar a família. Recorda que quando estudava, ela gostava mais das matérias novas, e, *“além dos ensinamentos, meus amigos e alguns professores”*, ao passo que ela menos gosta é justamente a *“falta de interesse dos próprios professores de ensinar, explicar uma matéria”*. Embora reconheça os motivos que a afastam da escola, ela percebe a escola como determinante na sua vida e diz: *“Preciso estudar para ser alguém na vida”*. O discurso de ser alguém na vida, ser uma pessoa, ter um futuro está presente na fala dos jovens pesquisados. A recorrência desse discurso é um fator instigante para a pesquisa, já que os próprios jovens não se sentem valorizados como pessoas por não terem escolaridade suficiente aos olhos da sociedade. Essa lógica perversa, muitas vezes inculcada e reproduzida sobretudo pela autoridade pedagógica dos professores e família, menospreza os modos de ser jovem. Discriminados e sozinhos, eles buscam alternativas de inserção no mundo social a sua maneira, passando por caminhos tortuosos e conflitantes que, muitas vezes, não os levam ao ponto esperado, isto é, a superação das condições materiais precárias a que estão sucumbidos. Barbosa e Araújo (2009) dizem que a escola mostra-se inteiramente incapaz de transmitir conhecimentos de forma adequada, não somente por causa da sua qualidade, mas pelas dificuldades para adaptar-se às necessidades da juventude. Segundo os autores:

os jovens negam os mecanismos de distinção social propostos pela educação formal, em razão de modos inteiramente novos de aquisição e valorização cultural. Diante desta configuração própria da juventude, a formação do gosto e a reprodução de modelos de excelência são falhos e deixam entrever um descasamento entre os objetivos institucionais escolares e a cultura juvenil (BARBOSA; ARAÚJO, 2009, p. 230).

Estando em dissintonia as necessidades dos jovens e os seus cotidianos, os jovens encontram dificuldades em desfrutar dos recursos simbólicos da sociedade e deles se apropriarem. As dificuldades produzem efeitos impresumíveis no trajeto escolar de muitos jovens. A conciliação trabalho e estudo, para muitos é uma tarefa árdua ou muitas vezes impossível de ser realizada. O fim é quase sempre igual: eles ausentam-se do ambiente da escola para cuidarem de sua própria sobrevivência. A história desses jovens aproxima-se no tocante às marcas de descontinuidade escolar, com exceção de Kate, que com ajuda da família pôde continuar estudando durante a gravidez e após o nascimento da criança. Mas essa permanência também tem a ver com a estratégia da jovem para manter-se em um programa de transferência de rendas do governo federal, pois se ela abandonasse a escola, perderia o direito de participar do programa. Duplamente em situação de vulnerabilidade, por ser mãe adolescente e por estar em um grupo social desprivilegiado, Kate não poderia deixar escapar o benefício conquistado porque perderia uma oportunidade de formação para o trabalho, além da renda que ajuda a manutenção da família. Sendo uma estratégia familiar consciente ou não, a jovem continuou seus estudos e, ao mesmo tempo, manteve-se no programa. Ainda que tenha terminado a escola noturna, Kate está no limbo à espera de um emprego ou de ingresso na faculdade. Nem a formação no programa de jovens para o trabalho, nem a conclusão do ensino médio foram garantia de mudança na vida dessa jovem. De acordo com os estudos de Pochmann, citado por Canezin e Duarte (2009), a formação escolar não garante o ingresso no mundo do trabalho e nem tampouco é condição de independência. Aos jovens apresentam-se poucas oportunidades de inserção no processo produtivo e no cenário sociocultural.

A busca pelo ensino superior, nos casos de alguns jovens da pesquisa, é uma estratégia de legitimação de um valor insistentemente repetido na crença liberal, assim como uma maneira de aumentar suas chances de ingresso no mercado de trabalho por meio de uma profissão qualificada. Na percepção desses jovens, a educação formal continua sendo uma forma de promoção de mobilidade social. Spósito (2005) corrobora com essa ideia quando afirma que os jovens

depositam confiança na escola ,em relação ao projeto futuro, mas as relações são mais difíceis e tensas com o tempo presente, na crise da mobilidade social via escola. Configura-se, desse modo, uma ambigüidade caracterizada pela valorização do estudo como uma promessa futura e uma possível falta de sentido que encontram no presente (p.124).

No entanto, a escola, como Bourdieu explica (1998), tem mais contribuído para a reprodução da sociedade que transformação, tanto que o jovem Malako se *expulsou* no primeiro dia de aula, assumindo a *incompetência* de não ajuste à lógica da escola. Para o sociólogo francês, há uma estreita correlação entre as desigualdades sociais e escolares. Conforme Nogueira (2006), Bourdieu entende que as posições mais elevadas no sistema de ensino tendem a ser ocupadas por indivíduos que pertencem a grupos socialmente dominantes. Essa condição não se dá somente por diferenças objetivas de oportunidade de acesso à escola. Ainda que haja uma democratização de acesso ao ensino por meio de escola pública e gratuita, continua existindo uma correlação forte entre desigualdades sociais, culturais e desigualdades ou hierarquias internas ao sistema de ensino. Essa correlação dá-se principalmente quando a escola valoriza, de forma dissimulada, por meio da violência simbólica, determinadas qualidades que são desigualmente distribuídas entre as classes sociais, porque há acesso desigual à cultura segundo a origem de classe. Os alunos de famílias desprovidas de capital cultural apresentam uma relação mais tensa e esforçada com as culturas veiculadas na escola ao passo que, para os alunos de culturas mais privilegiadas, a relação com as obras culturais tende a desenvolver-se com mais facilidade. Ao avaliar o desempenho dos alunos, a escola leva em conta, conscientemente ou não, esse modo de apropriação dos saberes e seus usos.

Embora muitos jovens não consigam permanecer na escola, ela ainda é uma das instituições com maior credibilidade. A análise feita por Sposito (2005) na pesquisa *Retratos da juventude* aponta a escola como uma das instituições sociais nas quais os jovens mais confiam. Entretanto, eles enfrentam cotidianamente a necessidade de deixar a escola em razão da entrada precoce no mercado de trabalho e também por passarem por processos de aprendizagem mais flexíveis e direcionados aos interesses particulares dos jovens, como no caso da Internet e das comunidades virtuais. Os jovens cada vez mais encontram-se em rede aprendendo aquilo que não existe no ambiente escolar, em virtude das limitações da própria lógica da escola que ainda tem o professor como centralizador do conhecimento, estabelece horários fixos que inviabilizam a permanência do jovem, e usa metodologias que não atendem aos interesses e

necessidades dos jovens de camada popular do ensino noturno. Outro fator agravante é a incapacidade da escola de entender os novos processos de sociabilidade e formação juvenis extraescolares. Canezin e Duarte (2009) esclarecem:

o mundo adulto, composto, sobretudo, pelas instituições clássicas, é regido por lógicas que enfrentam dificuldades para apreender ou incorporar as novas formas de sociabilidades juvenis. A escola é uma dessas instituições (p.5)

Assim, a escola continua indiferente aos múltiplos modos de ser jovem e, sobretudo, àqueles que permanecem fora dela porque *não se adaptam à sua lógica*.

Deste modo, percebe-se na pesquisa que a herança cultural que as famílias transmitem aos filhos, mediante um sistema de valores interiorizados, acaba por definir as práticas futuras, reforçadas, também, pelo capital cultural adquirido na escola. O capital cultural, na visão de Bourdieu (*apud* NOGUEIRA, 2006), constitui o elemento da herança familiar que tem o maior impacto na definição do destino escolar. Em outras palavras, a posse do capital cultural favorece o desempenho escolar na medida em que facilitaria a aprendizagem de conteúdos e dos códigos veiculados e sancionados pela escola. Barder-Maden e Saber (2009) afirmam que a persistente desigualdade no acesso à educação está estreitamente ligada ao estrato social de origem do jovem, isto é, as oportunidades de acesso no sistema educacional são determinadas pelos padrões de desigualdades prevalecentes nas gerações anteriores.

As falas revelam que os jovens têm percepção da sua condição do grupo e que estão em busca de melhores oportunidades, utilizando estratégias de sobrevivência e de inserção no mundo social por meios que a sociedade informacional proporciona. .

### CAPÍTULO III

## JOVENS E ESTRATÉGIAS DE APROPRIAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANO E VIRTUAL

Este capítulo trata das relações estabelecidas pelos jovens entre o território e o espaço virtual, e em específico, direciona o seu olhar aos sentidos atribuídos pelos jovens do Jardim Novo Mundo ao espaço urbano e ao virtual, bem como busca apreender as estratégias utilizadas por esses jovens no mundo virtual para acumular ou manter capital cultural e social no mundo social.

O mundo cria-se e se recria com base em relações que o homem mantém com a natureza e como ele se constrói como sujeito histórico. Nesse processo, o homem estabelece um modo de entender o mundo. Ao produzir a sua existência, ele produz também o seu espaço. Entendido como produto concreto, materializado, o espaço pode ser a cidade, o campo, o território, que representam as relações sociais que são frutos de um momento dado da sociedade. Como produto espacial, o espaço urbano expressa as contradições de uma sociedade de classes, revelando as desigualdades sociais. Produto social, o espaço urbano é também histórico, e, em cada época a relação entre sociedade e espaço é distinta. Para Carlos (1999),

o espaço é o produto, num dado momento, do estado da sociedade, portanto, um produto histórico; é o resultado da atividade de uma série de gerações que através de seu trabalho acumulado têm agido sobre ele, modificando-o, transformando-o, humanizando-o, tornando-o um produto cada vez mais distanciado do meio natural. Suas relações com a sociedade se apresentam de forma diversa sob diferentes graus de desenvolvimento (p.32).

O espaço é uma criação humana e sua produção coincide com o próprio modo pelo qual o homem produz sua existência e a si mesmo. O espaço é humano porque é produzido pelo homem e não simplesmente porque ele o habita. Por sua vez, a cidade é produto do processo de trabalho humano, expressão da sua divisão técnica e, em especial, da divisão social do trabalho humano em uma dada sociedade. Assim, Carlos (1999) assinala que a cidade é “a materialização de relações da história dos homens, normatizada por ideologias; é forma de pensar, sentir, consumir, é modo de vida, de uma vida contraditória” (p.26).

A cidade representa trabalho materializado, uma forma de apropriação do espaço urbano produzido, é condição e meio para que se instituem relações sociais diversas. (CARLOS, 1999). Refletir sobre o espaço significa pensá-lo como materialização do processo de urbanização de um sistema capitalista. Muito mais que um local de moradia e trabalho, Wirth (1987) pensa a cidade como o centro iniciador e controlador da vida econômica, política e cultural dos indivíduos. Para o autor, o cerne para o qual convergem as várias dimensões da sociedade em forma urbana. Não é apenas um lugar, mas algo vivo e latente, uma forma coletiva de produção de valores, de usos, de sociabilidades, de cultura, de memórias que se transformam com a atuação dos diversos agentes sociais que a habitam.

A cidade diferencia-se por bairros e, em suas diferentes paisagens, trata-se de várias cidades em uma mesma cidade, apenas separadas pelas características homogêneas em setores que não se articulam, mas que compõem como um todo formando a cidade. A paisagem é o instantâneo que salta aos olhos, o que sobressai de imediato. Também como produto histórico social, a paisagem não é estática, ele apreende o movimento da vida rica de relações que o homem mantém diariamente como membro de uma sociedade. As construções, tampouco, são isentas de paisagem, que conserva uma arquitetura própria de uma época refletida nas estruturas, nas cores, na disposição e na localização. Trata-se de um movimento escondido na forma, como diz Carlos (1999).

O contraste, a diferença, é o que primeiro atrai quem observa a paisagem. O espaço reflete a contradição das diferentes apropriações do uso do solo e, portanto, o uso desigual do espaço urbano. Ao passo que a população rica instala-se em áreas mais verdes e próximas ao centro, a população mais pobre procura áreas mais distantes, porque os terrenos são mais baratos, e, embora falte infra-estrutura, existe a possibilidade de autoconstrução. O uso do solo não é harmonioso, é pleno de conflitos pois a apropriação dá-se em função do capital econômico, social e cultural do sujeito. Assim, o espaço urbano reflete a própria sociedade de classes determinando o espaço urbano.

Pensar o espaço urbano significa tratar também a estrutura social em que os agentes estão inseridos. A ocupação do espaço urbano revela a posição do agente no espaço social. Neste trabalho, entende-se espaço social na perspectiva de Bourdieu (1985), para quem a sociedade é como uma representação de um espaço de várias

dimensões, construído com base nos princípios de diferenciação ou distribuição e constituído por uma série de propriedades ativas de um universo social em questão.

Os agentes ou grupos de agentes são definidos pela posição relativa deles dentro desse espaço. Cada qual é dado uma posição ou a uma classe precisa de posições vizinhas, sendo que uma pessoa não pode ocupar duas regiões opostas do espaço. Mesmo que essas propriedades selecionadas para construir esse espaço sejam propriedades ativas, o espaço social pode ser descrito como um campo de forças.

Ao conceituar o espaço dessa forma, Bourdieu (1985) aponta que, de fato, o que existe são espaços de relações e não somente uma idéia fixa de espaço físico. Nesse sentido, ao referir-se à cidade, Bourdieu (1985) fala sobre os efeitos que a cidade sofre em virtude das várias relações que ocorrem neste contexto. Dessa forma, o espaço social exprime-se no espaço físico, que, por sua vez, sofre influências das relações sociais que se dão entre os diferentes agentes sociais. O espaço físico habitado é apropriado conforme a simbolização e hierarquização das realidades sociais, que se configuram em distintas formas de apropriação dos capitais.

As propriedades ativas selecionadas como princípios de construção do espaço social são os diferentes tipos de poder ou capital que estão atualmente nos diferentes campos. O capital pode existir de forma objetivada, na forma de propriedade material ou no caso de capital cultural, em estado incorporado, que pode ser legalmente garantido, ou seja, representa o poder sobre o campo e mais precisamente sobre o produto acumulado do trabalho passado. A posição de um dado agente em um espaço social pode, portanto, ser definida pelas posições que ele ocupa nos diferentes campos, isto é, pela distribuição de poderes que são ativos em cada um deles. Esses campos são, sobretudo, o econômico, assim como o simbólico, isto é, o prestígio, a reputação, que é a forma em que as diferentes formas de capital são percebidas e reconhecidas como legítimas.

Bourdieu (1985) diz que

o campo social é espaço multidimensional de posições tal que cada posição real pode ser definida em termos de um sistema multidimensional de coordenadas cujos valores correspondem a valores de diferentes variáveis pertinentes. Consequentemente, os agentes são distribuídos dentro desse espaço, em uma primeira dimensão, conforme o volume total de capital que eles possuem, e em uma segunda dimensão, pela composição de seu capital (p 197).

Rompendo com a representação piramidal da sociedade, que atribui a posição na escala social em decorrência das condições materiais de existência, Bourdieu (*apud* BONNEWITZ, 2006) propõe uma descrição da sociedade em termos de espaço social, que enfatiza a dimensão relacional das posições sociais, isto é,

o espaço social como espaço multidimensional de posições tal que toda posição atual pode ser definida em função de um sistema multidimensional de coordenadas, cujos valores correspondem aos valores de diferentes variáveis pertinentes. Assim, os agentes se distribuem nele, na primeira dimensão, segundo o volume global do capital que possuem, e na segunda, segundo a composição do seu capital, isto é, segundo o peso relativo das diferentes espécies no conjunto de suas possessões. (BOURDIEU *apud* BONNEWITZ, 2003, p.53).

As diferentes formas de capital permitem estruturar o espaço social. Conforme Nogueira (2006), “os indivíduos ocupariam posições diferenciadas e mais ou menos privilegiadas na estrutura social em função do volume e da natureza dos seus recursos” (p. 51). A forma da série de distribuições dos diferentes tipos de capital no campo social (incorporado ou materializado) define o estado de relações de poder, institucionalizado em *status* social de longa duração, socialmente reconhecido ou legalmente garantido, entre agentes sociais objetivamente definidos pela posição dessas relações. O espaço social determina os poderes real e potencial em diferentes campos e chances de acesso aos benefícios específicos que eles oferecem.

O conhecimento das posições ocupadas nesse espaço contém informações relacionadas com as propriedades intrínsecas dos agentes (sua condição) e das propriedades relacionais (sua posição). Trata-se, sobretudo, das posições intermediárias entre os polos extremos do campo, em uma posição neutra do espaço e que são equilibradas pelas duas posições extremas.

A posição dos agentes no espaço das classes sociais depende do volume e da estrutura do seu capital; são esses capitais que definem os critérios de diferenciação no espaço social. Para tanto, os agentes se distribuem segundo uma dupla lógica. A primeira dimensão é a hierarquização que, segundo Bourdieu, são as hierarquias culturais, isto é, o volume de capital que os agentes dos grupos ou classes dispõem. “Essas hierarquias reforçam as divisões sociais na medida em que elas são utilizadas para classificar os indivíduos segundo o tipo de bem cultural que eles produzem, apreciam e consomem” (NOGUEIRA, 2006, p.40).



A hierarquia entre os bens simbólicos, portanto, é um critério importante para a hierarquização dos indivíduos e grupos sociais. Em outras palavras:

Os indivíduos capazes de produzir, reconhecer, apreciar e consumir bens culturais tidos como superiores teriam maior facilidade para alcançar ou se manter nas posições mais altas da estrutura social. [...] as hierarquias simbólicas reforçam as estruturas de dominação social na medida em que restringem a mobilidade social dos indivíduos (NOGUEIRA, 2006, p. 42-43).

Nesse sentido, as hierarquias simbólicas reforçam as estruturas de dominação social à que restringem a mobilidade social dos indivíduos, assim como reproduzem de forma perspicaz a estrutura de dominação da sociedade. Conforme Nogueira (2006), o conhecimento técnico específico não é suficiente para o acesso às posições sociais dominantes, é necessário um certo capital cultural. Da mesma forma, é verdadeiro afirmar que a posse do capital econômico não é suficiente para que o acesso a posições mais elevadas da sociedade, e nelas se mantenha e, tampouco uma indicação a um cargo alto em uma empresa, por influência externa, garante o pleno acesso às camadas superiores.

A segunda dimensão opera segundo a estrutura do capital, ou seja, alguns dispõem muito capital econômico e pouco cultural, outros pouco econômico e muito cultural, alguns teriam pouco dos dois, e finalmente, alguns teriam muito dos dois. As diferenças entre as classes dominada e dominante dão-se preferencialmente pelas condições de existência, pelo estilo de vida e de *habitus*. Os sujeitos das classes populares apreciam os bens simbólicos ou materiais em que há utilidade, praticidade e funcionalismo, ao passo que os das classes dominantes preferem os bens supérfluos, que têm uma estética que os distancia do mundo material e de suas necessidades. Assim, por detrás dessas hierarquias culturais, estão as diferenças objetivas nas condições de existência de cada grupo, portanto, trata-se de uma luta de classes dissimulada.

As classes populares não percebem, por causa desse eufemismo, que a cultura dominante é a das classes dominantes e que ocupa esse lugar porque representa os grupos dominantes. A transfiguração das hierarquias sociais em hierarquias simbólicas permite a legitimação ou justificação das diferenças e hierarquias sociais.

Segundo Nogueira (2006),

esse indivíduo tende a acreditar que sua localização social não se deve a uma estrutura de dominação, mas que, ao contrário, se justifica por suas qualidades culturais intrinsecamente superiores [...] os indivíduos localizados nas posições dominadas da sociedade tendem a admitir sua inferioridade e a reconhecer a superioridade dos dominantes. Esses indivíduos aceitariam sua posição social baseados na percepção de que são incultos, mal informados ou mesmo pouco inteligentes (p. 46-47).

Outro fator importante na discussão de espaço social são os estilos de vida, “sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica” (BOURDIEU *apud* ORTIZ, 1983, p.82). As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (o chamado estilo de vida) porque são produto do mesmo operador prático, o *habitus*, que é definido por Bourdieu (1989) como

estruturas mentais, pelas quais os agentes sociais apreendem o mundo social, são essencialmente o produto da internalização das estruturas daquele mundo. As disposições de percepção tendem a se ajustarem a posição, aos agentes, mesmo os mais desvantajados tendem a perceber o mundo como natural e aceitam isso mais prontamente que um possa imaginar, especialmente quando você olha a situação de um dominado através do olho social de um dominante (p. 18).

Várias estratégias de reprodução são utilizadas para a manutenção das classes: estratégias de investimento biológico com a limitação da fecundidade ou não para favorecer a ascensão social dos seus membros, para manter a herança genética, dentre outros; estratégias de sucessão para garantir a transmissão do patrimônio material entre as gerações com o mínimo de perda possível; estratégias educativas utilizadas pelas famílias para garantir a formação de agentes dignos; estratégias de investimento econômico cuja finalidade é a perpetuação do patrimônio ou o seu aumento; e finalmente, as estratégias de investimento simbólico que visam a perpetuação e aumento do capital de reconhecimento, isto é, capital simbólico. Por fim, Bourdieu (*apud* CANEZIN, 2007) afirma que as estratégias não são tidas como individuais apenas, mas de classe ou de grupo. Para Nogueira (2006),

os indivíduos não precisariam fazer um cálculo consciente para decidirem as melhores estratégias a serem utilizadas para manter ou elevar sua posição social. Eles herdariam de sua socialização familiar um *habitus*, um ‘senso do jogo’, um conhecimento prático [...] os indivíduos aprendem desde cedo, na prática, que determinadas estratégias ou objetivos são possíveis ou mesmo desejáveis para alguém com sua posição social e que outros são inalcançáveis. Esse conhecimento prático iria, aos poucos, se incorporando e se transformando em disposições para a ação (p. 54).

Em síntese, Bourdieu (1989) apresenta uma nova leitura do papel dos sistemas simbólicos e culturais na produção e reprodução das estruturas sociais, sendo certas produções consideradas superiores e outras inferiores. As superiores ganham maior prestígio e poder na sociedade ou no campo específico, ao passo que as inferiores ocupam posições subalternas na sociedade ou no campo em questão. Os sistemas simbólicos também são capazes de dissimular e escamotear as hierarquias sociais, são tratados pelas produções inferiores como hierarquias culturais, e que, na verdade, são relações de dominação social. Por fim, as diferenças são percebidas apenas como diferenças de conhecimento, de inteligência, para justificar e legitimar essas hierarquias.

Assim, na perspectiva de Bourdieu (1989), a cidade é um lugar de conflitos, um campo de batalha entre diferentes tipos de capital, social, econômico, cultural. Essa teoria ajuda a entender como os processos socioculturais e econômicos materializam-se em forma de moradia. Portanto, a cidade como construção humana e produto social do trabalho, materializa a condição social dos agentes no espaço social, ou melhor dizendo, o espaço social é materializado pela posição que os agentes ocupam no sistema de hierarquização e classificação. A posição em que os agentes se encontram no espaço urbano indica a disposição do agente no espaço social e sua simbolização.

### **3.1 Jovens e estratégias de apropriação do espaço urbano**

O estado de Goiás, com quase seis milhões de habitantes, é o mais populoso do Centro-Oeste e o nono mais rico do país. De acordo com o IBGE, em julho de 2009, viviam no estado de Goiás 5.926.300 pessoas. O território goiano é marcado tanto por vazios demográficos quanto por regiões de alta concentração populacional. As áreas mais densamente povoadas do estado são a Região Metropolitana de Goiânia (RMG), com mais de dois milhões de habitantes, e a Região Leste, ou do Entorno de Brasília, com 1,1 milhão.

O movimento de constituição da RMG deu-se essencialmente por uma sucessão de acontecimentos que ocorreram nas últimas décadas no estado de Goiás. O êxodo rural, em decorrência da modernização da agricultura e da busca de melhoria de condições econômicas, assim como o esvaziamento do campo, foram as causas

principais para o aumento populacional no espaço urbano da Grande Goiânia e Entorno de Brasília. Atualmente, Goiânia situa-se entre as grandes cidades brasileiras, com uma população de 1.281.975 habitantes, conforme dados da Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento do Estado de Goiás (Sepin), de 2009, e, caso se considere entorno, o número de habitantes eleva-se para 1.639.516 habitantes. Do total dessa população, 21,98% encontram-se na faixa etária de 15 a 24 anos, totalizando 240.265 jovens.

O relatório de pesquisa de Canezin e Queiroz (2005) sobre políticas públicas de juventude na Região Metropolitana de Goiânia<sup>43</sup>, explica esse fenômeno como uma ocupação desordenada e muitos municípios da região transformaram-se em cidades dormitórios. Os efeitos geraram conturbação para Goiânia, com demanda por infraestrutura, transporte coletivo, rede de saúde e educação e outras para atender a essa população.

---

<sup>43</sup> Sucintamente, é possível delinear a expansão urbana de Goiânia e das demais cidades da RMG tendo como parâmetros condicionantes estruturais, econômicos e sociais do estado de Goiás e aspectos específicos de configuração do formato de ocupação do espaço urbano. O primeiro momento compreende o período de 1933 a 1950 e tem como fator determinante a construção da capital, exercendo o Estado o papel de principal gestor do espaço urbano na nova capital, à medida que comercializava, fazia doação de terrenos e disciplinava o crescimento da cidade. O segundo momento abrange o período de 1950 a 1964, considerado marcante para a expansão urbana da cidade em razão da intensificação do fluxo migratório e o aparecimento de inúmeros parcelamentos. Em 1960, a população da cidade atingia 260 mil habitantes. Os fatores estruturais que determinaram esse processo são inúmeros: o impacto da política de interiorização do governo Vargas, a construção da Usina Rochedo e a realização da primeira etapa da hidrelétrica de Cachoeira Dourada, a construção de Brasília e a pavimentação da BR 153. O terceiro momento abarca o período de 1964 a 1975 e é caracterizado pela consolidação de Goiânia como polo de desenvolvimento regional. O estado de Goiás, nesse período, sofreu os impactos do avanço do capital no campo, da modernização da agricultura, da concentração de propriedades rurais e, em consequência, Goiânia absorveu grandes contingentes de trabalhadores rurais – oriundos do setor agrícola e sem qualificação para as atividades urbanas – que alargaram os espaços periféricos. A população atingiu, em 1970, o total de 380.773 habitantes, e a cidade perdeu a característica de ser meramente a capital administrativa do estado e se transformou em centro populacional, administrativo, financeiro, comercial e de negócios. Do ponto de vista da expansão urbana a cidade avançou em direção à Região Sul, mais especificamente, para o município vizinho de Aparecida de Goiânia. Em geral, verificou-se concentração dos espaços urbanos no interior do município e, nos municípios circunvizinhos, avolumaram-se os parcelamentos. O quarto momento, que compreende o período de 1975 a 1992, é demarcado pela crise econômica regional e nacional, pelo fim do milagre econômico e, sobretudo em decorrência da crise do petróleo no início dos anos 1970. A proliferação de grande contingente de migrantes continuou de forma intensa e, de 1975 a 1985 a população da capital passou de 555 mil para 855 mil habitantes (AGENDA 21, 2003 *apud* CANEZIN; QUEIROZ, 2005, p. 6).

A RMG<sup>44</sup> desenvolve atividades ligadas ao setor de serviços e indústria, que absorve 61,5% das atividades de trabalhadores dos setores secundário e terciário especializados e não especializados segundo o relatório do Observatório das Metrôpoles (2005)<sup>45</sup>. Quanto à concentração de ocupações no espaço intraurbano nas periferias da cidade, as categorias socioocupacionais localizadas nas franjas da metrópole são aquelas que não exigem qualificação profissional. No que se refere à renda, o percentual muito alto de famílias com renda *per capita* de até meio salário na RMG, conforme censo de 2000, concentra-se nos municípios de Aparecida de Goiânia e Trindade prioritariamente. Já em Goiânia, a concentração mais alta desse índice encontra-se nas regiões Leste e Noroeste. O censo 2000 (IBGE, 2000) ainda revela o índice de analfabetismo funcional de pessoas de quinze anos e mais até com três anos de estudo na RMG, com ênfase em Goiânia, Aparecida de Goiânia e Trindade, Aparecida de Goiânia e Trindade apresentam índices altos de analfabetismo funcional (de 27,1% a 39,4%) e em Goiânia, as mesmas regiões que apresentam baixa renda concentram o maior número de analfabetos funcionais.

Canezin e Queiroz (2005) apresentam dados sobre a estrutura de empregos formais com base nos dados da Relação Anual Informações Sociais (Rais). As autoras observam que na década de 1990, a maior concentração de trabalhadores ocupados encontrava-se na faixa etária de 30 a 39 anos de idade. Em relação ao emprego de jovens na faixa etária de 15 a 17 anos, no período entre 1990 a 1997, houve uma queda, em números absolutos, da ocupação desse segmento juvenil nos setores formais de trabalho. De 1998 a 2001, ocorreram oscilações positivas na ocupação desses jovens. Na faixa etária de 18 a 24 anos, o número de jovens ocupados reduziu-se no período de 1990 a 1996. A partir de 1997 até 2001, houve uma crescente e constante ocupação desses jovens, especialmente nos setores de indústria e de comércio.

---

<sup>44</sup> A RMG, instituída por meio da Lei Complementar nº 27/1999, do estado de Goiás (GOIÁS, 2004), é composta por onze municípios e se localiza na mesorregião denominada Centro Goiano. Criada em 30 dezembro de 1999 pela Lei Complementar nº 27, A RMG engloba os municípios de Goiânia, Trindade, Goianira, Santo Antônio de Goiás, Nerópolis, Goianópolis, Senador Canedo, Aparecida de Goiânia, Hidrolândia, Aragoiânia e Abadia de Goiás. Segundo estudos realizados pelo Departamento de Ordenação Socioeconômico da Secretaria Municipal de Planejamento (Seplan) da Prefeitura Municipal de Goiânia, a RMG apresentou no período de 1991 a 2000 um crescimento de 32,5%, superando a média apresentada pelo estado de Goiás, que foi de 24,5%. Disponível em <[http://pt.wikisource.org/wiki/Lei\\_complementar\\_estadual\\_de\\_Goi%C3%A1s\\_27\\_de\\_1999](http://pt.wikisource.org/wiki/Lei_complementar_estadual_de_Goi%C3%A1s_27_de_1999)>. Acesso em: 12 jan. 2010.

<sup>45</sup> Dados do Observatório das Metrôpoles encontra-se disponível em: <[http://www.observatoriodasmetrololes.ufrj.br/como\\_anda/como\\_anda\\_RM\\_goiania.pdf](http://www.observatoriodasmetrololes.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_goiania.pdf)>. Acesso em 15 jan 2010.

Os dados do Observatório das Metrôpoles (2005) indicam que as regiões Noroeste e Leste de Goiânia caracterizam-se por um perfil socioespacial do tipo popular operário, e a taxa de desocupados atinge os maiores índices, acima dos 15%, chegando em alguns casos a ficar em torno de 20%. As áreas situadas nas franjas da metrópole evidenciam uma relativa hierarquização da taxa de desocupados em relação à sua posição social no território urbano. Outro fator de destaque no estudo é a fragilidade dos jovens no mercado de trabalho. O índice de desemprego de pessoas entre 10 a 24 anos é de 21,9%, e para os que se situam entre 25 e 49 anos e acima de 50 anos de idade, seus índices somados, 8,7% e 8,1%, respectivamente, não chegam ao patamar atingidos pelos jovens.

Esse recorte da cidade de Goiânia reflete não somente uma situação local, mas, nacionalmente os resultados são similares. A Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios (Pnad) do IBGE registra que, em 2007, três faixas etárias respondem por 61% dos desempregados em 2007: 15 – 19 anos (24%), 20 – 24 anos (22%) e 25 – 29 anos (15%), segundo Quadros (2009).<sup>46</sup> O economista Márcio Pochman (2007) diz em artigo<sup>47</sup> que o fato de o país ter, em 2005, um desempregado a cada cinco jovens, de uma a cada quatro eram do sexo feminino, fez que o Brasil gerasse menos emprego para o restante da população. O país também não conseguiu manter os jovens empregados por um longo tempo. Atualmente, o jovem consegue alguma ocupação, algum bico, estágio, mas no momento seguinte ele volta a estar desempregado.

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) também aponta que a taxa de desemprego é maior entre os jovens de 15 a 24 anos, que representam 86,3 milhões de pessoas e equivalem a 44% de todas as pessoas desempregadas no mundo.<sup>48</sup> Esses dados, assim como os anteriormente apresentados, apenas ratificam a condição do jovem no mundo, seja local ou globalmente.

Por causa da concentração dos bens culturais na zona sul da cidade, as outras se encontram em situação de precariedade ao acesso a esses bens e ao seu uso. Embora sejam patrimônio da cidade, a maior parte dos bens culturais não é usufruída por grande parcela da população que, por causa da sua condição social, habitam em um espaço

---

<sup>46</sup> Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 156, fev. 2009. Disponível em:

<http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/textosdiscussao/texto156.pdf>. Acesso em: 30 ago. 2010.

<sup>47</sup> Artigo disponível em: <http://oglobo.globo.com/economia/mat/2007/03/05/294799312.asp>. Acesso em: 20 out. 2010.

<sup>48</sup> Jovens e mulheres ainda são os mais atingidos pelo desemprego no mundo, diz OIT. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/01/24/materia.2007-01-24.7259937144/view>>. Acesso em 20 ago. 2009.

desprestigiado pela sociedade. Os bairros periféricos tornam-se, então, à margem dos acontecimentos, dos privilégios de uma cidade cindida pela história e pela sua organização espacial. Em síntese, um olhar aligeirado para a paisagem e a forma da cidade demonstra as contradições que a cidade apresenta, resultado de um processo urbanístico, que, mais tarde, tomou rumos inesperados, em virtude da aglomeração que se deu em certas partes da cidade e não em outras, estabelecendo cinturões de diferenças e funcionalidades.

Os jovens deste estudo localizados na região periférica de Goiânia, no Bairro Jardim Novo Mundo, Região Leste, vivem sua condição juvenil de acordo com as condições materiais. O Jardim Novo Mundo é o segundo maior bairro de Goiânia, perdendo somente para o Jardim América. O bairro teve origem em uma grande fazenda chamada Palmito, da qual recebeu o antigo nome Setor Palmito. Trata-se de um bairro predominantemente residencial, mas com comércio situado nas principais vias que o cortam. Pode-se citar a Avenida Anhanguera que se finda nesse setor, mais precisamente no Terminal Novo Mundo, um dos maiores terminais de ônibus coletivo de Goiânia. Outra via de grande comércio é a Avenida New York, no qual se encontra o Centro Comunitário Leide das Neves e o Cais Novo Mundo. Importante característica é o nome das ruas e avenidas do bairro, pois a sua grande maioria homenageia cidades e mártires do Novo Mundo (América). Uma das principais praças é a George Washington, no qual se encontra um Centro de Convivência de Idosos, e ao redor da praça, há várias igrejas.<sup>49</sup>

Os jovens entrevistados localizam-se em determinado espaço urbano que possui características que reproduzem as condições de classe à qual eles pertencem. Haesbaert (2006) enfatiza a necessidade de estabelecer a relação entre indivíduo e espaço territorial. “Não há como definir o indivíduo, o grupo, a comunidade, a sociedade sem ao mesmo tempo inseri-lo num determinado contexto geográfico, ‘territorial’ ” (p.20). O território é um produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Contextualizar o jovem de onde está falando é fundamental para refletir sobre a relação dos jovens com o espaço urbano.

Dos oito jovens pesquisados, três não moram no bairro, mas o frequentam: Vikoto trabalha no bairro, Karoc e Chaulin, que já moraram no bairro, e ele retornam sempre para visitar a avó e o pai, respectivamente. Malako, Fran, Kate vieram de

---

<sup>49</sup> Dados disponíveis em: <"[http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim\\_Novo\\_Mundo](http://pt.wikipedia.org/wiki/Jardim_Novo_Mundo)>. Acesso: 14 jan. 2010.

outros bairros vizinhos e atualmente moram no Jardim Novo Mundo. Docim e Gales nasceram e foram criados no bairro. As falas dos jovens remetem a representações que os jovens constroem acerca do bairro, e ao modo como se apropriam do espaço urbano.

Malako mudou-se para o Jardim Novo Mundo há doze anos e do que mais gosta do bairro são as amizades e os bares, especialmente “*dos frevos do bar do Tonhão*”, atividade que realiza com os amigos do *rap* ou do Esquadrão (torcida organizada do Vila Nova Esporte Clube). Atualmente, ele não participa da torcida organizada “*por que tava ficano muito enbassado policia tava prendeno d+i [demais] eu num queria perde minha liberdade por causa diisso*”<sup>50</sup>. O afastamento da torcida não o fez se afastar dos amigos e ele ainda continua saindo com o pessoal do Esquadrão.

Vikoto reside em um bairro vizinho, mas trabalha no Jardim Novo Mundo, que adotou tanto na comunidade virtual quanto na vida real. Apesar de reconhecer a periculosidade da região em razão das drogas, aspecto negativo apontado pelo jovem, ele gosta do bairro por causa do trabalho, na *lanhouse*, local em que fez várias amizades, e da quadra de esportes:

*Quando eu vim la do meu bairro pra k [cá] , pensei que ia ser muito perigoso pelo que nos jornal fala né. Mais quando vim, vi a diferença, o meu bairro e muito mais perigoso do que aqui. aqui no novo mundo ja nao e assim. Ja e um lugar mais tranqüilo vc nao meche com ninguem, ninguem meche com vc entend !.*

“*Aqui é o meu lugar e eu não saio daqui porque os meus amigos mora por aqui*”, diz um outro jovem, Fran, com a convicção de estar no melhor lugar do mundo. Para ele, o Novo Mundo é a sua referência, pois desde que se mudou para Goiânia foi o único bairro que habitou: “*os meus amigos, né, eles todos mora aqui, então é difícil mudar pra outro lugar e não conhecer ninguém, acho que eu não acostumo não*”. O bairro, segundo esse jovem, não oferece muitos atrativos:

*é complicado, aqui tem poucas coisas, no espetim, no barzim, mas aqui não tem muito pra vc se diverti a noite não. Mais pro centro, pra esses barzim mais afastado daqui. baladas? Só essas de som automotivo mesmo. É longe, essas coisas...*

Entretanto, ao comparar com os demais, em relação à infraestrutura afirma que o bairro apresenta aspectos positivos em se tratando de infraestrutura:

---

<sup>50</sup> Como já indicado no capítulo II, as transcrições das falas de Malako, Vikoto, Gales, Docim e Karoc obtidas por MSN, obedecem a grafia original.



*a gente veio morar aqui porque é melhor né. Tem melhor infraestrutura, é mais perto de tudo, porque tem muitos bairros ai que num tem o que o novo mundo tem. Não é muita coisa, mas sei lá. É praça, é local pra gente andar, eu acho muito calmo, apesar do povo falar que é perigoso, mas pra mim, eu ando aqui a noite, o dia inteiro, e nunca tive nada.*

Fran recorda-se de alguns momentos da sua infância no Jardim Novo Mundo e os relaciona com que nele existe atualmente:

*Quando eu era menino, eu vivia no campo de futebol jogando bola quando tinha um campo. Eu nem sabia que existia internet, agora os menino só vê o que é internet, porque não tem um lazer pra eles. Eles não têm um lugar pra ir pra fazer uma atividade esportiva, então tem que recorrer pra internet, pra jogos essas coisas. Aqui falta um campo de futebol, uma quadra poliesportiva pra população, num tem. O que eles fizeram não da pra gente usar. Eles num feis do jeito que devia fazer. Feis de qualquer jeito lá e largou. É a única coisa que eu não gosto daqui, um lazer pro jovem. Hoje em dia o jovem quer saber só de internet, né.*

Além da falta de estrutura esportiva, o jovem afirma que há muito tráfico de drogas no bairro e falta providências do governo. Comenta também a atuação da polícia:

*às vezes aqui a polícia são rígido. Tem muitos policiais aqui que são ignorantes, a maioria dos policiais mora aqui também. Abordam, batem nas pessoa, já vi direto. Comigo nunca aconteceu, mas já vi direto aconteceno.*

Outro lugar frequentado pelo jovem é a feirinha do Jardim Novo Mundo, que acontece às quintas-feiras:

*a feira agora é feira mesmo, porque antigamente depois da feira tinha som automotivo. Aí a policia foi acabando e hoje não tem mais. Antigamente era bom, dava muita briga, mas era bom. A polícia vinha, batia em todo mundo e mandava o povo ir embora, ficava ate umas 11 horas da noite. Eu vou lá toda quinta feira a partir das 7hs. Fica lá conversano, vai lá no pastel, come pastel, toma um caldo, encontra os amigo tudo e fica lá. A feira é importante pro bairro, é um meio de diversão. Pra mim eu acho ótimo o bairro, eu não tenho muito a reclamar não.*

Gales nasceu no Jardim Novo Mundo. Um sentimento de orgulho invade as palavras desse jovem ao referir ao bairro: “*eu gosto muito daquele, eu gosto muito do meu setor como eu gosto de goiânia*”. Ressalta também a representatividade dimensional que o bairro ocupa na cidade: “*o novo mundo e o 2 maior setor de Goiânia, eu acho e o*

*mais falado. Na onde eu vou e falo que moro no novo mundo o povo fala que conhese. As veses e bom as veses eles falam ruim*". Sabendo da má fama do bairro por causa da violência, ele aponta a feira livre, que acontece às quintas-feiras, como uma questão negativa. É um ponto de encontro de gangues e distribuição de drogas entre os jovens. Na sua opinião, outros espaços públicos do bairro, como a Praça Jorge Washington é um dos seus lugares preferidos, assim como o "sandubão" de um *pit dog* local (sanduicheria popular nas calçadas das ruas de Goiânia) .

Embora Chaulin não viva no Jardim Novo Mundo, ele possui ligação forte com o bairro. Além de ser o local onde seu pai mora, ele também já viveu e estudou na região. Ao falar do bairro, o jovem pondera suas palavras: *"todo lugar que cê mora tem seus beneficios e tem suas coisas maus."* Quando morava no Jardim Novo Mundo gostava do colégio, o Bom Jesus, e de frequentar o Centro de Convivência de Idosos que se localiza perto da casa de seu pai: *"eu gostava de ver o povo trabalhar com os idoso."* Por outro lado, discute o lado negativo, os maus elementos do bairro: *a malocaida*. Segundo Chaulin, por causa dessas pessoas a ação da polícia era dura:

*Não podia sentar, ficar tranqüilo na praça George Washington, dava sete meia oito horas. Sentar la sozinho, se os homi tiver passano, pode saber que vai levar baculejo, vai tomar uns tapa na oreia.*

Chaulin reconhece o comportamento dos jovens, mas é mais da atuação da polícia que ele reclama:

*é mais a policia, eu graças a deus eu nunca vi o jovem de lá porque eu conhecia o povo de lá . eles mexia com droga, eles me chamava, eu sempre cortava, mas tipo assim, eu tinha amizade com eles. Droga não, isso acaba com sua vida. Eu deixava de lado, eu passava lá, cumprimentava, nunca mexeram comigo. Mas é aquela né, se você ta com uma pessoa de bem, você vai ser bem visto. Se você ta com maconheiro, drogado, ladrão, estropador, o que seja, você vai ser julgado igual eles. Se acontecer alguma merda, e você estiver junto com ele, vai preso do mesmo jeito.*

Kate é uma jovem que se mudou recentemente para o Jardim Novo Mundo, mas já encontrou afinidades com as atividades que o bairro oferece. Frequenta casa de amigos que são todos pagodeiros: *"eu frequento casa de amigos, eu só tenho amigo pagodeiro, então o que rola é pagode e música eletrônica"*. Da sua longa história de encanto pela música, mantém o hábito de circular pelos bares da região com os amigos, atividade que a faz se sentir mais jovem. Apesar da resistência no começo, em virtude

da má reputação do Jardim Novo Mundo por causa da violência e drogas, pontos negativos apontados pela jovem, hoje em dia ela reconhece o valor do lugar que habita:

*“é um bairro que ta crescendo, ele é enorme. É o segundo bairro maior que tem aqui em Goiânia. Então, a gente acostumou. Quando eu cheguei aqui eu fiquei ate meio depressiva até, não conversava com ninguém. Nossa, o povo ficava assim: nossa lá é muito perigoso, eu tinha até medo de puxar conversa com o povo na rua, mas agora eu até fiz umas amizades. Até gosto assim, eu num gosto de morar aqui, eu gosto porque eu não tenho opção”.*

Apesar das dificuldades de adaptação, Kate conseguiu superá-las conformando-se com a situação:

*consegui fazer muitas amizades, aqui eu saio, mas não como se fosse lá. Mas a vida é feita de escolhas, né? A gente fez a escolha de vim pra cá, então a gente tem que conformar com o que a gente tem.*

Docim nasceu no Jardim Novo Mundo e do que mais gosta no bairro são os amigos e a academia na qual pratica *muay tay*, regularmente. A indicação para a prática do esporte foi de um primo, que também vive no bairro. Quando perguntada do que menos gosta no bairro, hesita em falar, mas não aponta nada que lhe desagrade, porque para ela o bairro é muito importante, *“minha vida meu lar meus amigos”*. Com os amigos, ela faz parte do segundo grupo da torcida organizada do Goiás Esporte Clube, a Esmeraldina.

Karoc vive em um bairro distante, contudo, no Jardim Novo Mundo, passa todas as tardes em companhia da avó, tios e primos que moram. Para manter o vínculo com o bairro, também é membro da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo. O bairro em que reside atualmente é considerado pela jovem como melhor, porque tem maiores opções de lazer, mas mesmo assim reconhece o lado positivo do Jardim Novo Mundo ao afirmar que mais gosta é *“das pessoas ao meu redor e de todos os lugares que frequento”*. Por outro lado, critica os moradores: *“o povo da minha rua fofoca da vida dos outros e as ruas são sujas e ninguém respeita ninguém”*.

A experiência dos jovens em relação ao bairro diferencia-se de acordo com suas preferências. Longe de apresentarem-se homogêneas, as falas revelam a diversidade de subjetividades, ainda que se refiram ao mesmo lugar. Essa diversidade faz parte de um universo juvenil plural de cultura que revela os vários modos de apropriação do espaço urbano e de sua dinâmica. Malako e Kate participam de grupos culturais: ele no *rap* e

ela no grupo de pagode. Fran e Docim participam de torcida organizada. Gales e Chaulin fazem parte do grupo de jovens da igreja que frequentam, e o primeiro também participa do grupo que pratica *parkour*. Os grupos culturais, esportivos e religiosos estão presentes na vida desses jovens que buscam formas de sociabilidade mais espontâneas e sem coação da família ou da escola. São lugares de busca individual ou coletiva de afirmação da identidade juvenil. A iniciação nos grupos tende a ser um momento de transição entre o mundo infantil e o juvenil. “Essa iniciação coincide com o momento quando iniciaram uma ampliação das experiências de vida quando alguns deles começaram a trabalhar, quando passaram a ter mais autonomia para sair de casa à noite e poder escolher as formas de diversão”, afirma Dayrell (2004, p. 11). Assim, os jovens

vieram se descobrindo como indivíduos, buscando um sentido para a existência individual. É quando o jovem procura romper com tudo aquilo que o prende ao mundo infantil, buscando outros referenciais para a construção da sua identidade fora da família. É um momento próprio de experimentações, de descoberta e teste das próprias potencialidades, de demandas de autonomia que se efetivam no exercício de escolhas. Nesse processo, a turma de amigos parece cumprir um papel fundamental. É com quem fazem os programas, "trocam idéias", buscam formas de se afirmar diante do mundo adulto, criando um "nós" distintivo (DAYRELL, 2004, p.12).

Os grupos, nesse sentido, são tidos como fundamentais para a escolha de amigos, assim como para atividades de ocupação do tempo livre: ir ao bar com os amigos ( Malako e Kate), à partida de futebol (Fran e Docim), a retiros ( Chaulin e Gales). Como Dayrell (2004) alerta, não se pode esquecer que o espaço do bairro é o fator que mais influencia nas possibilidades e limitações que condicionam o encontro dos amigos e a construção das redes pessoais, bem como as opções de lazer. É o bar do Tonhão, a *lanhouse* da esquina, o bar do pagode, o salão paroquial da igreja, as praças em que pratica o *parkout*, enfim, o próprio bairro que oferece as condições para o grupo se manifestar. Para além de interesses comuns, o que está em jogo é a satisfação em estabelecer laços, os quais têm em si mesmos a sua razão de ser. Assim, dançar juntos, dançar com, torna-se uma das possibilidades de um exercício de ação comunicativa que é importante para o estreitamento de laços afetivos e para a sociabilidade (DAYRELL, 2004). Dos pontos positivos apontados pelos jovens, a sociabilidade em suas diversas formas aparece claramente em suas falas. Como explica Dayrell (2004), os jovens

privados do emprego, acompanhados da limitação de meios para a participação efetiva no mercado de consumo, da limitação das formas de lazer, muitos deles fora da escola, sem acesso a uma capacitação cultural, enfim, limitados dos direitos de vivenciar a própria juventude. É nesse

contexto que os grupos culturais devem ser situados e compreendidas as formas de sociabilidade criadas (p.9).

Criadores, e não meramente reprodutores da cultura, eles se movimentam conforme as condições dadas, criando-as e recriando-se. Neste trabalho, a cultura não é entendida da forma monocultural (VEIGA-NETO, 2003). Com as mudanças paradigmáticas ocorridas no século XX, com rupturas conceituais no campo da cultura, o conceito singular e estático de cultura não consegue mais explicar a diversidade das relações sociais atualmente. Com essa virada cultural, já não se pode falar de cultura, mas de culturas, e, ao passo que o “monoculturalismo coloca ênfase no Humanismo, e em boa parte, na estética, o multiculturalismo muda a ênfase para a política” (VEIGA-NETO, 2003, p. 11).

Penagos (2007) concebe a cultura não como coisa, algo eminentemente estático, mas como evento, algo essencialmente dinâmico, “que alimenta e é alimentado, influencia e é influenciado, se mistura e se combina de diversas formas” (p. 22). Com base em uma concepção de cultura como um sistema dinâmico, aberto, inacabado, a identidade cultural assume uma concepção que, nessa relação, ao mesmo tempo se reconfigura, se modifica e a influencia.

As culturas não existem de forma isolada, pois contatos com culturas vizinhas ocorrem, alguns esporadicamente e outros mais permanentes, o que gera encontros ou desencontros. Pensar as diferentes culturas como se simplesmente elas coexistem, é desconhecer o dinamismo da construção sociocultural: “as influências mútuas, os cruzamentos, as hibridações, as negociações, os antagonismos, e as mesmas guerras” (PENAGOS, 2007, p. 41). Cada cultura modela um tipo de subjetividade, portanto, diferentes culturas formam diferentes subjetividades, ou seja, a cultura medeia a relação com a natureza e com outros homens. À medida que o homem se apropria da cultura, ele cria a sua subjetividade.

A sociabilidade, para Dayrell (2004), sinaliza que o

grupo de pares, o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil das camadas populares sendo em torno dessas atividades que se desenvolvem preferencialmente as relações de sociabilidade e a busca de novas referências na estruturação de identidades individuais e coletivas (p. 11).

Os temas mais recorrentes nesses estudos referem-se à apropriação dos espaços públicos. A ocupação de praça, ruas, quadras esportivas públicas, a feira é uma prática comum dos jovens, mas quando são de camadas populares, talvez esses espaços sejam os únicos que podem frequentar, já que no bairro não existem locais privados acessíveis, como cinemas, *shoppings*, galerias, parques de diversão, dentre outros, exceto bares e

baladas de som automotivo. Movidos por interesses, os jovens buscam maneiras de socialização como formas constituintes da sua identidade. Para Simmel (2006), motivados por vários conteúdos da vida social, os indivíduos interagem com base nessas motivações e se transformam em uma unidade. Esses conteúdos isolados não são sociais. A sociação, termo cunhado por Simmel (2006), é uma forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade para satisfazerem seus interesses, sendo forma e conteúdo, experiência concreta, elementos inseparáveis.

O fundamental na sociabilidade é a interação por ela mesma. Segundo Simmel (2006), a sociedade é interação com o outro para realização dos conteúdos materiais (individuais) e, com base na percepção de que as sociações envolvem, além dos conteúdos, a própria valorização da sociação dos indivíduos. As formas, assim, são resultados desses processos. Ao ganharem vida própria, as formas tornam-se livres dos conteúdos, passando a existir por si só e o resultado é a constituição da sociabilidade, transformando a sociação em um valor apreciado em si. A sociabilidade é a forma *lúdica* da sociação, não importando as motivações.

Outra reflexão que pode ser feita é a própria necessidade de o jovem recusar a privatização da sociabilidade; eles querem experimentá-la a seu modo. Ainda que na pesquisa os jovens apontem a ação da polícia na praça, nas ruas, na feira, de forma contundente e agressiva, eles não deixam de frequentá-los por causa do medo que sentam: a ação da polícia e as drogas são temas negativos apontados por seis jovens da pesquisa. A imagem que Vikoto e Kate tinham do bairro era pior antes de eles mudarem para o bairro ou o frequentarem. Esses jovens reconhecem o perigo, mas o medo e o preconceito foram mudando à medida que se apropriaram do lugar e tiveram contato mais direto com o bairro. As representações, positivas ou negativas, muitas vezes são construídas pela mediação da mídia, por uma ação pedagógica eficiente que inculca valores.

Essa realidade acaba por interferir na sociabilidade dos jovens, que deixam de realizar atividades de que gostam, mas que, por precaução, não as fazem. Utilizando-se de estratégias, por conhecerem o espaço, eles se movimentam conforme as condições impostas pelas próprias condições do espaço e criam maneiras de socializarem-se.

Em ambiente hostil e de insegurança, os pesquisados agem estrategicamente para safarem-se dos infortúnios do perigo: não saem com o pessoal da torcida organizada, evitam as praças em horários de circulação de usuários de drogas, como no caso de Chaulin. “Eles (os jovens) não deixam vencer por esse sentimento e se recusam a se deixarem ‘aprisionar’, privando-se dos espaços disponíveis na cidade”, assinala Martins (2007, p.214).

A dificuldade de frequentar os inúmeros espaços da cidade evidencia a invariabilidade dos espaços ocupados por esses jovens na própria região, o que não ocorre com jovens de classe média. Para Martins (2007),

a variabilidade de locais que jovens de classe média de Goiânia frequentam é muito grande, eles não frequentam o lugar pelo que ele oferece, mas sim pelo apelativo da moda ou pela quantidade de pessoas que ali estão no momento [...] os jovens de classe baixa não demonstram esse nomadismo nas suas práticas espaciais na noite goianiense, suas limitações financeiras em especial os torna menos móveis, havendo maior fidelidade aos lugares disponíveis nos bairros em que moram ou nas redondezas (p. 210-211).

Embora haja uma complexidade urbana cada vez mais preponderante e acesso mais ampliado às tecnologias, imposições de padrões de comportamento e consumo são fatores de influência nos modos de ser jovem, mas por outro lado, os jovens também são capazes de criar a si mesmos, buscando seus próprios modos de ver e sentir o mundo e agir sobre ele. Martins (2007) explica que “através do envolvimento direto com os fluxos da cidade e de seu bairro, eles (os jovens) participam do cotidiano dos mesmos e, em contrapartida, vivem seu próprio cotidiano, na busca constante de satisfazerem suas necessidades” (p.205).

Esses jovens veem-se, assim, privados do emprego, acompanhados pela limitação de meios para participação efetiva no mercado de consumo, de formas de lazer, muitos deles fora da escola, sem acesso a uma capacitação cultural, enfim, limitados no gozo de direitos de vivenciar a própria juventude. Nesse contexto devem ser situados os grupos culturais e compreendidas as formas de sociabilidade criadas.

Assim, o espaço urbano não é apenas um lugar concreto, mas um lugar em que as relações sociais e seus conflitos sobressaem aos olhos dos que vivem nele. Vários estilos de vida, ideias e usos mesclam-se formando um mosaico de grupos sociais que se diferenciam pelos modos de apropriação do espaço urbano. Os agentes que nele habitam falam de um determinado lugar, vivem de acordo com determinados padrões e estilos de vida localizados no espaço social. São gostos de classe que permeiam os modos de vida. Atribuem-lhes significados, desejos, sonhos que dão sentido ao espaço habitado. Individualmente ou em grupo, cada qual atribui sentido ao espaço vivido conforme o seu olhar.

### **3.2 Jovens e o espaço virtual: sentidos atribuídos à Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo**

Atualmente, as redes sociais têm possibilitado a projeção de bairros seguindo o olhar dos próprios moradores. Esse movimento, de certa forma, interfere no imaginário

juvenil em relação ao seu território. Estar virtualmente representado na rede pode fortalecer o sentimento de pertença ao bairro e a afirmação de ser jovem pobre em um bairro estigmatizado pela violência e precariedade. As contradições dos grupos sociais são frequentemente ratificadas nesse espaço, evidenciando a desigualdade e as diferenças dessa sociedade. Pode-se afirmar que

inexoravelmente o mundo se estreita e a juventude internacionalizada que se contempla como espetáculo dos grandes meios de comunicação encontra paradoxalmente na homogeneização a possibilidade de diferenciar-se e, acima de tudo, a possibilidade de acesso a uma cidadania cultural que não se detém mediante atos jurídicos, senão que se experimenta como o direito a igualdade na afinação da diferença (REGUILLO, 2003, p. 106).

Dessa forma, não seria adequado pensar o ciberespaço como algo longe da realidade no qual as relações sociais têm o sentido de não reais. Cabe, então, a discussão entre real e virtual para explicitar a não oposição de conceitos segundo alguns autores.

As imagens fazem a mediação com a realidade. O virtual é o possível, o atual e potencializa o espaço geográfico. A velocidade e a instantaneidade do tempo são típicas da sociedade em rede. Nela, o tempo não é linear, sincrônico; é na multiplicidade de tempo e de inúmeras possibilidades do real, que o ciberespaço se insere. Desmaterializadas, as relações sociais conectam-se no mundo virtual. Não que as relações sociais face a face se desfaçam, desapareçam do espaço geográfico, pelo contrário elas se potencializam à medida que se virtualizam. A possibilidade de mantê-las fora do tempo sincronizado e do espaço material aumenta a intensidade da manutenção das relações, não necessariamente que elas sejam mais sólidas em termos de laços, mas ampliam possibilidades de comunicação e interação.

O conceito de virtual discutido por Lévy (1996) pode ser abordado conforme três correntes de pensamento. A primeira delas está ligada ao técnico que por sua vez remete ao campo da informática. Outra abordagem é, no uso corrente, a palavra virtual ser empregada com frequência para significar a pura e simples ausência de existência, a *realidade* supondo uma efetuação material, uma presença tangível. Já a concepção ligada à corrente filosófica escolástica, na qual Lévy (1996) se debruça para explicar sua posição, virtual é o que existe em potência, essa concepção rechaça a dicotomia real/virtual. Nas palavras do autor,

o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (LÉVY, 1996, p.16).

A tentativa do autor, nesse sentido, é contestar a posição que estabelece a dicotomia virtual/real. Na sua concepção, a virtualidade não corresponde ao falso ou imaginário. Ao contrário, é a própria dinâmica do mundo, e



uma comunidade virtual pode, por exemplo, organizar-se sobre uma base de afinidade por intermédio de sistemas de comunicação telemáticos. Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção. Apesar de 'não – presente', essa comunidade está repleta de paixões e de projetos, de conflitos e de amizades. Ele vive sem lugar de referência estável: em toda parte onde se encontrem seus membros móveis ou em parte alguma. A virtualização reinventa uma cultura nômade, não por uma volta ao paleolítico nem às antigas civilizações de pastores, mas fazendo surgir um meio de interações sociais onde as relações se reconfiguram com um mínimo de inércia (LÉVY, 2001, p. 21).

Para Castells (2007), não existe diferenciação entre o que é virtual e o real, uma vez que a realidade como é vivida, é mediada por símbolos formadores das práticas ambíguas que constituem uma diversidade de interpretações das expressões culturais que as distingue do raciocínio lógico formal matemático.

Para Castells (2007),

todas as realidades são comunicadas por intermédio de símbolos. E na comunicação interativa humana, independentemente do meio, todos os símbolos são, de certa forma, deslocados em relação ao sentido semântico que lhes são atribuídos. De certo modo, toda realidade é percebida de maneira virtual (p. 458).

Ainda nessa direção, esse autor aponta que o sistema de comunicação gera virtualidade real,

um sistema em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do faz-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência (CASTELLS, 2007, p. 458).

A transformação das bases materiais da vida social, do espaço e do tempo, em virtude das relações de produção na sociedade informacional ocasionou a redefinição dos conceitos de espaço e tempo, dimensões fundamentais da vida humana. Na era industrial, o espaço dos lugares era o das culturas, das pessoas, da geografia e o tempo seguia a lógica cronológica. Na sociedade em rede, o tempo converte-se em imtemporal, criado, determinado pelo tempo da tecnologia, e o espaço toma dimensão de espaço de fluxos, definida por Castells (2007) como uma organização material das práticas sociais de tempo em redes de funcionamento, por meio de fluxo.

As comunidades virtuais, entendidas como extensão do território e peculiares dessa sociedade, também se expressam como lugar de produção de cultura juvenil. O modelo de comunidade proposto no ciberespaço depende muito mais das questões de interesse, identidade e valores em comum que do lugar, do território ou da sua proximidade. “Seus membros estão reunidos pelos mesmos núcleos de interesses, pelos

mesmos problemas: a geografia, contingente, não é mais nem um ponto de partida, nem uma coerção”, assinala Lévy (1996, p. 21). Formadas espontaneamente por redes sociais, organizadas conforme interesses ou fins em comum, as comunidades virtuais arranjam-se pela motivação e impulso, segundo as escolhas dos usuários. Há uma afinidade entre questão territorial, interesses individuais e coletivos e localização geográfica. Assim, a comunidade virtual torna-se o lugar em que esses jovens potencializam o sentimento de pertença do território, um lugar de ratificação da sua realidade e, ao mesmo tempo, de contestação.

A representação do bairro em uma comunidade virtual é muito importante para Malako. É uma maneira do bairro mostrar-se menos estigmatizado que pela violência.

*O novo mundo eh muito conhecido sabe. Muitas pessoas de outros bairro tem medo de vim aqui. Ai atraves da comunidade agente pode cria topico e mostra que aqui e um lugar di boa saka [saca].*

Para Vikoto, a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo foi a porta de entrada para o bairro real. Membro há um ano, afiliou-se com o objetivo de ampliar o círculo de amizades e ganhar confiança dos usuários da *lanhouse*. “Trabalho aqui, mecho com lan house. Conheço muitas pessoas daqui, mas nem todas que tenho no orkut”. Essa afiliação trouxe-lhe benefícios no trabalho:

*as vezes pessoas ve meu perfil la, add [adiciona] eu, tira duvida. Tipo de eu ser importante, as pessoas procurar por mim, pedir ajuda e eu poder ajudar elas entende ! Me da uma certa importância, um bom meio de comunicação tambem nea [né]!*

Tornar-se membro da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo foi um acidente na vida do jovem. Fran que estava, por acaso, olhando as comunidades de um amigo seu quando identificou a sua: “fui olhando nos outros Orkut e fui vendo a comunidade lá e adicionei ela”. A representação do Jardim Novo Mundo na Comunidade Virtual Orkut é importante para esse jovem porque, como ele afirma:

*eu moro aqui e acho importante participar da comunidade. representa, porque a maioria que mexe na net ta La, então acho que representa. Eu acho bom né, participar, é o meu bairro, gosto daqui, então acha que é importante participar.*

A Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo abre possibilidades para debater temas que interessam aos seus membros. Os fóruns de discussão não são estáticos, e há divergências entre os seus usuários. Fran lembra que os conflitos existem:

*ah, rola, a maioria das vezes rola. Uma coisa que você põe o outro já não gosta, uma outra também gosta, ai isso vai virando um monte de comentários. Já, já fiz muitas vezes já.*

Na maioria das vezes, Fran não participa ativamente, mas afirma: “*pra mim é só participar mesmo. é só ter a comunidade lá mesmo, eu tenho a comunidade jardim novo mundo eu não mexo, mas eu tenho a comunidade*”. Ao ser perguntado se a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo faz parte da sua identificação com o bairro, o jovem responde categoricamente: “*faz, eu não troco esse bairro aqui por mais nenhum*”.

O Jardim Novo Mundo no virtual para outro jovem, Gales, é a expressão maior da sua identificação com o bairro e com o seu sentimento de pertencimento, e ele assim se expressa:

*Como eu me sinto ver o bairro na comunidade virtual? bem rsrrs um verdadeiro novo mundense (rsrsr). É como ser um goianiense como vc se sente ser goianiense? eu queria participar de uma comu do novo mundo entao eu vi esta comu tinha outras mais eu queria so novo mundo.*

A representação do bairro na comunidade virtual é mais que uma demarcação de lugar, abrange a cidade: “*a comu representa nao so o bairro e tambem Goiânia*”.

Mesmo que Chaulin não more mais no Jardim Novo Mundo, ele mantém ligação com o bairro por meio da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo. Ele é um jovem que gosta de acrescentar no seu perfil, cada bairro em que mora. Se muda de bairro, ele não se esquece de onde veio e não esconde onde está morando. Já migrou para vários bairros da Região Leste de Goiânia: Vila Pedroso, Jardim Novo Mundo e atualmente, Santo Hilário. O jovem mantém relações com o Jardim Novo Mundo por questões familiares. Ele morava com o pai no local e queria expressar seu sentimento pelo bairro por meio da adesão à comunidade:

*eu morava com meu pai e queria falar que eu era dali. Também pra ver quem tá na comunidade. Eu morei lá dois anos e pouco, eu saí de lá [há] um ano”.*

A violência do bairro não intimida o jovem ao expressar a sua condição no mundo virtual, tampouco se sente coagido pela ação da polícia no bairro na contenção das drogas e violência: “*eu não me importo em falar de onde venho, a minha ficha é*

*limpa. Se o policial chegar e me abordar ali , mas eu tô correto.* Chaulin não apenas diz de onde vem, mas também se interessa pelas discussões que ocorrem na Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo:

*algumas sim eu já cheguei a responder algumas enquetes sim. Eu sempre procuro responder sim, o que eu acho interessante. Vou lá e dou o meu parecer. Às vezes eu concordo com uma coisa, as vezes você discorda. Aí vai virando aquela discussão e você vai vendo a opinião de todo mundo.*

Ao mudar de endereço, Kate adiciona uma nova comunidade, pois quer atualizar-se. Ela busca identificar-se com o bairro em que vive porque acha importante informar aos outros, no mundo virtual, qual o lugar a que pertence. Para ela, a representação do bairro na Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo é mais que um endereço, é um processo de identificação:

*é uma identidade, porque tá representando o bairro que você vive, se você gostando ou não você tá morando aqui, então se você tá morando no Novo Mundo, você tem que falar o bairro que você mora, mesmo no Orkut também. Todo mundo sabe que eu morava na Vila Nova e eu tô no Novo Mundo agora. Então uma vez coloquei que tava de casa nova, tô morando no Novo Mundo, então você tem que falar mesmo tá falando verbalmente numa simples comunidade você tem que falar onde que é.*

Reservada como a sua personagem preferida do desenho animado, Docim responde com ponderação, e revela na sua fala ou na ausência dela, o seu modo de ser. Apóia-se nas facilidades da adesão às comunidades para falar de si mesma: “as comunidades q eu add , pq minha descrição naum fala muito pq naum gosto de fala muito de min”. A representação do bairro na Comunidade Virtual não chega a ser tão significativa na vida de Karoc. Embora seja membro dela e a tenha adicionada ao seu perfil, não lhe dá tanta importância como afirma: “pra mim não acho nada de interessante não...nem ligo”.

As falas dos jovens revelam modos de apropriação diferenciados da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo. Ao tornarem-se membros, a motivação maior é a busca de identificação com o lugar e manutenção de uma rede de sociabilidade, mas à medida que se inserem no mundo virtual e percebem os recursos que o espaço virtual pode lhes oferecer os jovens criam estratégias individuais ou de grupo para fazer aumentar seu capital social e simbólico. As ações dos agentes dependem da capacidade de participação no jogo, e o bom jogador é aquele que aprendeu o sentido do jogo, que a todo instante, faz o que deve, o que o jogo demanda. As estratégias educativas são aquelas em que os agentes sociais aprendem a lidar com saberes diversos para

inserir-se no universo sociocultural. Nesses termos, os jovens utilizam estratégias educativas, de investimento simbólico e social, por meio das comunidades virtuais para participarem do jogo.

Malako, Fran, Gales e Kate preocupam-se com a reputação do bairro, porque gostam do seu território e se identificam com ele. Percebem o poder de alcance da comunidade virtual para mostrarem o valor do bairro e, conseqüentemente, melhorarem a sua posição no espaço social. Essa forma de estratégia de grupo apenas os beneficiam, não só a eles, individualmente, como o grupo todo. Esses jovens percebem a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo como um lugar de reconstrução da imagem estereotipada de um bairro conhecido *somente* pelo tráfico de drogas e violência. Trata-se de uma estratégia simbólica que busca elevar o bairro a um *status* menos estigmatizado, pois muitas vezes o estereótipo é ratificado pela força da mídia. A comunidade virtual é tida por eles como um espaço democrático, aberto ao exercício da cidadania por meio de discussões e debates, que muitas vezes não ocorrem nas agências socializadoras e formadoras clássicas, como a escola, a família e a própria igreja.

Vikoto entende a comunidade virtual como meio de melhorar a sua condição. Utiliza-a como uma estratégia para fazer aumentar e acumular os capitais social e simbólico, uma vez que não é morador do bairro, mas nele trabalha e precisa do reconhecimento do grupo para ter sucesso no local de trabalho. Tornou-se membro para estabelecer contatos, ter reconhecimento e fazer aumentar o poder de influência no grupo. São estratégias de subversão do jogador para atuar no campo desconhecido. Os agentes tentam melhorar sua posição social procurando sempre aumentar o volume do seu capital. O capital social, de acordo com Bourdieu (*apud* BONNEWITZ, 2003), é definido como um conjunto de relações sociais de que dispõe um indivíduo ou grupo: “A detenção desse tipo de capital implica um trabalho de instauração e manutenção das relações, isto é, um trabalho de sociabilidade”. Vikoto tenta fazer exatamente isso utilizando-se da facilidade de comunicação e influência que a comunidade virtual exerce sobre seus membros, no caso, os moradores do Jardim Novo Mundo. O aumento do seu capital simbólico significa elevar seu capital social, e vice-versa.

Bourdieu (*apud* NOGUEIRA, 2006) afirma que os indivíduos ocupam posições diferenciadas e mais ou menos privilegiadas na estrutura social em razão do volume e da natureza dos seus recursos. Alguns dispõem muito capital econômico e pouco cultural, outros pouco econômico e muito cultural, alguns pouco dos dois, e outros teriam muito dos dois (NOGUEIRA, 2006). No caso desses jovens, tanto o capital econômico quanto o cultural são reduzidos, por isso, ele buscam estratégias educativas para que, de alguma maneira, possam adquiri-los. Percebe-se nesse estudo que os jovens fazem investimentos social e simbólico na Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo

para elevar as chances de inserção no mundo social. O capital social refere-se ao conjunto das relações sociais (amizades, laços de parentesco, contatos profissionais) mantidas por um indivíduo. Esse investimento faz que os indivíduos possam se beneficiar dessas relações para adquirirem benefícios materiais, como o emprego, por exemplo, ou prestígio no grupo, que é um capital simbólico. Ativamente, esses jovens interferem no curso da sua trajetória tentando reescrever uma história que não reproduza as condições de seus genitores, tentando romper com as hierarquias sociais estabelecidas pelas hierarquias culturais. Por meio da rede de sociabilidade na Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo, esses jovens movimentam-se no mundo virtual para criarem maiores oportunidades, muitas vezes negadas pela sociedade, pela escola, pelo mercado de trabalho, no mundo atual.

As estratégias empregadas por esses jovens são estratégias de classes, no caso, de camadas populares que eles próprios foram construindo. Em contraposição, as classes médias tendem a investir pesada e sistematicamente na escolarização dos filhos. Segundo Nogueira (2006), as famílias desse grupo já dispõem de volume razoável de capitais que lhes permite apostar na formação escolar sem correrem tantos riscos. Em vez de esperarem os pais apontarem o rumo para o futuro, os jovens de camada popular são obrigados a construir seus próprios rumos, por meio de estratégias diversas.

Para além de um espaço de construção de uma rede de relacionamento com o objetivo de acúmulo de capital social e simbólico, a comunidade virtual atua como um espaço formativo de discussão. Seus membros lançam tópicos e fóruns de discussão na comunidade virtual a fim de promover debates de toda natureza, sobretudo, a respeito da realidade do bairro. Os comentários dos membros ficam registrados com seus nomes e tanto quem concorda ou se objeta com eles pode abertamente expor suas opiniões. O exercício da argumentação, fora do controle da família, da igreja, da escola, das instituições formadoras, é exercido com maior ou menor intensidade conforme a disposição do jovem. Chaulin participa ativamente, porém Fran, de forma tímida, apenas acompanha o desenrolar das discussões. Docim e Karo, no entanto, não veem utilidade efetiva na possibilidade de discussão na comunidade virtual. Percebe-se que a forma com que se comunicam, interagem, participam, são diferenciadas pela própria natureza da tecnologia: eles mesmos apresentam os tópicos de discussão, gerenciam as discussões, e definem a maneira de participação. Os temas de discussão na comunidade virtual estão relacionados à ação policial na região, à violência no bairro, à feira do bairro que acontece às quintas-feiras, qual torcida organizada comanda o bairro, o que os moradores pensam do bairro, o que significa o conselho tutelar, dentre outros. Trata-se de um espaço, diferente de outros formais, que impõem o tema, a forma e o tipo de interlocução. Os jovens discutem quando podem, quando querem e se interessam. Essa

lógica flexível, bem diferente da lógica da escola, por exemplo, faz que os jovens se aproximem mais uns dos outros formando seus grupos independentes. A escola, em vez de acolher essas redes sociais como potencializadores para promover discussões e também conhecer os jovens que as utilizam, tende a condenar essas práticas, proibindo o acesso a elas no seu interior ou mantendo-se alheia a outras formas de sociabilidade, formação e comunicação. A visão monocultural tem predominado na visão moderna de sociedade que influenciou, de forma significativa, como a educação se estabeleceu. Em outras palavras, a educação escolar “deveria se tornar a mais homogênea e a menos ambivalente possível [...] a escola foi colocada a serviço da limpeza do mundo” (VEIGA-NETO, 2003, p.10). Em termos culturais, significa a construção de uma única identidade e rechaço às que sejam diferentes.

Se a cultura se faz mediante as interações que os sujeitos estabelecem entre si, pode-se dizer que, com as relações estabelecidas em um contexto escolar específico, produz-se uma cultura escolar: que não é somente a soma, mas o produto das diversas culturas. “A cultura perpassa todas as ações do cotidiano escolar, seja na influência sobre os seus ritos ou sobre a sua linguagem, seja na determinação das suas formas de organização e de gestão, ou na constituição dos sistemas curriculares” afirma Silva (2006, p.32).

Os jovens chegam às escolas influenciados por culturas espontâneas. São maneiras diversas de andar, falar, vestir-se, comunicar-se, falar e se comportar. Marcados pelos grupos a que pertencem, os do *hip hop*, dos *skatistas*, dos pagodeiros, dos *emos*, dos *nerds*, dos blogueiros, dos orkuteiros, seja quais forem os grupos com que se identificam, eles assimilam consigo culturas diversas como formas de viver, em resposta às condições de existência social e material. A cultura, como um conjunto de simbolizações, significados, valores e comportamentos de uma comunidade localizada no tempo e no espaço atua como um vínculo entre a subjetividade e a realidade objetiva. Nos tempos atuais, as tecnologias como mediadoras das interações juvenis, sociabilidades, promovem algumas maneiras de lidar com o mundo. Entender as culturas juvenis é uma tentativa de compreender os processos de construção de suas identidades, por meio das sociabilidades que estabelecem no mundo real, assim como no virtual.

### **3.2.1 Jovens e estratégias de formação**

Malako, um *rapper* popular no Jardim Novo Mundo, compõe letras, cria e edita seus vídeos com ajuda de amigos, sobretudo Vikoto, que o assessora na montagem dos

vídeos. Vikoto aprendeu esse trabalho pela Internet e com o conhecimento de outros colegas na própria *lanhouse* em que trabalha. As produções dos dois podem ser vistas tanto na comunidade virtual do bairro quanto no *YouTube*<sup>51</sup>.

*Eu faço aqui tipo um video com foto e mando pra galera do meu orkut saka e peço pra eles passarem para os amigos deles tmn. Todo mundo escuta saka eu faço rap pq eu gosto ta ligado. eu utilizo a boca tmb falano com a galera aqui (Malako).*

O trabalho de mecânico de *kart* é um meio de sobrevivência que realiza há seis anos. Apesar de gostar muito do que faz, é pela música que se realiza, mesmo que não possa sobreviver apenas dela. A Internet é uma grande aliada para a realização do seu sonho, pois, pela facilidade de publicação e comunicação que a rede oferece, ele é capaz de divulgar seu rap. “*Se não tivesse orkut eu ia grava um cd e saia entregano para os meu chegado*”.

Foi na *lanhouse* que Malako aprendeu a usar o computador e a Internet. Ele a frequenta cerca de três horas por dia, acessa o *Orkut*, utiliza o MSN e pesquisa sobre música. Observando, foi aprendendo a lidar com a tecnologia: “*Tipo cheguei aqui c ta ligado e fui veno a galera se atualiizano e fui caino pra dentro, desde quando eu tinha 16 anos*”. O *Orkut*, comunidade virtual mais usada entre os brasileiros, tem função importante na vida de Malako. Para ele, além de possibilitar fazer amizades, “*as comunidade eh um meio de interagi saka com outra pessoas que a gente não tem adcicionado no orkut*”, e também, “*pode divulga minhas musicas*”. A rede social ainda possibilita-lhe outras práticas além da interação: “*significa muitas coisas como conhece outros lugares, conhece outras pessoas, aumentar seus conhecimento e pá saka*”.

Fran mora ao lado da *lanhouse* mais agitada do bairro entre os jovens. É quase uma extensão de sua casa, o que os separam é apenas o muro. Ele a frequenta todos os dias e não se lembra onde aprendeu a usar o computador:

*não lembro não, acho que foi na lanhouse mesmo, eu não tinha computador aqui em casa. eu fui fuçando e ai aprendi a mexer. Ah, fui perguntando pros meninos e fui aprendendo. na lanhouse, na casa de amigos.*

---

<sup>51</sup> *YouTube* é um *site* gratuito usado para postagem de vídeos independentes. Disponível em: <<http://www.youtube.com/>>. Acesso: 30 mar 2010.



Quando mais novo, Fran participava de jogos *online*, e atualmente usa o MSN o Orkut do qual é membro há seis anos quando criou o seu perfil que mantém atualizado diariamente:

*ah, todo dia, parece que fica lá a mesma coisa, então a gente muda uma coisa aqui, outra ali: nome, cidade diferente. A gente muda o jeito de escrever. Fica mais bonito o Orkut da gente. Só aquilo ali, então, a gente tenta fazer alguma coisa diferente, tenta mudar toda vez. pra não ficar sempre a mesma coisa.*

Todo esse trabalho tem uma intencionalidade: “*é o outro entra pra ver. isso é uma forma do outro tá visitando o seu Orkut, vai mudando*”. Essa forma de lidar com a comunidade virtual é um modo de interatuar:

*é mais pra gente se interar com as outras pessoas, conhecer novos amigos, é mais pra isso, conversar com pessoas que a gente nunca viu na vida, a gente vai ficando mais amigo dessas pessoas. Posto fotos, mando mensagem pros outros.*

No seu perfil consta 166 amigos. A quantidade de amigos adicionados “*é importante, porque a gente vai conhecendo mais gente e mais coisas novas*”. Para esse jovem, é interessante ter o perfil no Orkut,

*porque a gente encontra novos amigos, a gente rever amigos que a gente muito tempo não ve que tem Orkut também, ai é bom, a gente vai se comunicando pelo Orkut. pra mim é mais diversão né.*

Associado à diversão, Fran utiliza-se de todos os recursos conhecidos para manter a interação com os amigos, contudo lembra que não adiciona a seu perfil pessoas que não conhece: “*se for amigo de amigo meu eu adiciono. Se for uma pessoa que eu nunca vi, eu não adiciono não*”. Muitas vezes, não adiciona pessoas que pensam serem melhores do que outros: “*às vezes eles inventa pra ser o melhor*”. Tão seletivo nas amizades, Fran também o é com as comunidades:

*eu escolho pelo perfil né. O que eu mais me identifico, igual ao do bairro é a que eu mais me identifico, comunidades de amigos que eu mais me identifico, então eu escolho assim.*

Das 55 comunidades que já adicionou, identifica-se mais com a BDP<sup>52</sup> e afirma: *“é uma brincadeira nossa daqui, Bonde Dos Pegador. Essa comunidade a gente acessa direto. Mas isso só é brincadeira”*.

Gales aprendeu a usar o computador no trabalho, quando estava empregado pelo Programa Pró-cerrado na Agência Rural e se mantém atualizado frequentando a *lanhouse* do bairro, na qual utiliza o MSN, o *Orkut* e faz pesquisas, sobretudo sobre *parkour* e poesias. Aliás, foi na televisão que viu pela primeira vez o esporte, mas, na Internet, ele se aprofundou no assunto e se juntou a um grupo em Goiânia: *“eu vi na tv ai eu fui pesquisando ai eu achei esta comu ai esperei ele enfomase a prosima reunião. ai eu fui e gostei.”* Gales participa de 75 comunidades, no entanto, as comunidades BDP e Eu Amo Poesia são as mais acessadas pelo jovem. A que mais lhe dá *status* entre os membros é a BDP, porque lá jovens homens compartilham um modo de viver relacionamentos baseados em quantidade e diversidade de garotas que saem. Quanto mais popular entre as jovens, mais é reconhecido pelo grupo. Acessa o *Orkut* na *lanhouse*, sempre que pode e para ele a Internet é extremamente importante:

*me sentiria desatualizado sem ela, a vida gira agora em torno da internet... nossa muito boa nao tem nem comparação, bem para namorar para conheser pessoas novas falar com quem esta longe a muito tempo.*

Totalmente envolvido pela diversidade sedutora do espaço virtual, Chaulin não somente participa de comunidades virtuais como também as cria no *Orkut*, relacionadas a vários temas, mas o mais importante para esse jovem é a possibilidade de expressar:

*você expressa o que você que, você fala o que você gosta de fazer, troca idéias, posta comentários, deixa as suas enquetes, ver as respostas, e vê a aceitação do público. Eu acho importante, porque você vai fazendo novas amizades. Vai tendo aquele conhecimento e vendo o que as pessoas pensam também. É um lugar bom pra comunicar, mas tem suas exceções.*

Mesmo encantado pelas possibilidades de expressão no mundo virtual, Chaulin conhece as limitações desse mundo que aprendeu pela experiência:

*o mundo virtual é o seguinte. Eu tô do lado de cá, você tá do lado de lá. Eu converso com você dois, três, dez meses. Você me*

---

<sup>52</sup> BDP significa Bonde dos *Pedagor*.

*fala que você é uma pessoa. Começa rolar aquele afeto, aquela amizade um pouco maior. Vamos se conhecer, vamos. Aí você cria uma certa expectativa, aí quando você vai ver, não é aquilo que você esperava. Eu aprendi na base da pancada. Quando eu era mais novo, eu andava numa porcariada aí, essas coisas de satanismo, esses sites de horror, assustador. Eu era viciado naquilo. Aí com o tempo a gente vai aprendendo. Agora eu só uso site seguro, que é o Orkut, mas eu acho que deveria ser mais rígido. A internet tem de tudo o que você quiser, tanto pro bem quanto pro mal.*

A consciência em relação ao uso da Internet ele a teve por meio do contato intenso com a Internet. Várias vezes o jovem passava noite *surfando* na Internet e já chegou a ficar 72 horas online, no tempo que era viciado em jogos. Consciente das consequências nefastas decorrentes do uso indevido da Internet, Chaulin aprendeu a lidar com esse mundo e com a mídia no seu trabalho, realizando pesquisa :

*eu sempre procuro fazer as minhas coisas corretas. Os meus vídeos no Youtube todos têm direitos autorais, as fotos dos amigos meus, tem autorização dos meus amigos. Isso aí dependo do que você fizer ou postar, gera polêmica, gera cadeia. As minhas coisas que eu faço é tudo de maneira correta.*

Além do Orkut, Chaulin possui cinco *fotoblogs* no Meadd<sup>53</sup> e, ainda, vídeos no *Youtube*

*no meu ADD eu tenho 5 blogs. Eu tenho o add fã do 50 cents, add tune, o add pra promover eventos, se tiver sua festa e não tem lugar para divulgar, cê coloca, tenho um outro add relacionado a animais, que eu gosto.*

Esse conhecimento, adquirido quando começou a trabalhar na *lanhouse* e depois foi aperfeiçoado pelas buscas constantes na Internet. Segundo esse jovem, ele foi aprendendo sozinho ou com outros jovens:

*no começo as coisas básicas eu aprendi com o Luciano (o dono da lanhouse que trabalhava), o resto eu aprendi sozinho, foi fuçando e aprendendo. O que eu tinha dúvida eu ia perguntando porque ele sabia um pouquinho a mais que eu, aí ele foi ensinando eu fui aprendendo, porque eu tenho alta facilidade de aprender.*

---

<sup>53</sup> Meadd é um *fotolog* no qual podem ser utilizados diversos recursos como música, textos e links. É um site de compartilhamento fotos com amigos e família e que pode ser aberto a toda a rede.

Chaulin nunca fez curso de informática, mas aprendeu utilizar as informações da veiculadas pela Internet:

*eu fiz por conta própria. Não sei se você já ouviu falar daquele site [www.apostilado.com](http://www.apostilado.com). Ali é o seguinte, ali tem tudo quanto é apostila, Word, Excel, tudo o que você quiser, Coral Draw, aí o que eu fazia eu aprendi a mexer naquele programa. Word, eu apanhava demais pra usar o Word 2003, aí eu fui lá peguei a apostila todinha, comecei a estudar e comecei a mexer por conta própria. Eu ia lendo e tentando fazer igual.*

O mundo digital, para esse jovem, é mais que lazer, é um meio de capacitação:

*é uma possibilidade de trabalho. É visto pelo mundo, hoje em dia o mundo é globalizado. Tem vários vídeos no youtube que eu fiz de brincadeira, pensei que ia dar nada não, eles são bastante vistos, bastante comentados. Você faz um vídeo lá, por exemplo sobre a natureza, aquecimento global. Você vai lá seleciona umas fotos, monta um trabalho todinho, e posta no youtube. O pessoal do mundo tá tudo ali.*

Kate iniciou-se ao mundo virtual na *lanhouse*, sozinha, apesar de ter conhecido o computador no ambiente do trabalho, embora não tivesse acesso à Internet: “*usava no serviço, mas era o tipo assim sistema da empresa*”. A curiosidade era grande, mas ela somente lidava com a parte burocrática do programa. A *lanhouse* foi o local em que pôde saciar sua curiosidade a respeito do mundo virtual:

*eu aprendi numa lanhouse, sozinha. Fui lá comecei a mexer, mexeno. Um dia eu acertava, outro dia eu errava, mas sempre perguntando. Então nunca fiz curso, nem informática básica, eu não fiz nada, aprendi sozinha.*

Na sua casa, ela e outras três irmãs, influenciadas pelas amigas, criaram seu perfil no *Orkut* e Kate mantém o seu atualizado diariamente, desde 2004:

*elas fizeram e falou: vamu faze, vamu faze, e eu nem sabia o que era isso. Aí elas foram me explicar que era tipo um site que você postava fotos, você conhecia muitas pessoas, podia colocar fotos, e você podia conhecer várias pessoas atraveis do Orkut. Aí eu fiz. É muito bom, ainda mais quando você coloca uma foto e o povo comenta”.*

O sorriso cobre o rosto dessa jovem ao ser perguntada acerca da importância do seu perfil na comunidade virtual. Para ela estar no mundo digital é poder fazer novas amizades e, manter contato com amigos e membros da família que moram no exterior:

*eu acho que é importante. Tanto é que eu tenho uma tia que tá lá em Londres e a gente se comunica com ela através do Orkut. Ela vê como a gente tá hoje aqui e a gente vê como eles tão lá. Tá diferente, se engordou, se emagreceu, se ta loira, se ta morena. Então é bom por causa disso. Até a minha mãe, A gente sempre coloca fotos nossa, da nossa sobrinha. Minha tia mesmo, ela não conhecia minha filha, ela conheceu minha filha através do Orkut. Ela me viu grávida pelo Orkut.*

Por isso, a atualização diária é fundamental para essa jovem: “minha tia fica na expectativa. Toda semana a gente tem que tá atualizando foto e ela também pra vê. O número de amigos no Orkut para ela não é importante, embora reconheça que as amigas fazem questão de quantidade:

*não, pra mim não, mas pra minhas amigas é. Elas ficam disputando: ai eu tenho 300, eu só tem 100, deixa eu com os meu 100 que eu me comunico com os 100. Às vezes você tem 300 e nem comunica nem com 50. Então, eu prefiro ter os 100 e comunicá com todo mundo, toda semana a gente ta comunicano do que ter 300 e não conversa nem com 50.*

A comunidade virtual é um espaço de afirmação da personalidade de Kate, que diz: “eu falo ali o que eu penso, realmente o que eu penso ou eu apoio essa idéia”. Ela afirma que tanto as comunidades que adiciona quanto a descrição do seu perfil compõem a sua pessoa:

*eu acho que é um conjunto, assim, mas as comunidades fala bastante também, porque tudo que eu coloquei nas comunidade é o que eu penso e que eu sou, então, o que eu gosto de fazer: amo pagode, ta lá “ 100% pagode na veia”, Churrasco, cerveja e pagode”. Tudo que eu gosto de fazê e o que eu penso , tipo bem dia-a-dia mesmo.*

Kate já adicionou 42 comunidades, escolhidas com bastante critério:

*é o numero de pessoas, é a foto que é mais bacana, e do que tá transparecendo, né, Do grupo que eu mais gosto, do conteúdo e da quantidade de pessoas também. É porque todo mundo gosta e tá interagindo. Igual nessa comunidade que eu tô (Churrasco, pagode e cerveja) tem mais de 350 mil membros, então muitas pessoa pensa igual a mim também.*

Docim aprendeu sozinha a usar o computador. Atualmente possui uma máquina em casa e normalmente a utiliza para navegar na Internet, bater papo com amigos pelo MSN e atualizar suas fotos no *Orkut* e no seu Flogão e, até mesmo, para trabalhar. Bastante popular no *site* de relacionamento, no qual ela consta 598 amigos. Ao mesmo tempo que usufrui das seduções do mundo virtual, Docim, paradoxalmente, alega que não vê sentido no uso do *Orkut*. Ter um perfil não é tão importante para essa jovem: *“afs fala a verdade nada , perca de tempo”*. Ela reconhece que somente fez o perfil porque todos seus amigos tinham um, e ela, por influência, fez o seu: *“ quando todos tinha tm quis ter”*. Além de postar fotos da torcida organizada da qual ela participa, a sua inclusão no *site* lhe proporcionou o contato com familiares que viviam fora do Brasil: *“ via as fotos da minha mãe quando ela morava na suíça, mantinhas-mos contato pelo orkut e MSN”*.

A jovem Karoc aprendeu a usar o computador com os primos em casa. Usa a Internet para *“manter informada e me relacionar com meus amigos e fazer pesquisas.”* . Ela não gosta de frequentar a *lanhouse* porque sua mãe acha que não é bom:

*não gosto de frequentar lanhouse e acho um pouco perigoso, minha mãe também não gosta muito porque boa parte das pessoas vão para acessar coisas indevidas e isso acaba influenciando os outros e porque não tenho necessidades de freqüenta.*

Em casa, a jovem tem acesso em casa ao computador e à Internet que utiliza todos os dias para manter a vida dos amigos em dia: *“ah uso mesmo so pra conversar com amigos e as vezes ficar sabendo do que esta acontecendo. [Acesso ] todos os dias praticamente”*. Karoc foi influenciada pelas amigas a ter um perfil no *Orkut*. Quando perguntada sobre a importância de manter um perfil na comunidade virtual, ela responde: *“pra mim nenhuma. influencia das minhas amigas, quando falo que vou excluir elas pedem que nao”*. Houve uma época em que não via sentido no *site*: *“na epoca estava muito sem graça,.. nada de muito interessante”*.

As falas dos jovens apontam a Internet e a comunidade virtual como estratégias educativas utilizadas por jovens que se encontram em situação precária de trabalho: 50% dos jovens entrevistados encontram-se na mesma situação, pois estão desempregados, ao passo que os demais estão em empregos que exigem pouca ou quase nenhuma qualificação. Esse dado só confirma as informações que descrevem a situação de emprego entre os jovens. No contexto atual, os jovens são os que mais sofrem com o desemprego. Pochmann (2004), Frigotto (2004) e Branco (2005) avaliam a os dados da Organização Internacional de Trabalho (2006), como inquietante: 88 milhões de jovens encontram-se desempregados no mundo, o que representa 50% da população mundial. Esse fenômeno, para Barber-Madden e Saber (2009), deve-se ao fato de que “a maioria dos postos de trabalho alcançados pelos jovens requer uma qualificação limitada: reflexo do baixo nível de escolaridade deste grupo e da reduzida experiência acumulada pelos trabalhadores jovens, ou seja, a pouca experiência tende a se traduzir em menores índices de produtividade e, além disso, eleva os custos de contratação dos jovens ” (p.29). Para Branco (2005), o número de vagas de trabalho ofertado aos jovens no mercado é precário, e a oferta do primeiro emprego é deslocada para adultos com experiência. O autor mostra a necessidade de políticas públicas que incentivem a criação do primeiro emprego, bem como busquem conhecer o jovem como eles são, além de seus anseios em relação a trabalho e renda.

Outro aspecto importante na discussão é a forma de exclusão vivenciada pelos jovens no mercado de trabalho. Novaes (2003) afirma que classe social, gênero e raça são fatores determinantes para a obtenção de trabalho, “quando e como o jovem começa a estudar ou trabalhar, e quando e como para de trabalhar ou estudar” (p.122). No caso dos jovens pesquisados fica evidente que é importante o recorte da classe social determina, pois encontram-se em condições semelhantes às descritas pela autora: são jovens pobres localizados em contextos de exclusão.

Os jovens pesquisados desempregados estão em busca de trabalho, como um meio de sobrevivência. Eles precisam ajudar o sustento da família, parcial ou totalmente, como no caso de Vikoto, que mora sozinho com sua mãe, de Gales, que é órfão de pai e mãe desde os dezesseis anos e de Chaulin que também é o maior provedor da família. Essa condição interfere diretamente na subjetivação dos jovens em relação à sua maneira de ser jovem. Precocemente, assumem responsabilidades que, para jovens de outros grupos sociais, acontecem tardiamente, e em benefício de si próprios, e não da família. Estudos enfatizam que jovens pobres, em razão da luta pela

sobrevivência, entram prematuramente no mundo do trabalho e, por esse motivo, abandonam a escola (CANEZIN; DUARTE, 2009). Os dados sugerem que o prolongamento da escolarização não implicou adiantamento da entrada no mercado de trabalho, ao contrário, ampliou a simultaneidade de escola e trabalho (GONZÁLES, 2009). A entrada precoce no mercado de trabalho, mesmo que seja uma idade ilegal<sup>54</sup>, tampouco significa que permaneçam nele em definitivo, pois são altas as taxas de entrada e saída do mercado de trabalho. Portanto, os jovens procuram saídas de profissionalização por vias informais de aprendizagem que garantem a movimentação no campo do trabalho.

Diante desse cenário nada promissor, em que o trabalho aparece mais como uma necessidade do que uma realização, os jovens pesquisados procuram alternativas. É possível perceber a relação que Malako, Vikoto, Chaulin fazem do uso da Internet para adquirir distintos capitais. Quando Malako e Vikoto estabelecem uma parceria de produção musical em vídeo para lançá-la na rede, assim como Chaulin, eles não apenas divulgam o seu trabalho, ele pode oportunizar o aumento de capital social, simbólico e econômico na rede. A rede serve como o ponto de partida para a realização de um sonho, pois eles nela adquirem informações necessárias para movimentarem-se no mundo atual. Por meio de um processo de pesquisa, seleção e organização de informações, esses jovens utilizam habilidades e estratégias que desenvolveram na prática do uso das ferramentas. O mais importante, é que todos os jovens aprenderam a usar o computador e a dominar certos programas e a Internet por autodidaxia, ou por colaboração de seus pares na própria *sala de aula* da *lanhouse*.

Nesse sentido, pode-se refletir o sentido do trabalho para esses jovens. A centralidade do trabalho corriqueiro, cotidiano resulta de um problema urgente. O sentido do trabalho é antes de tudo, o atendimento de uma demanda referente a de um valor a ser cultivado, está ligado a necessidades, interesses e urgências, pessoais e sociais, segundo Guimarães (2005). No entanto, as falas também indicam que o trabalho que os jovens pesquisados realizam na rede está mais relacionado à satisfação e à realização de um desejo em relação ao trabalho, que de uma necessidade imediata de sobrevivência. A relação que estabelecem com o trabalho é bem diferente do cotidiano duro de jovens que trabalham em subempregos.

---

<sup>54</sup> A Constituição Federal de 1988 proibia qualquer trabalho aos menores de quatorze anos, salvo na condição de aprendiz. O limite de idade foi modificado pela Emenda Constitucional nº 20/1998, elevando a idade mínima para dezesseis anos e permitindo aprendizes com idade entre quatorze e dezesseis anos.



A pesquisa indica que esses jovens estão aprendendo saberes, assim como a utilizar as ferramentas oferecidas gratuitamente na rede, utilizando a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo. São apostilas gratuitas, programas de criar e editar vídeos, são redes sociais, que possibilitam aos jovens tentarem outros caminhos a aquisição capital cultural e se manterem em aprendizagem constante, mesmo sem frequentar a escola. Ávidos por novidades e imediatismos, os jovens usam a rede como uma aliada para buscar conteúdos e formação e qualificação profissional. Tudo indica que os jovens têm adotado a rede como espaço de formação e sociabilidade que os ajuda a se inserirem no mundo cultural e social por vias não necessariamente clássicas.

As estratégias educativas estão presentes nas ações dos jovens em todos os momentos. São estratégias de classe, já que não tiveram a possibilidade de aprender a usar o computador em centros de formação nem na escola. A colaboração entre os pares tem possibilitado a inserção desses jovens no mundo digital na *lanhouse*. Os processos de formação e aprendizagem ocorrem em diversos espaços mediante práticas sociais, entretanto, a escola não tem percebido o potencial desses processos formativos fora de seu espaço, o que leva os jovens a buscarem outros locais em que podem expressar suas vivências e os conhecimentos adquiridos. Quando dizem que aprenderam a usar o computador na *lanhouse* e com amigos, eles atribuem sentidos de aprendizagem mais significativa fora da escola que no próprio ambiente escolar. Nesse sentido, eles tendem a não reconhecer a escola como espaço de construção de conhecimento. A escola, na visão desses jovens, é o lugar de legitimação do conhecimento por meio dos diplomas e certificação que lhes garantem mobilidade social. Nogueira (2006) afirma que um grupo de jovens *oblatos* deposita todas as suas expectativas de ascensão social via escola. Às vezes, os discursos dos jovens apontam um paradoxo: acreditam na escola, mas não conseguem nela permanecer e tampouco conseguem visualizar mudanças que poderiam ocorrer no espaço escolar.

Assim, mergulhados em um *dilúvio de informações* (LEVY, 1999), os jovens desenvolvem habilidades e estratégias para elevar o capital econômico, social, simbólico e cultural, e a linguagem, selecionando e priorizando conteúdos de seus interesses.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi compreender de que maneira os jovens pertencentes às camadas populares se apropriam das comunidades virtuais como espaços de socialibilidade e formação e quais estratégias educativas utilizam para se manterem inseridos no mundo social, a fim de conservar ou acumular capitais cultural, social e simbólico.

A adesão a comunidades virtuais faz parte de um movimento global de mudança nas formas de apropriação das tecnologias de informação e comunicação, que ocorre de forma significativa em diversas sociedades e estão presentes na vida dos jovens. A emergência de espaços virtuais tem provocado maneiras distintas de lidar com os saberes, pela própria natureza do objeto técnico, que tem alcance planetário e, com poucos recursos financeiros, jovens de camadas populares têm acesso a conteúdos que lhes foram privados pelas condições de existência precária no mundo. Para entender como os jovens lidam com as novas tecnologias, o que eles estão fazendo com esses conhecimentos e como estão manejando o conjunto de informações obtidas, a pesquisa orientou-se pela reconstrução de alguns dados importantes da trajetória de vida dos jovens pesquisados.

Com a intenção de apreender quem são estes sujeitos jovens, para além da condição de trabalhadores e ex-alunos de Educação de Jovens e Adultos, alguns tópicos foram desenvolvidos: suas concepções acerca dos modos de ser jovem, família, religião, trajetória escolar; modos de apropriação do espaço urbano, os sentidos atribuídos à Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo e as práticas de uso da Internet.

A pesquisa aponta que as representações sobre a juventude são expressas de distintas formas. Os jovens pesquisados concebem a juventude como um tempo de aproveitar a vida pelo viés do discurso da liberdade de expressão da palavra por meio da música ou da dança ou da atividade física. Os discursos estão permeados pelo presentismo, a sensação de viver o aqui e o agora. Percebe-se, contudo também, a ausência desse tempo de liberdade na fala de um dos pesquisados, que assume responsabilidades em casa na ausência do pai, ou como de uma jovem, que vive uma maternidade precoce. Ao mesmo tempo, em que manifestam o tempo de transição para

a vida adulta, esses jovens expõem suas preocupações no processo de tomadas de decisão no tocante ao trabalho e à escola.

A pesquisa aponta dois tipos de representações sociais sobre o modo de ser jovem: uma em que desfruta essa fase da vida como um momento de gozo da liberdade por meio de atividades que realizam no espaço urbano; e a outra que exprime uma condição interrompida pela história de vida familiar ou individual. Contudo, percebe-se que tanto os jovens que sustentam a primeira concepção quanto a segunda, tentam equilibrar trabalho e escola, mas que nem sempre *o malabarismo* é bem-sucedido. O trabalho, nesse sentido, é parte constituinte das subjetividades desses jovens e se torna, portanto, elemento central na vida de um jovem trabalhador. Desde cedo, eles aprendem que o trabalho é condição fundamental de sobrevivência, concepção típica das camadas populares.

Na vida dos jovens, o trabalho subsidia parte ou total sobrevivência própria e/ou da família. Embora estejam fora da escola, reconhecem sua importância e pensam em dar continuidade aos estudos. Percebem a escola como um fator de mobilidade social e de aquisição de bens simbólicos e materiais e de possibilidade de obtenção de melhores postos de trabalho.

A questão da família é outro fator importante na constituição da subjetividade dos jovens pesquisados. Os arranjos familiares são diversos, e não seguem os padrões do modelo culturalmente convencional. São jovens que moram ou com pais e irmãos ou apenas com a mãe, ou sozinhos. Os que não têm pai em casa assumem a função de maior provedor, e os que possuem pai, ajudam o sustento da família. Ainda que os arranjos se diversifiquem, a condição é bastante semelhante: ajudar financeiramente em casa é uma obrigação em ambos os casos. A baixa escolarização dos pais ratifica a ideia de reprodução social, quando se evidencia que seus filhos, no caso os jovens pesquisados, também apresentam uma defasagem entre escolaridade e idade, segundo os parâmetros convencionais estabelecidos pelos órgãos governamentais de educação e cultura do país. A precarização da escolaridade dos jovens é justificada em parte, pelo ingresso precoce no mundo do trabalho.

Outro dado importante na discussão é a religião. Para alguns jovens da pesquisa, frequentar os grupos de jovens da igreja ajudam-nos na superação de dificuldades pessoais e os confortam emocionalmente tanto em relação aos infortúnios do desemprego, quanto à violência e exclusão a que estão submetidos. Os jovens encontram na religião o suporte negligenciado muitas vezes pelas instituições clássicas,

sobretudo a família, a escola e o Estado. Por outro lado, as igrejas estão tornando-se espaços de sociabilidade, e ali eles encontram amigos e formam grupos. A adesão aos desses jovens aos grupos de igreja, como o estudo aponta, dá-se em virtude da inacessibilidade ao mundo cultural. Os cinemas, os teatros, os museus, os parques e os *shoppings* em zonas de prestígios são lugares que jovens de camada popular geralmente não frequentam, pois localizam-se nas partes nobres da cidade, e os jovens não possuem capital econômico que possibilitem o deslocamento da periferia aos bairros centrais. O processo de exclusão já começa pela imobilidade do corpo no espaço urbano, limitado pelas condições objetivas de existência.

Os jovens da pesquisa são provenientes de turmas de Educação de Jovens e Adultos. Pode-se dividi-los em dois grupos: o majoritário que não terminou os estudos, e um menor, que terminou os estudos na EJA. Para o primeiro grupo, as razões de desistência da escola não variam tanto, e o motivo é quase sempre igual: o peso do trabalho, como fator fundamental para sobrevivência e de sua família. Alguns desistiram por falta de *brio na cara*, e outros, pelo *tempo escasso ou desmotivação*. Já o segundo grupo, que se refere aos que terminaram a EJA, se encontra no *limbo* entre o fim dos estudos e a não perspectiva de ingressar na faculdade. Eles continuam em subempregos e nem cogitam entrar na faculdade, porque não se sentem aptos, porque os jovens acreditam que não possuem chances para passar no exame vestibular de uma universidade pública e por não terem capital financeiro para ingressar em uma instituição de ensino superior privada.

Mesmo ausentes da escola, reconhecem a sua importância quando o tema é o futuro. A escola é um lugar que pode proporcionar mobilidade social, segundo o imaginário coletivo desses jovens. Frente aos discursos de prosperidade socialmente construídos, os jovens acreditam na escola, mas não usufruem de suas promessas. Ao mesmo tempo em que a desejam, sentem frustração por não alcançarem a mobilidade social. Ao contrário, os jovens não desistem da sua formação e buscam inserção cultural em ambientes informais. A não presença na escola, necessariamente não significa, porém, estar longe do universo cultural. Os jovens, como agentes sociais, movimentam-se no espaço social buscando alternativas para nele se inserir. Para adquirirem capital cultural, recriam possibilidades no mundo real com base no virtual, como indicam os dados da pesquisa. O espaço virtual torna-se o *locus* mais próximo e acessível dos jovens investigados para alcançarem os saberes necessários e para movimentarem-se no

espaço social. Eles recorrem ao mundo virtual para aquisição de capital cultural, social e simbólico que os beneficiem no mundo real.

Outro aspecto importante na pesquisa é a relação entre jovens e espaço urbano. A produção da subjetividade do indivíduo perpassa condições objetivas do território, é um produto da apropriação simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Privados de movimentação na cidade, os jovens pesquisados apropriam-se dos espaços públicos. Percebe-se no estudo, que a relação com o bairro se dá de forma heterogênea. A diversidade de subjetividades aponta uma cultura juvenil plural que revela vários modos de apropriação do espaço urbano. Os jovens da pesquisa podem ser classificados em três grupos: aqueles que participam de grupos culturais (dança e música), esportivos (torcida organizada e esportes ao ar livre) e religiosos (evangélico e católico). Longe de ser apenas um lugar, o bairro é uma forma coletiva de produção de valores, de usos, de sociabilidades, de cultura, de memórias que se transformam com a atuação dos diversos agentes sociais que o habitam. O bairro é um lugar de afirmação da identidade juvenil e de transição entre o mundo infantil ao juvenil, como se ocorresse um rito de passagem oferecido pela associação a grupos diversos, elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil das camadas populares.

Os jovens da pesquisa movimentam-se em um espaço urbano duplamente marcado por exclusão: uma, pela privação de movimentação em outras partes da cidade, em virtude das condições socioeconômicas que determinam o estilo de vida desses jovens; outra, como pela própria restrição de circular livremente pelo bairro. A pesquisa indica que, ainda que haja violência e drogas no bairro, os jovens se recusam à privatização da sociabilidade. Contudo, andam cautelosamente pelo bairro, evitando os perigos, estratégia do grupo para manter-se longe da ação policial. O estudo aponta que os jovens vivenciam a violência produzida pela polícia e não pela população *criminosa* do bairro, já que sentem na pele o preconceito por viverem nesse local. Outro dado relevante é que ainda que o bairro seja reconhecido pela violência, os jovens afirmam gostar dele, um dos motivos para participarem da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo, um espaço simbólico de reconstrução da imagem do bairro, frequentemente apontado pela mídia como violento.

As redes sociais têm possibilitado a mudança do olhar dos bairros populares pelo olhar dos próprios moradores, o que produz modos de pensar, agir e sentir, no imaginário juvenil, em relação ao seu território. O sentimento de pertença ao bairro e a afirmação de ser jovem pobre em um bairro estigmatizado pela violência e precariedade

é de grande importância para esses jovens. A representação virtual simbólica do bairro é uma forma de contestação dos discursos preconceituosos produzidos pela mídia. A maioria dos jovens da pesquisa sente orgulho por ver o bairro na rede social. A representação virtual do ponto de vista da própria população significa uma oportunidade de mostrar ao mundo que o bairro tem outras representações para além do que é vinculado pela mídia. A representação positiva do bairro é uma tentativa de elevar os agentes do grupo a um *status* melhor no espaço social. A estratégia para adquirir capital simbólico e social tem como finalidade produzir melhores oportunidades de inserção no mundo social, sobretudo, para elevar o capital econômico, pois os jovens buscam tornarem-se visíveis e poderem vender sua força de trabalho. Outro aspecto evidenciado, é que, embora os jovens estejam restritos localmente, eles estão vinculados universalmente, por meio das TICs.

O acesso ao virtual acontece quase que exclusivamente por meio das *lanhouses* e as horas de navegação dos jovens variam de duas a treze diárias, como no caso de um dos jovens que trabalha em uma *lanhouse*. Percebe-se na investigação que o processo de socialização de conhecimento e aprendizagem ocorre nas *lanhouses* e nas redes sociais. Por meio de interações e relações de aprendizagem colaborativa e coletiva que estabelecem, os jovens pesquisados aprendem a usar o computador, a Internet, as redes sociais e os jogos *online*, e ainda que não dominem completamente a máquina ou o programa, o pouco ou o muito que sabem é suficiente para aprenderem a lidar com eles e transmitirem o seu saber a outros jovens. Em uma relação destituída de conflitos de gerações, que geralmente ocorre na escola, os jovens aprendem a respeitar a hierarquização dos sujeitos que detêm maior habilidade com a máquina. São interações que possibilitam aos jovens lançarem mão de estratégias educativas para aquisição de capital cultural para manterem-se no jogo, não como estratégias de reprodução, mas de recriação da realidade. Como bons jogadores, aprendem a lidar com os diversos saberes para manterem-se no universo sociocultural, negado pelas condições objetivas, pois conseguem lidar com as adversidades do meio, recriando uma realidade mais positiva.

O estudo também aponta que, além da aprendizagem colaborativa, os jovens, movidos pela curiosidade e necessidade, podem ser considerados autodidatas já que aprenderam a utilizar o computador, como editar vídeos e a manusear alguns programas por conta própria. Por meio de busca em *sites* da Internet, acessando *sites* que contêm apostilas de conteúdos de informática, manipulando o próprio programa, eles aprendem a usar ferramentas, próprias da Internet. Essa estratégia não somente os ajudam a

manterem-se, mas podem abrir caminhos para outras formas de trabalho. As ferramentas da *web* são tidas pelos jovens como instrumentos de ascensão no espaço social. Eles veem nelas a possibilidade de produzirem e divulgarem o seu trabalho em escala planetária, de modo a produzir efeito sobretudo no lugar do qual eles provêm: o próprio bairro ou a própria cidade.

Como o espaço virtual é um lugar de disseminação e produção das diversas expressões culturais, e não apenas da cultura hegemônica, as comunidades virtuais são tidas como lugares estratégicos de aquisição de capital cultural, social e simbólico. Na rede social de relacionamento, os jovens investigados apropriam-se do potencial de alcance da Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo, em especial, para se lançarem no mundo virtual e se tornarem visíveis aos olhos dos outros. Representando simbolicamente o bairro que vivem ou frequentam, a Comunidade Virtual Jardim Novo Mundo se torna um meio tanto de socialização desses jovens quanto um espaço de formação, em que eles discutem problemas como a violência existente no próprio bairro. Os jovens pesquisados exercem a prática de discussão sem o controle de instituições clássicas de socialização, que muitas vezes, tentam inculcar valores hegemônicos e repressores por meio de ações pedagógicas, mediante violência simbólica, pois as agências socializadoras tradicionais, como a família, escola, igreja reconhecem a autoridade exercida por certas pessoas e grupos e possuem autoridade pedagógica legitimada para transmissão de símbolos e signos culturais dos grupos hegemônicos.

A pesquisa também aponta uma possibilidade de investigação de apropriação das redes sociais do ponto de vista do gênero. Os jovens do sexo masculino percebem a rede como um espaço estratégico para elevar seu capital social e, sobretudo, simbólico, ao passo que as jovens, por outro lado, utilizam-na para comunicação com familiares e amigos. Os jovens utilizam a rede para realizar e divulgar o seu trabalho a fim de ganhar prestígio e projeção no grupo social, e as jovens se beneficiam da rede social para manter contato com a família distante ou com os amigos e amigas, por meio de fotos e conversas.

Na tentativa de compreender o modo como os jovens de camadas populares se apropriam-se da Internet, das redes sociais e das comunidades virtuais, percebe-se que o uso dessas ferramentas é feita de maneira estratégica para eles se manterem no mundo marcado por adversidade e dificuldade. Para sobreviverem às dificuldades das condições objetivas, os jovens investigados criam estratégias educativas no mundo

virtual para aquisição de capitais cultural, social e simbólico e poderem continuar agindo no mundo social, que apresenta as contradições de uma sociedade cindida pelas desigualdades sociais e disputa de poder. Como bons jogadores, aprendem a lidar com os objetos tecnológicos e se manterem inseridos no mundo social. Nesse sentido, reafirma-se que os resultados obtidos no processo de investigação desta pesquisa compõem uma reflexão acerca do propósito pretendido, os jovens de camada popular e as formas de sua inserção no mundo sociocultural.



## REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Escrita, 1994.

\_\_\_\_\_. *et al. Retratos da juventude brasileira: análise de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

AMARAL, Adriana; DUARTE, Renata F. Rocha. A subcultura *cosplay* no Orkut: comunicação e sociabilidade *online* e *offline*. In: BORELLI, Silvia H. S.; FILHO, João Freire (orgs.). *Culturas Juvenis no século XXI*. São Paulo: EDUC, 2008. p. 269-288.

BARBER-MADDEN, Rosemary; SABER, Bruno A. A situação dos jovens no mundo. In: \_\_\_\_\_, Rosemary; SANTOS, Taís de Freitas (orgs.). *A juventude brasileira no contexto atual e em cenário futuro*. Brasília: UnB, 2009, p. 18-39.

BARBOSA, Frederico; ARAÚJO, Herton. Juventude e cultura In: CASTRO, Jorge Abrão de; AQUINO, Luseni Maria C. de; ANDRADE, Carla Coelho de. *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: IPEA, 2009.

BERNARDES, Genilda D. Goiânia – cidade planejada e seus paradoxos. Palestra. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. 2001. Rio de Janeiro. Sociedade e cidadania: novas utopias, 2001.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de P. Bourdieu*. Trad. Lucy Magalhães. Petrópolis: Vozes, 2006.

BOURDIEU, Pierre A juventude é apenas uma palavra. In: \_\_\_\_\_. *Questões de sociologia*. São Paulo: Marco Zero, 1983.

\_\_\_\_\_. The social space and the genesis of groups. *Social Science Information* (Sage), London, v. 24, n. 2, p.195-220, 1985.

\_\_\_\_\_. Social space and symbolic power. *Sociology Theory*, Londres, v.7, n.1, p. 14-25, Spring, 1989.

\_\_\_\_\_. As contradições da herança. In: NOGUEIRA, Alice N.; CATANI, Afrânio (orgs.) *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998a.

\_\_\_\_\_. Excluídos do interior. In: \_\_\_\_\_ (coord.). *A miséria do Mundo*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro/Lisboa: Bertrand Brasil/Diefel, 1999.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. Mariza Corrêa: Campinas: Papirus, 2004.

BRANCO, Pedro. Paulo. M. Juventude e trabalho: desafios e perspectivas para as políticas públicas. In: ABRAMO, Helena. W. ; BRANCO, Pedro. Paulo. M. (orgs.). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 129-148.

BUCKNINGHAM, David. A posição da produção: a educação para a mídia e a produção de mídia pelos jovens no Reino Unido. In: CARLSSON, Ulla; FEILITZEN, Cecília Von (orgs.). *A criança e a mídia: imagem, educação e participação*. São Paulo: Cortez, Brasília: UNESCO, 2002. p. 251-261.

CARLOS, Ana F. *Cidade: o homem e a cidade, a cidade e o cidadão, de quem é o solo urbano?* 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

CANEZIN, Maria Tereza G. O conceito de habitus na teoria da prática: fundamentos do diálogo de Bourdieu como pensamento Durkheimiano. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à teoria e ao método em ciências sociais e educação*. Goiânia: Editora da UCG, 2001, p. 94-111.

\_\_\_\_\_. A fertilidade da produção sociológica de Bourdieu para Ciências Sociais e Educação. In: ROSA, Dalva E.G. ; SOUZA, Vanilton Camilo (orgs.) *Didáticas e práticas de ensino: interfaces com diferentes saberes e lugares formativos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002a, p. 85-101.

\_\_\_\_\_; CHAVES, Elza G.; QUEIROZ, Edna M. Contribuições conceituais sobre juventude e suas relações com o trabalho e a educação. In: *Interação* Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (UFG), v. 27, n. 1, p. 1-30, Goiânia, jan./jun. 2002b.

\_\_\_\_\_; QUEIROZ, Edna M. O. *Jovens e ações públicas: espaços educativos de formação*. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalho/GT03-2128--Int.pdf>> Acesso em 30 jun. 2010.

\_\_\_\_\_ *et al.* *Juventude, educação e campo simbólico*. Goiânia: Editora UCG, 2007.

\_\_\_\_\_ *et al.* *Estudos sobre jovens e processos educativos na contemporaneidade*. Goiânia: Editora UCG, 2008.

\_\_\_\_\_; Maria Tereza Guimarães; DUARTE, Aldimar Jacinto. Jovens da educação de jovens e adultos (EJA): escola e o trabalho na mediação entre o presente e o futuro. In: *Anped Nacional*, 33. Anais, Caxambu, 2009.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. *Goiânia, travessias sociais e paisagens cindidas*. Goiânia: Editora da UCG, 2007.

COMITÊ Gestor da Internet no Brasil. Pesquisa sobre uso das tecnologias da informação e comunicação no Brasil 2008. Disponível em: <<http://www.cetic.br/tic/2008/index.htm>>. Acesso em: maio 2009.

CORBUCCI, Paulo *et al.* Situação educacional dos jovens brasileiros. In: CASTRO, Jorge A. de; AQUINO, Luseni M. C. de; ANDRADE, Carla C. de (orgs.) *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.

CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventudes: as identidades são múltiplas. *Movimento*. Revista da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF). Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 11-27, maio 2000.

CASTELLS, Manuel A.. *A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura*. 10. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007, v. 1.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. *Rev. Bras. Educ.* [online]. 2003, n.24, pp. 40-52. ISSN 1413-2478. doi: 10.1590/S1413-24782003000300004.

\_\_\_\_\_. *Juventude, grupos culturais e sociabilidade*. In: Reunião da Associação Brasileira de Antropologia. Salvador, jun. , 2004, Mimeo. Disponível em <http://www.fae.ufmg.br/objuventude/textos/ABA2004.pdf>. Acesso em: 6 maio 2010.

\_\_\_\_\_. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte; Ed. da UFMG, 2001.

FRIGOTTO, Gaudêncio. Juventude, trabalho e educação no Brasil: perplexidades, desafios e perspectivas. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (orgs.). *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, p. 180-216.

GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

GONZÁLES, Roberto. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? In: CASTRO, Jorge A de; AQUINO, Luseni M. C. de; ANDRADE, Carla C. de (orgs.). *Juventude e políticas sociais no Brasil*. Brasília: Ipea, 2009.

GUIMARAES, Nadya A. Trabalho: uma categoria-chave no imaginário juvenil? In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs.) . *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005, p. 149-174.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do fim dos territórios à multiterritorialidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 16. ed. São Paulo: Loyola, 2007.

IBGE 2000. Disponível em < [http://www1.ibge.gov.br/home/mapa\\_site/mapa\\_site.php#indicadores](http://www1.ibge.gov.br/home/mapa_site/mapa_site.php#indicadores)>. Acesso em: 12 abr. 2009.

ISLAS, José Antonio P. Juventude: um conceito em disputa. *In: CANEZIN, Maria Tereza G; SOUZA, Sônia M. G. (orgs.). Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas.* Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: Ed. da UFG: Cânone Editorial, 2009, p. 17-46.

LÉON, Oscar D.. Uma revisão das categorias de adolescência e juventude. *In: CANEZIN, Maria Tereza G.; SOUZA, Sônia M. G. (orgs.). Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas.* Brasília: Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Goiânia: Ed. da UFG: Cânone Editorial, 2009a, p. 47-76.

\_\_\_\_\_. Médios de Información y uso de Internet. *In: IBASE. Juventudes sul-americanas: diálogos para a construção da democracia regional.* São Paulo: Ibase; Instituto Polis, 2009b.

LEFEVRE, Henri. *La presencia y la ausencia: contribución a la teoría de las representaciones/Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1983.*

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea.* 4. ed. Porto Alegre: Editora Sulina, 2008.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?.* São Paulo, Editora 34, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cibercultura.*; tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. *A conexão planetária: o mercado, o ciberespaço, a consciência.* Tradução de Maria Lúcia Homem e Ronaldo Entler. São Paulo: Editora 34, 2001.

LUSTYIK, Katalin. Vivemos uma cultura mundial compartilhada? *In: MAZZARELLA, Sharon R. et al. Os jovens e a mídia: 20 questões.* Trad. Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

MAMEDE-NEVES, Maria Aparecida C.. O jovem no centro da dimensão oculta da Internet. *In: NICOLACI-da-COSTA, Ana Maria. (org.) Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação.* Rio de Janeiro: Ed da PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. *La juventud es más que una palabra.* Buenos Aires: Biblios, 1996.

MONTENEGRO, Tangriane. Jovens mulheres estudantes e a cultura corporal: mecanismos de distinção de corpo nas academias de ginástica. *In: CANEZIN, Maria Tereza G. (org.) Estudos sobre jovens e processos educativos na contemporaneidade.* Goiânia: Editora da UCG, 2008.

MARTINS, Wilmont de M. A juventude urbana e sua relação com o espaço. *In: Paula, Flávia M. de A.; CAVALCANTI, Lana de S.. A cidade e seus lugares.* Goiânia: Editora Vieira, 2007, p. 201-219.

MICROSOFT/MTV. *Circuits of cool.* 2006/2007. Disponível em: <<http://advertising.microsoft.com/uk/msnmtv-circuits-of-cool-social-networks>>. Acesso em: 13 maio 2008.

NOGUEIRA, Alice; NOGUEIRA, Cláudio, M. M.. *Bourdieu e a educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

NOVAES, Regina. Os jovens "sem religião": ventos secularizantes, "espírito de época" e novos sincretismos. Notas preliminares. *Estudos. avançados*, São Paulo, v. 18, n. 52, Dec. 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142004000300020&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300020&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 Aug. 2009.

\_\_\_\_\_, Regina. Os jovens de hoje: contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel M. de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Sociabilidade virtual: separando o joio do trigo. *Psicologia e Sociedade*., Porto Alegre, v. 17, n. 2, ago. 2005a. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822005000200008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822005000200008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

\_\_\_\_\_. O cotidiano nos múltiplos espaços contemporâneos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 21, n. 3, Dec. 2005b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-37722005000300014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722005000300014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 31 ago. 2010.

OBSERVATÓRIO da metrópolis. Análise das regiões metropolitanas do Brasil Relatório de pesquisa: Como anda a metrópole goianiense.2005. Disponível em <[http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/como\\_anda/como\\_anda\\_RM\\_goiania.pdf](http://www.observatoriodasmetrosoles.ufrj.br/como_anda/como_anda_RM_goiania.pdf)>. Acesso em 15 jan. 2010.

ORTIZ, R. Gostos de classe e estilos de vida. In: \_\_\_\_\_. (org). *Pierre Bourdieu*. São Paulo : Ática, 1983, p 82- 121. Disponível em:<<http://www.scribd.com/doc/28211216/Renato-Ortiz-Pierre-Bourdieu-Sociologia>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

PAIS, José Machado. *Culturas juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa Moeda, 1993.

\_\_\_\_\_. Pesquisa acadêmica, vida cotidiana e juventude: desafios sociológicos: O poder das máscaras: ocultações e revelações. Disponível em: <[www.anped.org.br/.../sessao%20especial%20-%20jose%20machado%20pais%20-%20int.pdf](http://www.anped.org.br/.../sessao%20especial%20-%20jose%20machado%20pais%20-%20int.pdf)>. 2007.> Acesso em: 20 mar 2010.

\_\_\_\_\_. Máscaras, jovens e “escolas do diabo”\*. In: *Revista Brasileira de Educação* v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.

\_\_\_\_\_. “Buscas de si: expressividade e identidades juvenis”. In: ALMEIDA, Maria Isabel M. de; EUGENIO, Fernanda (orgs.). *Culturas jovens: novos mapas do afeto*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2006.

PEIXOTO, Joana. Culturas digitais juvenis e as funções das tecnologias de informação e de comunicação na escola. In: GALVÃO, Afonso; SANTOS, Gilberto L. (orgs.). *Educação: Tendências e desafios de um campo em movimento*. Brasília: Líber Livro Editora; Anped, 2008.

\_\_\_\_\_. *Compreender a técnica*. Goiânia: 2009. Artigo não publicado

\_\_\_\_\_. *Tecnologia e Inovação*. Goiânia: 2007. Artigo não publicado

PENAGOS, Rafael Á. *La formación de subjetividades: un escenario de luchas culturales*. Bogotá: Ediciones Antropos, 2007. p 19-43.

POCHMANN, Márcio. Juventude em busca de novos caminhos no Brasil. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo. *Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

QUADROS, Waldir. Perfil social do emprego recente: texto para Discussão. IE/UNICAMP n. 156, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/textosdiscussao/texto156.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2010.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REGUILLO, Rossana. Las culturas juveniles: un campo de estudio: breve agenda para la discusión. *Revista Brasileira de Educação*. Rio de Janeiro. n. 23, p. 103-118, maio-ago., 2003

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico informacional*. São Paulo: Editora Hucitec, 1994.

\_\_\_\_\_. *Por uma outra globalização*. Do pensamento único à consciência universal. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. Parte 10 do Capítulo III, Partes 29 e 30 do Capítulo VI, p. 61-69 e p. 159-173.

SILVA, Fabiany de Cássia T. Escola e cultura escolar. In: MONTEIRO, Filomena Maria de A. ; MULLER, Maria Lúcia R. ( orgs.) *Educação como espaço de cultura*. Cuiabá: Editora da UFMT/CAPES, 2006.

SILVA, Carlos Alberto F; TANCMAN, Michele. A dimensão socioespacial do Ciberespaço: uma nota. *GEOgraphia*. Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 55-66, 1999. Disponível em: <[www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../16](http://www.uff.br/geographia/ojs/index.php/geographia/article/.../16)>. Acesso em: 2 fev. 2009.

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SPOSITO, Marília. P. A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. *Tempo Social: revista de sociologia da USP*. São Paulo, v.5 n. 1 e 2, p.161-178, 1993.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Helena W.; BRANCO, Pedro Paulo M. (orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

\_\_\_\_\_(coord.). *Espaços públicos e tempos juvenis: um estudo de ações do poder público em cidades de regiões metropolitanas brasileiras*. São Paulo: Global, 2007.

STERN, Susannah R; WILLIS, Taylor J. O que os adolescentes estão querendo on-line? In: MAZZARELLA, Sharon R. *et al. Os jovens e a mídia: 20 questões*. Trad. Sandra Maria Mallmann da Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. *Revista Brasileira de Educação*. Maio-ago., nº23. Campinas: Autores Associados, 2003.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 4.ed., 1987.

## ANEXO 1

### PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS NÚCLEO DE PESQUISAS EM EDUCAÇÃO – Nupe

#### Roteiro do questionário aplicado aos Jovens

#### Comunidade virtual: espaços de sociabilidade e formação juvenil?

Este questionário foi elaborado com o objetivo de obter informações a respeito da realidade sociocultural do jovem. Responda-o com sinceridade. Para responder, marque com um X.

Endereço: \_\_\_\_\_ Telefones: \_\_\_\_\_

e-mail: \_\_\_\_\_

MSN: \_\_\_\_\_

1 Sexo:

masculino       feminino

2 Idade: \_\_\_\_\_

3 Como você se considera:

negro       branco

pardo       índio

4-Territorialidade

4.1 Onde você nasceu? \_\_\_\_\_

4.2 Em que estado? \_\_\_\_\_

4.3 Por que veio para a cidade onde mora?

para estudar       para tratamento de saúde

para trabalhar       motivos familiares

outros \_\_\_\_\_

Para todos responderem

4.4 Em que cidade/município você mora? \_\_\_\_\_

4.5 Há quanto tempo mora nessa cidade? \_\_\_\_\_

Em que bairros você já morou em Goiânia ? \_\_\_\_\_

Cite dois aspectos em ordem de importância de que você mais gosta em seu bairro?.

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

Cite dois aspectos em ordem de importância de que você menos gosta em seu bairro?

1. \_\_\_\_\_

2. \_\_\_\_\_

5 Família

Estado civil:

solteiro       divorciado

casado       separado



mora junto  viúvo

5.2 Tem filhos?

sim.  não

Quantos? \_\_\_\_\_

Quem cuida deles? \_\_\_\_\_

5.3 Com quem você mora? Marque uma ou mais opções:

- pai  mãe  
 irmãos solteiros  irmãos casados  
 avô/avó  sobrinhos  
 tios  primos  
 com o companheiro/a e filhos

5.4 Quantas pessoas moram na sua casa (contando com você)? \_\_\_\_\_

## 6 Aspectos socioeconômicos da jovem e da família

6.1 Como você se sustenta? ( enumere em ordem de prioridade)

- vivo com a minha própria renda  
 sou sustentado pela família  
 sou sustentado por parentes  
 ajuda do governo. Qual? \_\_\_\_\_

6.2 - Você trabalha?

sim  não

O que faz? \_\_\_\_\_ onde? \_\_\_\_\_

6.3 Se você trabalha ou já trabalhou, com quantos anos começou a trabalhar?

antes dos 14 anos  dos 14 aos 18 anos  acima dos 18 anos

6.5 Quantas horas você trabalha por dia?

quatro horas  seis horas  oito horas  nove horas ou mais

6.6 Seu trabalho é:

fixo  temporário

6.7 Tem carteira assinada?

sim  não

6.8 Aproximadamente, quanto você ganha por mês? \_\_\_\_\_

Questões 6.9 a 6.11 ( para os que não trabalham)

6.9 Se não trabalha, já trabalhou?

sim  não

6.10 Que tipo de trabalho você fazia? \_\_\_\_\_



6.22 Seu pai está trabalhando?

sim  não

Em quê? \_\_\_\_\_

6.23- Sua mãe está trabalhando?

sim  não

Em quê? \_\_\_\_\_

## 7 Aspectos educacionais

Para todos responderem:

7.1 Qual período você cursa na escola

matutino  vespertino  noturno

7.2 A sua escola fica próxima

do trabalho  da escola  da escola e do trabalho

7.3 Você parou de estudar alguma vez em sua vida?

sim  não

Quantas vezes? \_\_\_\_\_

Por quê? \_\_\_\_\_

7.4 Por que voltou a estudar?

\_\_\_\_\_

7.5 Cite as escolas nas quais estudou \_\_\_\_\_

7.6 Do que você mais gosta na sua escola?

\_\_\_\_\_

7.7 Do que você menos gosta na sua escola?

\_\_\_\_\_

7.8 Você frequenta a escola todos os dias? \_\_\_\_\_

## 8 Aspectos da religião

Para todos responderem:

8.1 Você tem religião?

sim  não

Qual? \_\_\_\_\_

8.2 Você é praticante?

sim  não

8.3 Qual é a igreja/templo/centro/terreiro que você mais frequenta? \_\_\_\_\_

8.4 Quando tempo você participa de seu igreja? \_\_\_\_\_

8.5 Você mudou de religião? \_\_\_\_\_ Você é capaz de situar em que momento e porque você se converteu \_\_\_\_\_

## 9 Ser jovem

9.1 Qual o meio que você mais utiliza para se manter informado/informada sobre os acontecimentos atuais? (marque os três mais importantes)

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> jornal escrito          | <input type="checkbox"/> jornal falado (TV)                 |
| <input type="checkbox"/> jornal falado (rádio)   | <input type="checkbox"/> revistas (Veja, Isto É, etc.)      |
| <input type="checkbox"/> conversando com pessoas | <input type="checkbox"/> pelos professores, na sala de aula |
| <input type="checkbox"/> não se mantém informado | <input type="checkbox"/> Internet                           |

9.2 Você participa de algum do agrupamento? ( Marque 1,2,3 por ordem de importância)

- |   |   |
|---|---|
| <input type="checkbox"/> sindicato. Qual? E onde? | <input type="checkbox"/> esportivo            |
| <input type="checkbox"/> grupo religioso          | <input type="checkbox"/> grupo ambiental      |
| <input type="checkbox"/> associação de bairro     | <input type="checkbox"/> grupo musical        |
| <input type="checkbox"/> sindicato                | <input type="checkbox"/> grupo esportivo      |
| <input type="checkbox"/> partido político         | <input type="checkbox"/> comunidades virtuais |
| <input type="checkbox"/> associação de bairro     | <input type="checkbox"/> grupo musical        |
| <input type="checkbox"/> outros                   |   |

Quais? \_\_\_\_\_

- não participo de nenhum grupo

9.3 O que você faz no seu tempo livre? Escolha até três opções por ordem de importância e enumere-as ( 1,2,3)

- |  |   |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> visita a amigos/familiares                                      | <input type="checkbox"/> encontros religiosos                     |
| <input type="checkbox"/> barzinho e choperia   | <input type="checkbox"/> passeio no <i>shopping</i>               |
| <input type="checkbox"/> cinema  | <input type="checkbox"/> teatro                                   |
| <input type="checkbox"/> danceteria  | <input type="checkbox"/> futebol                                  |
| <input type="checkbox"/> jogos eletrônicos na Lanhouse                                   | <input type="checkbox"/> assiste televisão. Que programas? _____  |
| <input type="checkbox"/> computador  | <input type="checkbox"/> passeios nos parques ou praças da cidade |
| <input type="checkbox"/> eventos musicais  | <input type="checkbox"/> dormir                                   |
| <input type="checkbox"/> viagens nos finais de semana (chácaras, cidades próximas, etc.) |   |
| <input type="checkbox"/> não pratico nenhum lazer  | <input type="checkbox"/> festa de som automotivo                  |
| <input type="checkbox"/> <i>Raves</i>  | <input type="checkbox"/> balada eletrônica                        |
| <input type="checkbox"/> outros locais ou outras atividades. Quais?                      |   |

9.4. Em qual dessas atividades você se sente como jovem? \_\_\_\_\_

9.5 Com quem você realiza essas atividades?

- |  |  |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> sozinho               |  |
| <input type="checkbox"/> em grupo. Qual? _____ |  |
| <input type="checkbox"/> sozinho               | <input type="checkbox"/> com outra família (parentes ou amigos de seus pais) |
| <input type="checkbox"/> com amigos            | <input type="checkbox"/> no local de trabalho                                |

## ANEXO 2

### Roteiro de entrevista com os jovens

#### Computador

- 1 Você utiliza o computador?
- 2 Como você aprendeu a usar o computador?

#### Internet

- 3 Em quais lugares? casa, na LH, no trabalho, casa de amigos?
- 4 Você faz uso da Internet? Para que?

#### Orkut

- 5 Você é membro do *Orkut*?
- 6 Como é ter um perfil no *Orkut*?
- 7 Como você aprendeu a preencher o *Orkut*?
- 8 Qual a importância do *Orkut* para você?
- 9 Como é ter um perfil no *Orkut*?
- 10 É importante ter um número grande de amigos adicionados no *Orkut*? Por quê?
- 11 Qual a função de você está ligado no *Orkut*?
- 12 Qual a importância de você se ver na Internet, no *Orkut*, as suas fotos e sua vida?
- 13 O que está escrito no seu perfil no *Orkut* é você mesmo?
- 14 Quantas vezes você acessa o seu perfil e quantas horas por dia você faz uso do *Orkut*?
- 15 Aquelas pessoas que você adicionou são seus amigos mesmo? Você as conhece?
- 16 Você adiciona pessoas que você não conhece?

#### Comunidades virtuais

- 17 Você participa de comunidades virtuais?
- 18 de quantas comunidades você é membro?
- 19 Como você se sente pertencendo a uma comunidade?
- 20 Como você escolhe as comunidades das quais você se torna membro?
- 21 Qual a frequência do acesso?
- 22 Quais comunidades você mais acessa? Por quê?
- 23 De quais comunidades você participa mais? Por quê?
- 24 Qual a importância de ser membro de uma certa comunidade e não de outra?
- 25 Existem aquelas comunidades que dão mais status ou poder?
- 26 Como você participa da comunidade?
- 27 Pelas comunidades dá para saber quem você é?
- 28 Quais comunidades de que você é membro expressam mais a sua identidade?
- 29 Você é membro de alguma comunidade que não tem nada a ver com você?
- 30 Você se torna membro de alguma comunidade só porque dá mais popularidade aos seus membros?
- 31 Você participa das discussões? Das enquetes?
- 32 Você alimenta o seu perfil de quanto em quanto tempo?
- 33 Qual o motivo de participar da comunidade Jardim Novo Mundo (JNM)?

- 34 É importante estar na comunidade Jardim Novo Mundo, já que você mora aqui?  
 35 Tem alguém na comunidade JNM que se destaca? Quem? Por quê?  
 36 Você acha importante o bairro ser representado na Internet?  
 37 O que você sente ao ver que o seu bairro está na Internet?  
 38 Qual o sentido para você participar da comunidade JNM?  
 39 Como é feita a comunicação entre vocês membros da comunidade JNM?  
 40 Existem conflitos na comunidade virtual? Como eles são resolvidos?  
 41 Você acha que a comunidade JNM representa o mesmo bairro?  
 42 Qual a sua relação com o bairro JNM?  
 43 Qual o seu sentimento de pertencer a esse bairro e nele morar?  
 44 Quais os principais assuntos que vocês debatem? Quem define os assuntos? Por que eles são importantes?  
 45 Na comunidade JNM discute vários temas relacionados ao bairro, mas não tem nada relacionado às escolas do bairro. Por quê?

### **Escola**

- 46 Onde você estuda?  
 47 Qual a sua relação com a escola?  
 48 A escola valoriza outras formas de comunicação entre os jovens, como o *Orkut*, por exemplo.  
 49 Na sua escola tem computador, vocês o utilizam? De que maneira e frequência?  
 50 Os professores falam sobre as comunidades virtuais? Sobre o mundo dos jogos? Da Internet?  
 51 A sua escola tem *Orkut*?  
 52 Você acha que tem alguma relação entre o que você aprende com o computador e o que você aprende na escola?  
 53 Qual a importância da escola para você?  
 54 Qual a importância do computador para você?  
 55 Qual a importância da Internet para você?  
 56 Qual a importância desses *sites* de relacionamento pra você?  
 57 Quais são os outros meios de comunicação que você utiliza para comunicar com seus amigos?

### **Trabalho**

- 58 Você trabalha? Em quê? Se não, já trabalhou? Em quê?

### **Família**

- 59 Como é sua família? Quantas pessoas são? Todos moram juntos? (Investigar relação dos pais)  
 60 Vocês vieram de outra cidade? Qual? Por que vieram para cá?  
 61 Participam de algum programa social? (ver o sentimento que o jovem tem sobre isso)  
 62 Seus pais trabalham? Em que eles trabalham? Eles estudaram também? O que fizeram? Seus irmãos, o que fazem? Estudaram o que? Idade dos irmãos? Trabalham? Em quê?

- 63 Quem sustenta a família?
- 64 Há outras pessoas da família em Goiânia? Quem?
- 65 Fale do seu relacionamento com sua família, com os pais, irmãos, ou outras pessoas que fazem parte de sua vida?
- 66 Como é a diversão de vocês?
- 67 Sua família é importante na sua vida? Por quê? Como?
- 68 De certo modo sua família influencia suas escolhas?
- 69 Você acha que sua família espera alguma coisa de você?
- 70 Se você fosse definir sua família, o que diria?
- 71 Você tem religião? Pratica esta religião? Faz tempo?
- 72 Todos da sua família praticam essa religião? (investigar conflito religioso)
- 73 Fale um pouco o que representa sua religião para você?
- 74 A religião ajuda você? Como ajuda? (se não ele e a família?)
- 75 Há quanto tempo você e/ou sua família participam desta religião?
- 76 Vocês ajudam a Igreja? Como ajudam?
- 77 E a profissão de seus pais? Eles ainda trabalham? Em quê?
- 78 Seus pais estudaram? Até que nível cursaram? (Se for casado, perguntar sobre o cônjuge)
- 79 Outras pessoas trabalham na sua casa? Alguém está sem trabalhar (desempregado)?
- 80 Você trabalha? Se trabalha: (Observar serviços voluntários)
- 81 Onde? O que faz?
- 82 Onde você aprendeu a fazer o seu trabalho?
- 83 O que você tem aprendido aqui na escola tem ajudado na sua relação com seu trabalho?
- 84 Como é o seu trabalho? O trabalho exige escolaridade?
85. O seu trabalho exige conhecimentos relacionados às novas tecnologias?
86. Você já teve ou tem treinamento no trabalho?
87. Há quanto tempo trabalha? Como arranhou este trabalho?
- 88 Teve outros empregos antes? Perdeu o emprego? Por quê? (Que tipos de trabalhos teve na vida?)
- 89 Desde que idade começou trabalhar? Por quê? Onde começou a trabalhar?
- 100 Já participou de algum programa de preparo para o trabalho? Ex: Agente Jovem, Pró-jovem, Gente Cidadã
- 101 Já fez cursos profissionalizantes? Qual e onde?
- 102 O que achou desses cursos?
- 103 Como é seu trabalho? Sua carga horária? Como vai para seu trabalho? Quanto tempo gasta?
- 104 Como você faz suas refeições?
105. Você é remunerado? Acha que recebe de acordo com o que produz?
- 106 Tem carteira assinada? Se não tem, por quê?
- 107 Como você se relaciona com seu chefe? E com as pessoas no trabalho?
- 108 Como é o ambiente do seu trabalho?
- 109 O que você pensa de ser jovem e já ser trabalhador?
- 110 Você teve que passar por testes para este emprego? Como foi?
- 111 Hoje o que você já sabe fazer em matéria de trabalho? O que já aprendeu?
- 112 Você está satisfeito com seu trabalho? Por quê?
- 113 Qual o sentido do trabalho para você? O que você acha do trabalho na sua vida?Pense assim: para que ele serve? Para minha família, para mim, para ganhar dinheiro, para aprender, para crescer?

- 114 O que sua família diz do seu trabalho?
- 115 Você ajuda sua família com sua renda?
- 116 Que relação você consegue ver entre a escola e o trabalho?
- 117 O que você espera para seu futuro profissional?
- 118 Você acha que o curso que você escolheu vai ajudá-lo no trabalho?
- 119 Este trabalho atual vai ajudar você no futuro?

**Para os que não trabalham:**

- 120 Por que Você não trabalha?
- 121 Tem vontade de trabalhar?
- 122 Já trabalhou alguma vez?
- 123 Se já trabalhou, porque não está trabalhando no momento?
- 124 Há quanto tempo está sem trabalhar?
- 125 Você colabora com seus pais nas atividades de casa?
- 126 Quem o sustenta?
- 127 O que seus pais pensam sobre o fato de você não trabalhar?
- 128 O que você sente pelo fato de não trabalhar?
- 129 Tem planos em relação ao trabalho?